



Casa
Fernando
Pessoa

14
FEV
'19

COLÓQUIO

Novos Estudos Pessoanos



Em Fevereiro de 2017, investigadores dedicados a Fernando Pessoa reuniram-se na Fundação Calouste Gulbenkian para o mais recente Congresso Internacional sobre o escritor. Desde então, anualmente, nessa altura, a Casa Fernando Pessoa procura que se faça um ponto de situação do novo conhecimento nesta área. Pesquisas recentes, novas leituras, últimas publicações são apresentadas e debatidas, actualizando-se em público a investigação sobre Pessoa.

Índice

Carlos Pittella

Perdidos & Achados: editar a biografia
pessoana de Hubert Jennings5

Fernando Beleza

Pessoa, cosmopolitismo e império (resumo).....35

Pedro de Azevedo

A avaliação da biblioteca particular
de Fernando Pessoa36

Rita Catania Marrone

Uma descoberta recente na Biblioteca
de Fernando Pessoa: a segunda cópia
de Magick, de Aleister Crowley (resumo).....74

Steffen Dix

Necessidade de uma reclassificação da biblioteca
particular de Fernando Pessoa (resumo).....75

Teresa Filipe

Pessoa, tradutor sucessivo de Shakespeare.....76

Teresa Monteiro

Doação José Blanco – tratamento e digitalização ..90

Notas biográficas.....94

Comunicações e resumos

CARLOS PITTELLA

Perdidos & Achados:
editar a biografia
pessoana de
Hubert Jennings

1 - Brown University, Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros; Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Estudos de Teatro.

Like others, I wrote a book to ‘explain’ Pessoa but which got no farther than the rest. But I did not try to pin on to it any preconceived theories and, knowing the background better and falling upon some unpublished material, I was able to throw more light on Pessoa’s stay in South Africa.²

(JENNINGS, 1979: 21)³

I. Arcas

No mito, tudo que o rei Midas tocava virava ouro. No que tange a Fernando Pessoa, tudo costuma virar, mais do que ouro,⁴ mito. Por exemplo, goza de contornos míticos o baú em que o poeta armazenava as dezenas de milhares de seus papéis, os quais, em sua maior parte, se encontram hoje à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa. Esse baú – celebrado como “a arca de Pessoa” (*vide* DIX e PIZARRO, 2007; SEPÚLVEDA, 2014: 55-56) – tornou-se um símbolo da materialidade dos estudos pessoanos, aspecto enfatizado por investigadores que buscam embasar artigos, não apenas em teorias literárias, mas em evidências encontradas nos papéis guardados pelo poeta (*vide* PIZARRO, 2009). Como objeto material meramente continente (i.e., sem o conteúdo dos papéis pessoanos), a arca em si foi adquirida pelo valor de 59 500 euros⁵, num leilão ocorrido em 2008, por um colecionador particular que não se quis identificar na altura – como convém a um bom mistério. Numa fotografia tirada entre 1935 e 1969 (i.e., entre a morte de Pessoa e o princípio da inventariação do seu espólio), vê-se a arca abarrotada de papéis, contra o pano de fundo da biblioteca particular do poeta (fig. 1).

Entretanto, tudo o que concerne a Pessoa não apenas se mitifica, mas também se multiplica: à arca de Pessoa somam-se hoje outras arcas pessoanas, que investigadores acabam por descobrir por pertinácia ou pura sorte. No caso da pertinácia estarão as descobertas, por exemplo, das coleções particulares do poeta Alberto de Serpa e do arquiteto Fernando Távora, das quais emergiram papéis que um dia pertenceram ao espólio pessoano (*vide* VIZCAÍNO, 2017; VIZCAÍNO & PIZARRO, 2018); por vezes, a reconstrução de um texto pessoano pode passar por três arquivos – ou “arcas” – diferentes, como ilustra a edição do poema

2 - Tradução: “Como outros, escrevi um livro para ‘explicar’ Pessoa, mas que não foi mais longe que os demais. Contudo, não tentei impor-lhe quaisquer teorias preconcebidas e, conhecendo bem o pano de fundo e tendo encontrado algum material inédito, pude esclarecer um pouco mais a estada de Pessoa na África do Sul.”

3 - Salvo indicação em contrário, todas as traduções são da responsabilidade do autor.

4 - Num leilão ocorrido em 2008, um mero documento escrito por Pessoa (com a frase inicial “Todo o nacionalismo superior é um universalismo especial”) teve uma base de licitação de 6000€. Considerando-se a cotação do ouro de 20 de Março de 2018 (36,87€/g), o valor daquele papel pessoano leiloadado em 2008 equivaleria, pois, a 163 g de ouro. Para uma comparação do valor monetário dos papéis pessoanos ao de documentos de celebridades como Proust, Dundas e Napoleão, *vide* ALDABALDE (2018: 30).

5 - Mantendo-se a mensuração dos objetos pessoanos pela cotação áurea, a arca do poeta teria custado mais do que 1,5 kg de ouro.

dramático “Juliano em Antioquia” (PITTELLA, 2017a). No caso da pura sorte estará, seguramente, a descoberta dos papéis de Hubert D. Jennings (fig. 2):

*in May 2013, [...] Peter Ibbotson, the husband of Hubert’s granddaughter, Jeannine, discovered a large box stowed in the rafters of his Johannesburg garage. The box contained an archive of Hubert’s papers and books, enough to fill a small trunk. That material fell into two quite different parts. One was a mass of literary papers, correspondence, and the typescript of an unpublished book about Pessoa. [...] The other part of the archive consisted of four hardcover notebooks.*⁶

(HART, 2015: 468-469)

Logo após ter sido achada, a grande caixa (“a large box”) seria enviada pelos herdeiros de Hubert para Nova Iorque, ficando aos cuidados de Matthew Hart, escritor que então preparava um livro biográfico sobre a família Jennings (*vide* HART, 2016). Por sua vez, Hart contactaria uma série de investigadores pessoanos, iniciando um processo que culminou na doação do arquivo literário de Hubert Jennings, em 2015, para a Brown University, onde hoje integra a coleção da John Hay Library.⁷ Os quatro cadernos de capa dura mencionados (“four hardcover notebooks”), totalizando mais de seiscentas páginas, eram os volumes manuscritos das memórias de Jennings, intitulados pelo autor *A Cracked Record* – cada caderno indicado por um algarismo romano acrescido a esse título; destaca-se, entre esses volumes, uma descrição do serviço militar de Hubert junto ao exército britânico, durante a Primeira Guerra Mundial (fig. 3). Já o livro inédito sobre Fernando Pessoa (“an unpublished book about Pessoa”) consistia nalgumas versões dactilografadas de *Fernando Pessoa, The Poet with Many Faces*, uma biografia e antologia que Jennings tinha começado a escrever em 1968 e que planejava publicar ainda nos anos 1970, quando circunstâncias históricas e biográficas interromperam os planos editoriais (fig. 4). O livro – ainda hoje a primeira biografia em inglês de Fernando Pessoa – teria de esperar meio século para chegar às livrarias. Busca-se, neste artigo, resgatar a memória desta obra pioneira, discutindo-se a sua importância para os estudos pessoanos e os seus desafios de edição.

6 - Tradução: “em Maio de 2013, [...] Peter Ibbotson, marido da neta de Hubert, Jeannine, descobriu uma grande caixa guardada entre as vigas da sua garagem em Joanesburgo. A caixa continha um arquivo de documentos e livros de Hubert, o suficiente para encher um pequeno baú. O material dividia-se em dois grupos bastante diferentes. Uma parte era um amontoado de artigos literários, correspondência e o dactiloscrito de um livro inédito sobre Pessoa. [...] A outra parte do arquivo consistia em quatro cadernos de capa dura”.

7 - Sempre que um documento citado pertencer ao espólio Jennings da John Hay Library, indicar-se-á tal procedência como “Hubert Jennings Papers”; a coleção está digitalizada e é acessível via <https://repository.library.brown.edu/studio/collections/id_722/>.



© C. PITTELLA

Figs. 1 e 2: Arca de Pessoa em 1935-1969 (col. particular) e envelope do arquivo Jennings em 2015

64

and I saw a coffin float past and
disappear in the tunnel beyond.

ZONNEBEKE

After spending two days in the
ruined city, we marched out through the
Menin Gate (or what was left of it) to join
the battalion which was posted at Zonnebeke.
(the Sunnybrook!) at the apex of the Ypres salient.
It was dark when we left, huddling along
the faded centre of the road, burdened with
all kinds of provisions and gear, besides the
customary 60 lbs of our equipment and
ammunition. Soon we found ourselves confronted
on either side by a marvellous pyrotechnic
display. On our right, was a vast plain
as though an enormous furnace had
been opened. This we learned afterwards
was Hill 62, which our mines had
blown up, the first, I believe, of such actions
and this had stirred the F.P.'s on the other
side into furious activity. The 'Tuck Pigs'
have had something up their tails
remarked one chap who had been out before
and we were learning the jargon. But
mostly we just shimmied on over the cobbles -
watching the heavy lights roar upwards.

Figs. 3: Página de *A Cracked Record* sobre a Primeira Guerra Mundial (H. Jennings Papers)

CONTENTS

<u>CHAPTERS</u>	<u>PAGE</u>
I INFANCY	1
II SOUTH AFRICA	9
III LISBON REVISITED	39
IV FOREIGN CORRESPONDENT	50
V TO PRETEND IS TO KNOW	56
VI THE SHEPHERD AND HIS DISCIPLES	
Alberto Caeiro	61
Álvaro de Campos	64
Ricardo Reis	70
Other Heteronyms	72
VII THE ACCIDENT OF SEX	75
Ophelia	75
Inversion of Spirit	85
VIII INITIATION	
The lyricist	89
Adventure into the unknown	93.
Message	100.
IX LOWLY LIVING AND EXTRAVAGANT THINKING.....	105
X I PASS AND I REMAIN, LIKE THE UNIVERSE	120.

Figs. 4: Índice de *The Poet with Many Faces* (H. Jennings Papers)

II. Encruzilhadas

Nascido em Hornsey, Inglaterra, em 1896, Hubert D. Jennings era oito anos mais novo que Fernando Pessoa. Embora nunca se tenham encontrado pessoalmente, ambos acabaram por ter suas vidas profundamente conectadas à Escola Secundária de Durban (em inglês, Durban High School ou, simplesmente, DHS), onde cada um deles, a seu tempo, passaria vários anos.

Pessoa foi o primeiro a chegar à DHS. Nascido em Lisboa em 1888, o poeta mudou-se para Durban em 1896 (fig. 5). O seu pai morreu de tuberculose em 1893. A sua mãe voltaria a casar-se, esposando um comandante português nomeado cônsul de Portugal em Durban. Assim, depois de frequentar a Escola do Convento de São José (St. Joseph's Convent School) nos seus três primeiros anos na África do Sul, Pessoa viu-se matriculado na DHS em 1899, onde estudaria até 1904 (com uma interrupção para visitar a família em Portugal, entre 1901 e 1902, e uma passagem relativamente curta pela Commercial School ao regressar a Durban).

Para Jennings, a Primeira Guerra Mundial seria a grande encruzilhada entre a sua vida como adolescente e adulto: após servir as Forças Armadas de Sua Majestade (fig. 6) e perder um olho na guerra, Jennings tornou-se parte de uma geração de veteranos britânicos que partiu da terra natal rumo a regiões longínquas. Em 1923, Hubert chegou à África do Sul, assumindo o cargo de professor na DHS, onde trabalharia até 1935, quando seguiu carreira por outras escolas sul-africanas (fig. 7).

Nos princípios dos anos 1960, quando a DHS estava prestes a completar o seu primeiro centenário, Hubert foi convidado a escrever um livro comemorativo, o qual seria publicado em 1966 sob o título *The D.H.S. Story — 1866-1966*. Foi durante a pesquisa demandada por este livro que Jennings tomou conhecimento da passagem de Pessoa pela escola. A obra é uma crónica singular da DHS, com capítulos dedicados à vida de seus ex-alunos mais proeminentes. Pessoa foi o único a merecer dois desses capítulos: “That Long Patience which is Genius...”,⁸ o primeiro esboço biográfico de Pessoa em inglês; e “Judica Me Deus...”,⁹ um conto que ficcionaliza o jovem poeta em sua sala de aula – notável erupção de escrita criativa em meio à não-ficção escrupulosa de uma obra institucional.

Foi durante a preparação desse livro que Jennings iniciou uma longa correspondência – e colaboração – com Alexandrino Severino, que então escrevia a sua tese de doutoramento sobre Fernando Pessoa na África do Sul. A tese de Severino viria a mencionar o nome de Jennings mais de 80 vezes, notando que “muito particularmente ao livro do Sr. Jennings [*The D.H.S. Story*], assim como às informações gentilmente cedidas por este senhor no decurso de nossa

8 - As reticências são parte do título do capítulo, o qual admite múltiplas traduções: “A Grande Paciência em que Consiste o Génio” ou “O Longo Esperar do Génio”, por exemplo.

9 - O título vem da frase latina que abre o Salmo 43 na vulgata; pode-se traduzi-lo como “Faze-me justiça, ó Deus” ou “Ó Deus, sustenta a minha causa”.

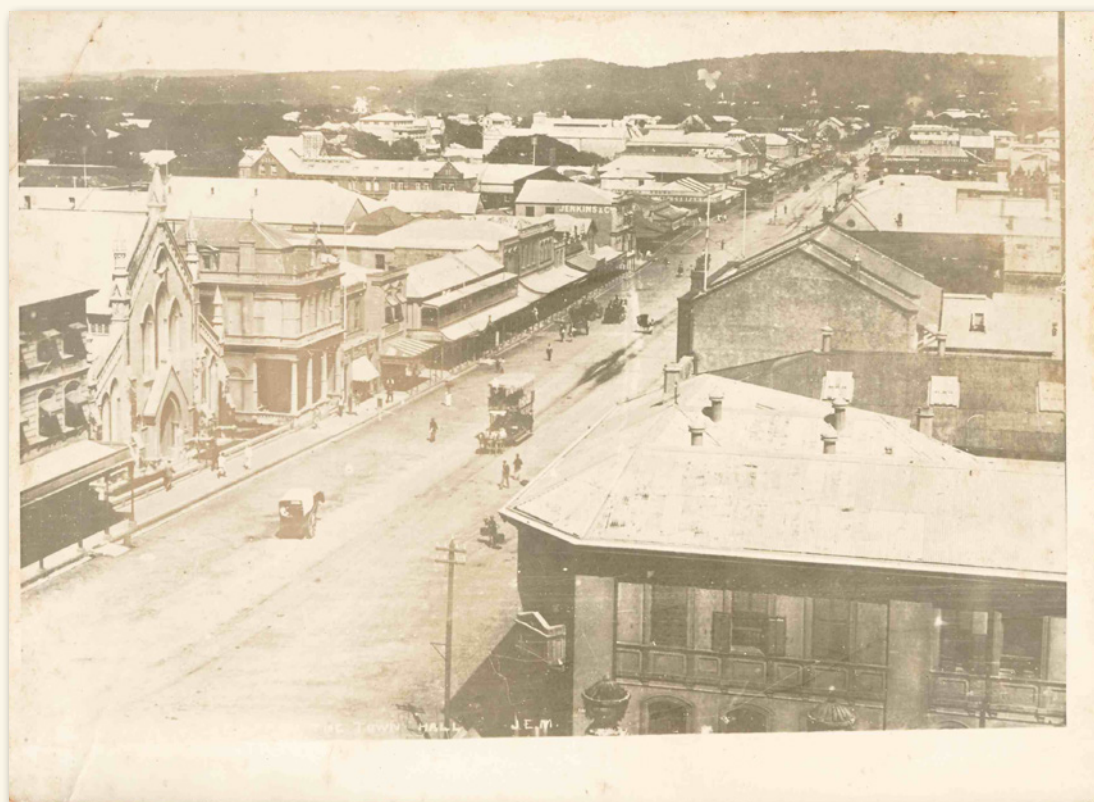


Fig. 5: Durban em 1895, com pequena igreja à esquerda e carros americanos (H. Jennings Papers; vide Pittella, 2017b: 230)

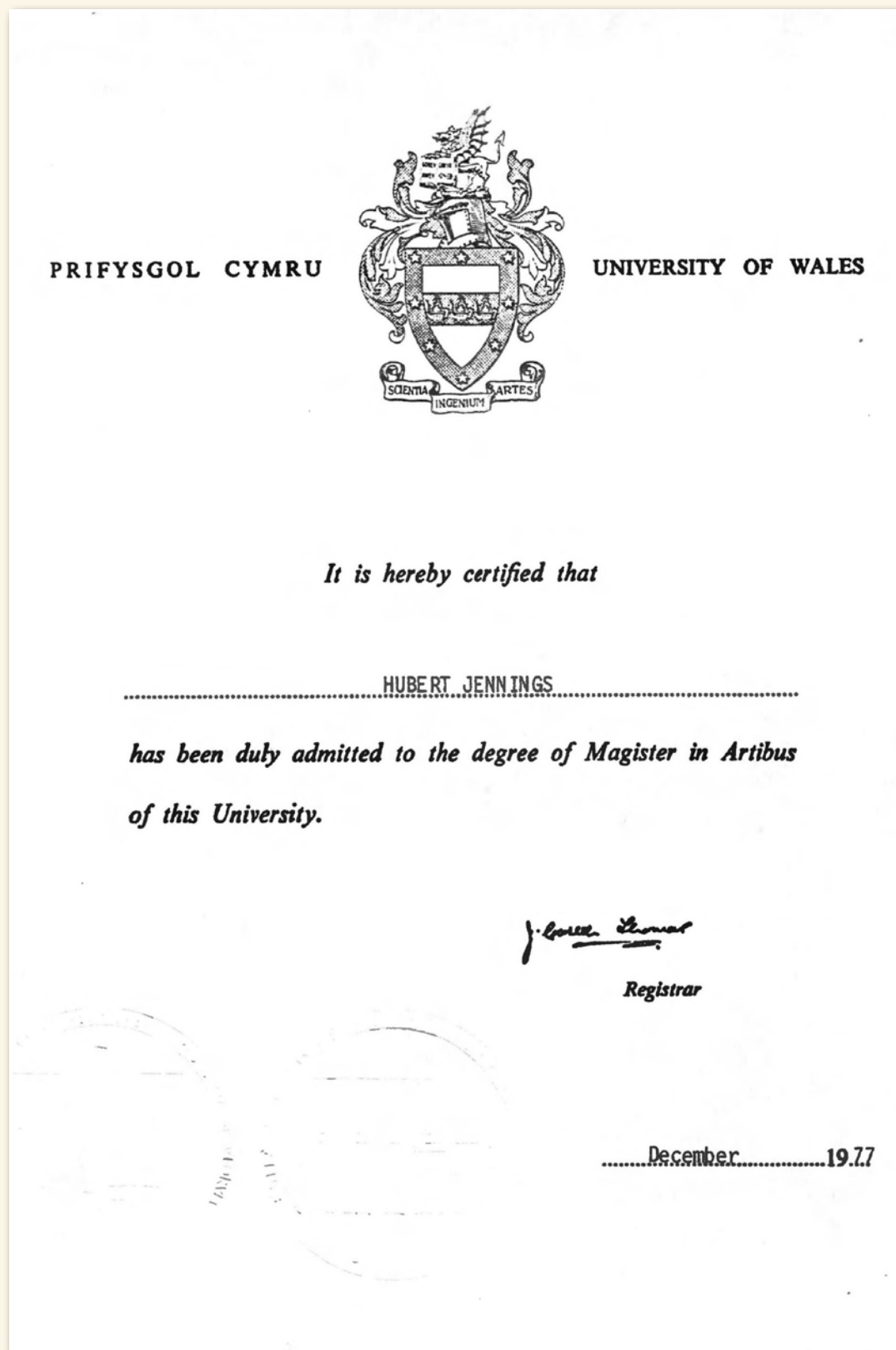


Figs. 6 e 7: Hubert ao alistar-se em 1914 (cortesia da família Jennings) e entre o corpo docente da DHS em 1935, ocupando o primeiro lugar na fileira de trás (coleção particular)

correspondência, devemos grande parte do estudo que segue acerca da vida escolar de Fernando Pessoa em Durban” (SEVERINO, 1969: 28).

Em 1966, Hubert gastou os proventos do livro sobre a DHS numa visita a Portugal, acompanhado por sua esposa Irene. Foi então que conheceu pela primeira vez os irmãos de Pessoa por parte da mãe e seus respectivos cônjuges: o irmão Luiz Miguel Nogueira Rosa (anglicizado como “Michael” e tratado por Pessoa como “Lhi”), sua esposa Eve Rosa, a irmã Henriqueta Madalena Nogueira Rosa Dias (a “Teca”) e seu marido, o coronel Francisco Caetano Dias (o “Chico”). Mais tarde, Jennings também conheceria pessoalmente o outro irmão de Pessoa, João Maria Nogueira Rosa (anglicizado como “John”), e sua esposa Eileen Anderson Rosa. No espólio Jennings preservam-se cartas e bilhetes assinados por todos esses integrantes da família de Pessoa, os quais desempenharam um papel fundamental na obtenção de uma bolsa de estudos da Fundação Calouste Gulbenkian para Hubert passar 18 meses em Portugal, entre 1968 e 1969 (*vide* BROWN & PITTELLA, 2018, para uma edição crítica dessas cartas).

Já na casa dos seus setenta anos, Hubert regressou a Portugal, aproveitando a bolsa oferecida pela Gulbenkian como oportunidade para mergulhar, não apenas na língua portuguesa, mas também nos milhares de papéis deixados por Pessoa, que, na altura, estavam abrigados na casa de Teca e Chico, local freqüentado por um número crescente de investigadores interessados nos inéditos de Pessoa (*vide* ALDABALDE & PITTELLA, 2018). Hubert já se correspondia com Armand Guibert, Alexandrino Severino, Maria da Encarnação Casquinho, Michael, Eve, Teca e Chico – mas foi em Lisboa que conheceu e colaborou com académicos e tradutores pioneiros como Georg Rudolf Lind, António Pina Coelho, Jacinto do Prado Coelho e F.E.G. Quintanilha, sendo que este último viria a publicar uma antologia da poesia pessoana em tradução inglesa (PESSOA, 1971a) e a incentivar decisivamente o trabalho de Jennings. O resultado da temporada de Hubert em Portugal foi o dactiloscrito de *Fernando Pessoa, The Poet with Many Faces*, que o autor inicialmente subintitulou “um estudo e antologia” (“a study and anthology”), minimizando talvez intencionalmente a importância da primeira biografia de Pessoa em inglês.



Figs. 9: Diploma de Mestrado (Dez.) de Jennings, 1977 (H. Jennings Papers)



University College, Cardiff

Postal Address: University College, P.O. Box 78, Cardiff CF1 1XL.
Telephone Cardiff 442111 Telegrams: Coleg Cardiff

Department of Hispanic Studies
Professor N. D. Shergold, M.A., Ph.D.(Cantab.)

16th August, 1977

Dear Mr. Jennings,

It gave me very real pleasure to receive, this afternoon, the report of the external assessor on your M.A. thesis. It recommends, without any reservations, that you be awarded the degree and speaks most warmly of the work that you have done on Pessoa's early years in South Africa. May I offer you, on behalf of the Department and the College, our hearty congratulations on the successful conclusion of your research, and on your admirable achievement. No doubt, being so far away, you will decide to take the degree in absentia; but should you ever be in Cardiff, either for this purpose or on some other occasion, it would give us great pleasure to meet you. I hope that one day perhaps this may be possible.

With cordial regards, and greetings,

Yours sincerely,

N. D. Shergold

Mr. H.D. Jennings,
Box 23,
Kingsley,
NATAL,
S. Africa. 3002.

Figs. 8: Relatório sobre a dissertação (16 de Ago.) de Jennings, 1977 (H. Jennings Papers)

III. Biografias

Provavelmente concluída em 1972 (*vide* FREITAS, 2018: 279), a biografia pessoana escrita por Jennings tinha a sua publicação prevista para 1974, quando a Revolução dos Cravos pôs termo aos planos editoriais em Portugal. Num artigo publicado na revista sul-africana *Contrast* em 1979, Jennings, descrevendo o caminho tortuoso do seu livro, explica que

Quintanilha thought highly of the book and tried hard to get it published by the Portuguese Institute of Higher Culture. His efforts were cut short by two unhappy events: first, I heard that he had committed suicide [...] and, secondly, the Portuguese revolution broke out and Quintanilha's friend, the vice-president of the Institute, lost his post. Attempts to publish it in England and South Africa failed, and I therefore decided to submit the part which seemed most worthwhile to preserve as a university thesis. [...] I sent it to Cardiff because Wales was my old university¹⁰ and because of Quintanilha, to whom I dedicated the work.¹¹

(JENNINGS, 1979: 21)

Ainda não se conseguiu localizar uma cópia da dissertação de mestrado de Jennings, mas sabemos, por meio de documentos no espólio do autor na John Hay Library, que este recebeu o seu grau de mestre aos 80 anos de idade (figs. 8 e 9). Ao declarar ter adaptado, de *The Poet with Many Faces*, “a parte que mais [lhe] parecia valer a pena preservar”, Jennings leva a crer que a dissertação consistiria num desenvolvimento do capítulo que, no livro então inédito, versava sobre a vida de Pessoa em Durban. Com toda a probabilidade, a dissertação resultaria nos dois títulos que Jennings viria a completar sobre a vida de Pessoa na África do Sul: *Os Dois Exílios* (1984), em português, e *Pessoa in Durban* (1986), uma versão em inglês do mesmo livro

10 - Fundada em 1883 como University College of South Wales and Monmouthshire, esta instituição de Cardiff passou a integrar a University of Wales em 1893. Em 1972, quando Jennings terminava o dactiloscrito de *The Poet with Many Faces*, passou a chamar-se University College Cardiff. Como Cardiff ainda era parte da University of Wales, Jennings usa Cardiff/Wales indiferenciadamente. A instituição ainda mudaria de nome, em 1988, para University of Wales College of Cardiff e, em 1996, para University of Wales, Cardiff.

11 - Tradução: “Quintanilha tinha uma opinião elevada sobre o livro e muito se esforçou por publicá-lo pelo Instituto de Alta Cultura de Portugal. Seus esforços foram interrompidos por dois eventos infelizes: primeiro, ouvi dizer que ele se tinha suicidado [...] e, em segundo lugar, a Revolução (dos Cravos) eclodiu e o amigo de Quintanilha, vice-presidente daquele Instituto, perdeu o seu posto. Tentativas de publicar o livro na Inglaterra e na África do Sul fracassaram e, portanto, decidi apresentar como uma tese universitária a parte que mais parecia valer a pena preservar. [...] Enviei-a para Cardiff porque Wales tinha sido a minha antiga universidade e por causa de Quintanilha, a quem dediquei o trabalho.”

(figs. 10 e 11).¹² O aparente juízo de valor feito por Jennings – sobre a parte do livro que se deveria preservar como dissertação – é algo desmentido pelos próprios esforços do autor, que, enquanto acompanhava a preparação das provas de *Pessoa in Durban* em 1985, ainda tentava que *The Poet with Many Faces* fosse publicado separadamente.¹³ Também se pode interpretar a frase “most worthwhile to preserve”, não como juízo de valor, mas como uma certa urgência sentida por Jennings para que fosse lido em suas próprias palavras. Lembre-se que, embora tivesse generosamente fornecido material para a tese de Severino impressa em 1969, Jennings não tinha ainda publicado, para além de um artigo e de uma comunicação,¹⁴ os resultados da sua investigação sobre Pessoa em Durban. Urgia, pois, apresentá-la em voz e assinatura próprias e no devido formato, mesmo que não fosse imediatamente possível publicar o seu trabalho mais abrangente sobre a vida e a obra de Pessoa como um todo.

Outros argumentos, tanto hodiernos quanto contemporâneos a Jennings, podem ser apresentados para justificar a importância da publicação de *The Poet with Many Faces* no universo dos estudos pessoanos. Em sua nota introdutória à primeira edição do livro, George Monteiro refletiu sobre o tempo decorrido entre escrita e publicação da obra:

*Publication of it now does not make up for its failure to be published when it was first written, but it does serve to remind us of the importance of a neglected scholar and his acute and profound understanding of the subject to which he devoted much of his last three decades. It's late, but not too late, to welcome this book to the record of Pessoa's grand and unique achievement. It fills a gap in Pessoaan studies that scholars did not know existed.*¹⁵

(MONTEIRO, IN JENNINGS, 2018: III)

12 - Em realidade, *Pessoa in Durban* foi a primeira dessas duas obras a ser escrita, mas a versão em português – traduzida por António Sabler e revista por Jennings – seria publicada antes, sob o título *Os Dois Exílios: Fernando Pessoa na África do Sul*.

13 - O esforço de Jennings em publicar *The Poet with Many Faces* mesmo após concluir o seu mestrado é evidenciado, por exemplo, numa carta de 20 de Novembro de 1985, remetida a Jennings pelo poeta Douglas Livingstone que, na altura, mediava a impressão de *Pessoa in Durban* na África do Sul: “” (H. Jennings Papers).

14 - Nessa altura, especificamente sobre a vida de Pessoa em Durban, Jennings tinha publicado apenas dois artigos: “Alguns aspectos da vida de Fernando Pessoa na África do Sul” (*Colóquio* n.º 52, 1969, pp. 64-69) e “The South African Episode” (*Actas do II Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, Porto: Centro de Estudos Pessoaanos, 1985, pp. 309-331).

15 - Tradução: “Sua publicação agora não compensa a falha em publicar-se quando inicialmente escrito, mas serve para nos lembrar da importância de um erudito negligenciado e seu entendimento agudo e profundo do assunto ao qual dedicou grande parte das suas últimas três décadas de vida. É tarde, mas não é tarde demais, para dar as boas-vindas a este livro ao registro do grande e singular conseguimento de Pessoa. O livro de Jennings preenche uma lacuna nos estudos pessoanos que os estudiosos não sabiam que existia.”



Figs. 10 e 11: Capas de *Os Dois Exílios* e *Pessoa in Durban* (JENNINGS, 1984 e 1986, respectivamente)



Figs. 10 e 11: Capas de *Os Dois Exílios* e *Pessoa in Durban* (JENNINGS, 1984 e 1986, respectivamente)

A medida em que a publicação hodierna não compensa a ausência de publicação nos anos 1970 pode ser vislumbrada, por exemplo, quando Jennings elabora hipóteses que seriam desmentidas pela volumosa investigação pessoana posterior (e a isso se voltará, na próxima seção deste artigo). Por outro lado, a publicação de *The Poet with Many Faces*, ainda que tardia, corresponde à única biografia de Fernando Pessoa disponível em inglês até a presente data.

Há biografias de Pessoa escritas após a de Jennings, tanto em francês (BRÉCHON, 1996 e 2002)¹⁶ quanto em português (CAVALCANTI FILHO, 2011), que usufruem de décadas acumuladas de estudos e edições críticas pessoanas em relação a *The Poet with Many Faces*. Constituindo um elo virtual (porque desconhecido) entre estudos biográficos, o trabalho de Jennings esforçou-se por dialogar com os dos biógrafos que o precederam, Armand Guibert e João Gaspar Simões; estes dois – hoje sabemos – disputaram acirradamente o epíteto de primeiro biógrafo de Pessoa, dispendo dos seus respectivos cônsules francês e português na África do Sul, os quais, em fins dos anos 1940, faziam publicar nos jornais de Natal pedidos de informação sobre Pessoa e agiam evasivamente um com o outro, qual num jogo de espões (*vide* PITTELLA, 2017b: 214, 217 e 221).

Tendo trocado correspondência com Armand Guibert, Jennings pôde aprofundar a pesquisa do biógrafo francês, acrescentando-lhe o peso dos documentos e testemunhos oriundos de instituições da África do Sul. Tendo visitado Durban em 1946 em busca de vestígios da passagem de Pessoa por aquela cidade, o próprio Guibert reconhece a posição vantajosa de Jennings, ao mesmo tempo em que graciosamente lhe recomenda nomes de locais a investigar em carta de 16 de Março de 1961 – i.e., um ano após a publicação da primeira biografia francesa de Pessoa (GUIBERT, 1960):

*It appears to me, though, that you are in a better position than anybody else in Europe to apply locally to the respective Registrars of the hereafter schools: West Street Convent School—that was run in the late nineties by a community of Irish nuns; Durban High School; and Durban Commercial School. You may be fortunate enough to be shown the records of Pessoa's achievements—which I was unable to secure when I visited Durban in 1946.*¹⁷

(GUIBERT, 1961, IN HELGESSON, 2017: 277)

16 - A própria existência de duas biografias feitas pelo mesmo Bréchon, publicadas a meros seis anos uma da outra, sugere a intensidade de exploração do espólio pessoano e a velocidade de atualização do que supomos conhecer sobre Pessoa e sua obra.

17 - Tradução: “Parece-me, porém, que o senhor está numa posição melhor do que qualquer outro na Europa para contactar localmente os respectivos escrivães das seguintes escolas: West Street Convent School – que foi administrada no final dos anos [18]90 por uma comunidade de freiras irlandesas; Durban High School; e Durban Commercial School. Talvez tenha a sorte de receber os registros dos conseqüimentos de Pessoa – o que não consegui adquirir quando visitei Durban em 1946.”

O Puff

Grader e sua carta. Ela
Caro meu pai, e além de
top. Pare, papai, como
foi no fim, alguns por
de volta, e talvez a sua
me lembro com um sorriso, pois
me te jo. ^{me lembro} ^{me lembro}
papai e a mãe. ^{me lembro}
me lembro, pois como está
e um off. e papai, e a
mãe, mas é amigo. De
me lembro a off. e a mãe,
e a mãe?
Papai e off. e a mãe, ^{me lembro}
help. e a mãe. De. De. De. De
help. e a mãe. De. De. De. De
e a mãe. De. De. De. De.

Grader e sua carta. Ela
Caro meu pai, e além de
top. Pare, papai, como
foi no fim, alguns por
de volta, e talvez a sua
me lembro com um sorriso, pois
me te jo. ^{me lembro} ^{me lembro}
papai e a mãe. ^{me lembro}
me lembro, pois como está
e um off. e papai, e a
mãe, mas é amigo. De
me lembro a off. e a mãe,
e a mãe?
Papai e off. e a mãe, ^{me lembro}
help. e a mãe. De. De. De. De
help. e a mãe. De. De. De. De
e a mãe. De. De. De. De.

6 June 1883

O Puff

Grader e sua carta. Ela
Caro meu pai, e além de
top. Pare, papai, como
foi no fim, alguns por
de volta, e talvez a sua
me lembro com um sorriso, pois
me te jo. ^{me lembro} ^{me lembro}
papai e a mãe. ^{me lembro}
me lembro, pois como está
e um off. e papai, e a
mãe, mas é amigo. De
me lembro a off. e a mãe,
e a mãe?
Papai e off. e a mãe, ^{me lembro}
help. e a mãe. De. De. De. De
help. e a mãe. De. De. De. De
e a mãe. De. De. De. De.

114386

Grader e sua carta. Ela
Caro meu pai, e além de
top. Pare, papai, como
foi no fim, alguns por
de volta, e talvez a sua
me lembro com um sorriso, pois
me te jo. ^{me lembro} ^{me lembro}
papai e a mãe. ^{me lembro}
me lembro, pois como está
e um off. e papai, e a
mãe, mas é amigo. De
me lembro a off. e a mãe,
e a mãe?
Papai e off. e a mãe, ^{me lembro}
help. e a mãe. De. De. De. De
help. e a mãe. De. De. De. De
e a mãe. De. De. De. De.

Figs. 12 e 13: Fotocópia de 1968-69 (H. Jennings Papers) e digitalização posterior do mesmo doc. (BNP/E3, 1443-86r)

Ao contrário de Guibert, porém, João Gaspar Simões, o primeiro biógrafo de Pessoa, parece nunca ter ido a Durban, pelo menos não antes de publicar os dois volumes de *Vida e Obra de Fernando Pessoa* em 1950 (vide PITTELLA, 2017b: 197). Sem acusar Simões de nunca ter ido a Durban (talvez por desconhecimento desse fato), Jennings entretanto rebate as afirmações pejorativas do primeiro biógrafo acerca de Durban:

*The town had been in existence for barely more than four decades when the future poet and his mother arrived there; but it would be a mistake to regard it as a mere “barracks for pioneers,” as Simões describes it. [...] Nor was the country of Natal “an ugly land without poetry” as the same biographer describes it. The coast of Natal has rather a certain lush, green prettiness, and the Bay of Natal was then a wide lagoon, bewitching in its beauty and the haunt of countless wildfowl, with only one corner of it taken up by the shipping which year by year grew greater.*¹⁸

(JENNINGS, 2019: 31-32)

Jennings igualmente discorda de Simões na importância dada à teoria Freudiana para “explicar” Pessoa, assim como na desvalorização misógina de Ofélia propagada por Simões e outros (JENNINGS, 2019: 71, 73, 137, por exemplo). Após concluir *The Poet with Many Faces*, Jennings ainda colaboraria com Alexandrino Severino numa conferência em louvor de Ofélia Queiroz (“In Praise of Ophelia: An Interpretation of Pessoa’s Only Love”),¹⁹ apresentada por Severino no *First International Symposium on Fernando Pessoa*, na Brown University, em 1977. Todavia, como quereria o destino, este texto também ficaria inédito por décadas, dado que Ofélia não autorizou a impressão de excertos das cartas pessoanas em sua posse (SEVERINO & JENNINGS, 2013).

Além de desafiar as generalizações de Simões, a biografia feita por Jennings igualmente inovava ao situar Pessoa, não só na tradição literária portuguesa, mas também lado a lado a ícones do modernismo anglófono, antecipando os estudos comparativos como os de Monteiro (2013). Nesse contexto, o nome de T. S. Eliot surge, por exemplo, oito vezes na prosa de Jennings, como nesta passagem: “Fernando Pessoa was born on the 13th of June, 1888. Four months later

18 - Tradução: “A cidade existia há pouco mais de quatro décadas quando o futuro poeta e a sua mãe lá chegaram; mas seria um erro considerá-la um mero ‘abarracamento de pioneiros’, como descreve Simões [vide Simões, 1950, vol. I: 49]. [...] Tampouco Natal era ‘uma terra feia e sem poesia’, como descreve o mesmo biógrafo [idem: 55]. O litoral de Natal tem, em realidade, uma certa beleza exuberante e verde, e a Baía de Natal era então uma ampla lagoa de beleza enfeitadora, sendo o local habitual de inúmeras aves silvestres, com os navios ocupando apenas uma parcela que, ano a ano, cresceria.”

19 - Recentemente, José Barreto apresentou um convincente artigo sobre uma segunda paixão de Pessoa (BARRETO, 2017).

1445-18

129

wides: 1.1.
legbyes: 1.2.
byes: 1.1.2.

~~Pennyman~~

I	1.1.1.1.1.1.2.	— bowled Ingram	9.0
II	1.1.1.1.1.	— bowled Ingram	5.0
III	1. (1 wide). 1.1.1. (1 legbye) (1 bye)	st. — f.	4.0
IV	1.1.2.1.1.1.4.1.2.1. (1 wide)	— c. — 2 — 0 — ?	16.0
V	0 — — — 6 —		0.0
VI	1. — — — 6 —		1.0
VII	1.1. — — — 6 —		2.0
VIII	1.1.1.1.1.1. (1 bye) 1.	— c. + b. — —	7.0
IX	1.1.1.1.2.1.1.1.1.2.1.1.1.1.	— c. — ; b. —	19.0
X	1.1. (2 legbyes) 1.1.	— f. — — —	4.0
XI	1.1.4.1.1.1. (2 byes) 1.1.	— not out —	11.0
		EXTRA (w: 2; b: 4; lb: 3)	9.0
		<u>Total</u>	<u>87</u>

87	142	Anchor won
42	22	by 35 runs
<u>129</u>	<u>164</u>	Extremely bad weather

Figs. 14: Página de caderno de Pessoa com a nota "Extremely bad weather" no canto inferior direito (BNP/E3, 144S-18r)

Sept or Oct. 1920
 formless prayer tongueless prayer

At least I feel

One day a composer for hearing I saw
 In all around the vestige of a thing
 that never ~~traces~~ ^{disc} ~~the~~ ^{the} ~~absence~~ ^{presence} that pervades
 all things that are where thought is all the seen.
 And I have wept with joy for that I found
 that this soul that gives the lustre to the sun,
 that makes the rose bloom, that stirs the stream
 that moves the sea and depths in night more
 that gives life to the world and moves the stars
 is One, and I have found that things that are
 In form but differ for all embodiment
 Of this great soul that thrills the universe.
 And I, poor wise, have seen, have felt, nor dare
 to soil by thought, and I have felt my heart
 Rise up in ~~prayer~~ ~~prayer~~ ~~prayer~~ that I have
 been once allowed to see the fulness of this life
 And I have learnt to bless you all things
 As doubtful forms, and I have withheld
 In mind ~~the~~ ~~form~~ ~~that~~ (see former page)

and if where they
 are ~~but~~ ~~the~~ ~~forms~~ ~~material~~ is the form
 this ~~is~~ ~~not~~ ~~from~~ ~~the~~ ~~not~~ ~~seen~~ ~~it~~ ~~that~~ ~~is~~ ~~not~~ ~~prayer~~
 Can't dare hardly be, can't accept the pure form
 There is the presence of ~~the~~ ~~spirit~~ ~~that~~ ~~is~~ ~~not~~ ~~seen~~ ~~but~~ ~~felt~~ ~~and~~ ~~touch~~
 that ~~is~~ ~~not~~ ~~seen~~ ~~but~~ ~~felt~~ ~~and~~ ~~touch~~
 the spirit essence ~~that~~ ~~is~~ ~~not~~ ~~seen~~ ~~but~~ ~~felt~~ ~~and~~ ~~touch~~
 its ~~is~~ ~~not~~ ~~seen~~ ~~but~~ ~~felt~~ ~~and~~ ~~touch~~
 alike in flesh + cross + work of man,

And animates
the spirit

over - same has

Great is the
power of
that is in
admission
104-86
that is in
admission
104-86
that is in
admission
104-86
that is in
admission
104-86

I'm not
let's
admission
104-86
that is in
admission
104-86
that is in
admission
104-86

I'm not
let's
admission
104-86
that is in
admission
104-86
that is in
admission
104-86

that is in
admission
104-86
that is in
admission
104-86
that is in
admission
104-86

Figs. 15: Rascunho riscado de "Formless prayer - tongueless prayer" (BNP/E3, 104-86r)

(September 26) was born Thomas Stearns Eliot. The many similarities between the great Anglo-American poet and the great Anglo-Portuguese poet (as Fernando Pessoa was to become through his English South African education) have yet to be studied in detail”²⁰ (JENNINGS, 2019: 26).

Não se podendo vaticinar como será recebido este livro previamente dado por perdido (*vide* CIPRIANO, 2019), visou-se aqui, porém, a esclarecer o espaço que ele reivindica em suas próprias palavras – tanto na tradição das biografias pessoanas, quanto na linha de investigação meticulosamente desenvolvida por Jennings.

IV. Desafios

Editar é sempre um desafio. No caso de *The Poet with Many Faces*, há duas camadas adicionais de dificuldades: 1) o fato de Jennings ter escrito o seu livro há quase meio século; e 2) a complexidade da obra conhecida de Pessoa, com suas múltiplas e divergentes transcrições e traduções.

O primeiro desafio revela duas faces de um livro escrito (mas não publicado) há décadas: o quanto é datado e o quanto ainda é relevante. Caso tivesse sido lançado nos anos 1970, quando Jennings completara o seu dactiloscrito, o livro teria contribuído imensamente para o crescente campo dos estudos pessoanos, não apenas por apresentar a vida e obra do poeta português ao mundo anglófono, mas também por dar a conhecer dúzias de textos inéditos. Curiosamente, alguns desses textos permaneceram inéditos até a publicação de *The Poet with Many Faces*. Outros, citados no volume, não puderam ser localizados, uma vez que Jennings consultou os papéis de Pessoa quando eles ainda se alojavam na casa da irmã do poeta – ou seja, antes de serem transferidos para a Biblioteca Nacional de Portugal, onde constituiriam o espólio número 3 e receberiam cotas iniciadas pela sigla “BNP/E3”. Como Jennings guardou fotocópias de alguns documentos, é possível comparar dois instantâneos de um mesmo papel: a cópia feita por Jennings em 1968-1969 (sem cota e com anotações marginais do investigador) e a digitalização feita pela BNP décadas após o acréscimo da cota “1443-86r” em 1969-1970 (figs. 12 e 13).

Portanto, qualquer documento mencionado por Jennings é uma agulha a encontrar no palheiro de mais de trinta mil documentos. Para dar um exemplo dessa busca – por vezes profícua, por vezes frustrada –, veja-se uma das detalhadas descrições documentais feitas por Jennings:

20 - Tradução: “Fernando Pessoa nasceu no dia 13 de Junho de 1888. Quatro meses depois (em 26 de Setembro) nasceu Thomas Stearns Eliot. As muitas semelhanças entre o grande poeta anglo-americano e o grande poeta anglo-português (como Fernando Pessoa se tornaria através de sua educação inglesa na África do Sul) ainda precisam ser estudadas em detalhe.”

in a similar commonplace book, which he [Pessoa] began in 1904 and carried on into 1905, [...] we have a surprise mention of cricket. It is a complete score of a game of two innings scrawled in pencil which occupies several blank spaces in a notebook otherwise devoted to literary work. A note in the margin reads, “Extremely bad weather”—a fact which is apparent from the low scores of the players. The score shows an adept knowledge of the game, and Fernando must have had a more than passing interest in the game to have sat through a showery day to record the match.²¹

(JENNINGS, 2019: 67-68)

Como localizar a nota “Extremely bad weather”? Liste-se a série de pistas deixadas: um caderno de 1904-1905, contendo, entre textos literários, a pontuação de um jogo de críquete, a qual se estende por várias páginas, sendo que uma delas contém a nota marginal em questão. Ora, vários cadernos de Pessoa contam com edição crítica; dez deles foram transcritos num tomo editado por Jerónimo Pizarro (PESSOA, 2009). Uma rápida busca por uma versão digitalizada do livro revela que a nota “Extremely bad weather” aparece na página “18r” do caderno de cota “BNP/E3, 144S”, o que permite recuperar o facsímile do documento em questão e verificar as asserções de Jennings (fig. 14).

Nem sempre, porém, é imediatamente visível o caminho por onde buscar um documento pessoano na ausência da sua cota. Ao discorrer sobre as composições inglesas feitas por Pessoa em 1904, Jennings menciona uma “Formless Prayer” (Prece Informe), ressaltando-lhe um espírito de otimismo incomum em escritos posteriores do poeta, conforme evidenciam os primeiros versos do poema: “At last I felt | One day a sourceless joy because I saw | In all around the vestige of a Thing | That never dies [...]” (Jennings, 2019: 69-71). Como achar o documento original da prece a fim de conferir a transcrição de Jennings? Ora, os versos em questão foram editados por João Dionísio, com pequenas diferenças, no volume da poesia reunida do pré-heterónimo pessoano Alexander Search (Pessoa, 1997: 158). Teria Jennings cometido erros de transcrição (donde as ligeiras discrepâncias)? Mas, como explicar o fato de que o documento editado por Dionísio (BNP/E3, 77-45r e 46r) não apresenta o título “Formless Prayer”, sendo, em vez disso, parte do longo poema “The Old Castle” – além de Jennings não mencionar a atribuição a Search, sugerindo tratar-se de um poema ortónimo? A resposta, encontrada por mero acaso, está no envelope 104 do espólio pessoano, onde um texto riscado e sem a assinatura permite, não obstante

21 - Tradução: “num caderno comum semelhante, que ele [Pessoa] começou a usar em 1904 e continuou em 1905, [...] temos uma inesperada menção ao críquete. Trata-se da pontuação completa de um jogo de dois turnos rabiscada a lápis sobre várias páginas de um caderno que, tirando isso, é dedicado a escritos literários. Uma nota marginal diz ‘Tempo extremamente mau’ – fato evidenciado pela baixa pontuação dos jogadores. A notação revela um conhecimento proficiente do jogo, e Fernando deve ter tido um interesse mais do que passageiro pelo críquete para ter enfrentado um dia chuvoso a fim de gravar a partida”.

as rasuras, entrever a versão original do poema citado, incluindo o título “Formless prayer – tongueless prayer” (fig. 15).

Há mais exemplos de manuscritos redescobertos e, ainda, de outros que ficaram por descobrir – mas os casos supracitados oxalá transmitirão a saga editorial que é retrazar a investigação de Jennings espólio adentro. Nessa empreitada, também se expõem os limites de um editor, pois há aspectos da obra – como linguagem datada e conjecturas obsoletas – que seriam revisadas se Jennings tivesse a chance de fazê-lo hoje. Se um editor pudesse conversar com Hubert, *The Poet with Many Faces* decerto teria menos notas de rodapé – as quais permitem expandir, comentar ou referir visões críticas acerca de certas passagens.

Quando Jennings, por exemplo, escreve “at the age of six” (aos seis anos) quando deveria ter escrito “seven” (sete), o erro factual pode ser facilmente corrigido (Jennings, 2018: 250) – e o aparato crítico da edição norte-americana de *The Poet with Many Faces* explana as intervenções editoriais dessa natureza.

No entanto, uma hipótese elaborada por Jennings que tenha sido refutada por um trabalho mais recente requer tratamento diverso; nesse caso, apõe-se uma nota de rodapé direcionando o leitor para desenvolvimentos críticos pertinentes. Por exemplo, ao estudar as paisagens recorrentes na poesia pessoana, Jennings sublinha a ausência de Durban:

*There were in Durban still many patches of the primitive bush left—full of wild birds and the lesser animals, providing hunting grounds for the more energetic of Fernando Pessoa’s companions, and likely (one would have thought) to have impressed a boy of his imagination with dark and fearful surmises. But he does not mention them.*²²

(JENNINGS, 2019: 32)

Embora tal asserção se sustenha para a juvenília poética de Pessoa, no fim da vida o poeta viria a mencionar explicitamente Durban nos fragmentos de “Un Soir à Lima”, poema editado quase trinta anos após a declaração de Jennings – o que justificou a seguinte nota:

22 - Tradução: “Havia ainda em Durban muitas áreas remanescentes do mato primitivo – cheias de pássaros selvagens e animais menores, proporcionando locais de caça para os colegas mais enérgicos de Fernando Pessoa, que deveriam ter (alguém naturalmente pensaria) impressionado um menino de sua imaginação com inclinações temerosas e sombrias. Mas ele [Pessoa] não os menciona.”

Pessoa makes a brief reference to the African landscape in “Un Soir à Lima,” which was only edited in 2000 by Luís Prista; the title comes from a composition by Félix Godefroid, which Pessoa’s mom used to play on the piano when the family lived in Durban:²³ “Numa memoria subita e presente / Minha alma se extravia... / O grande luar da Africa fazia / A encosta arborizada reluzente.” (PESSOA, 2000: 232).

(PITTELLA IN JENNINGS, 2018: 32)²⁴

Crê-se que o uso repetido de notas de rodapé para atualizar a investigação de Jennings não reduz, contudo, a sua multifacetada originalidade. Se erros factuais são corrigíveis e proposições obsoletas expansíveis em notas de rodapé, como abordar, porém, uma frase que simplesmente soe datada ou mesmo politicamente incorreta para os ouvidos de um editor contemporâneo? Por exemplo, após recontar eventos das Guerras dos Bôeres, Jennings lega-nos o seguinte comentário:

On the whole, it was a good-natured war (“The last of the gentlemen’s wars”, somebody has called it) compared with later “total” wars, but no war is without brutality and suffering.²⁵

(JENNINGS, 2019: 36)

Passagens como essa representam um dilema editorial: se, por um lado, a infeliz expressão “good-natured war” é condenável perante o conhecimento atual sobre a devastadora Guerra dos Bôeres, por outro ela é algo moderada pela comparação do conflito com as duas Grandes Guerras que se seguiriam, com Jennings admitindo a brutalidade e o sofrimento de qualquer guerra. Além disso, não se deve esquecer que o autor – na qualidade de veterano britânico expatriado que sobreviveu a três turnos em trincheiras da Primeira Guerra Mundial, perdendo amigos e um olho em batalha –, tinha a sua própria visão de mundo, que não deve ser adulterada postumamente por um editor. Sobre essa avaliação da “Guerra dos Bôeres”, que aliás terá nomes muito diferentes para um bôer ou um zulu, pôs-se a seguinte nota de rodapé, recorrendo-se ao biógrafo da família Jennings:

23 - Tradução: “Pessoa faz uma breve referência à paisagem africana em ‘Un Soir à Lima’, que só seria editado em 2000 por Luís Prista; o título vem de uma composição de Félix Godefroid, que a mãe de Pessoa costumava tocar no piano quando a família vivia em Durban.”

24 - Muitas notas de rodapé seriam modificadas (em geral, abreviadas) na segunda edição de *The Poet with Many Faces* (JENNINGS, 2019), da qual também seria subtraído o aparato crítico (o que explica o uso de ambas as edições neste ensaio).

25 - Nenhuma tradução de “good-natured” parece satisfatória neste contexto: bondosa?, inocente?, amigável?, de boa índole? Tomando-se a primeira dessas opções por pragmatismo, a tradução ficaria: “No geral, foi uma guerra bondosa (‘A última das guerras cavalheirescas’, alguém terá dito) em comparação com as guerras ‘totais’ posteriores, mas nenhuma guerra é sem brutalidade e sofrimento.”

There is a contradiction between the euphemism “gentlemen’s wars” and the concentration camps created by the British: “They were [...] filthy, badly provisioned, and with only rudimentary medical facilities. Disease spread through the packed and weakened people, and took a dreadful toll. Some twenty-eight thousand Boer women and children, and at least twenty thousand black people, died in the camps.” (HART, 2016: 41).²⁶

(PITTELLA, IN JENNINGS, 2019: 36)

Nesses casos complexos, optou-se, pois, por referir uma terceira opinião, poupando o leitor de uma discordância potencialmente esquizóide entre editor e autor, e evitando-se a tentação de apagar as marcas de nascença do livro como criatura dos anos 1970.

Há um último tipo de desafio editorial que deve ser mencionado. Como já referido, muitas edições críticas do trabalho de Pessoa foram lançadas após a escrita de *The Poet with Many Faces* – notavelmente as coleções publicadas pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM) e pela Tinta-da-china. Em vários casos, tais edições apresentam um estabelecimento textual – e, portanto, um *corpus* – muito diferente do que foi consultado por Hubert como fonte para as suas traduções e interpretações: a edição de 1965 da *Obra Poética* de Fernando Pessoa, organizada por Maria Aliete Galhoz (PESSOA, 1965). Ocasionalmente, Hubert usou como fontes os próprios manuscritos disponíveis na casa da família de Pessoa; mas esses, por vezes, lhe pareceram ilegíveis ou acabaram por ser mal transcritos. Por isso, alguns textos exigiram retranscrições e/ou retraduições parciais. Vejam-se dois exemplos dessas ocorrências, havendo muitos mais, como indica o aparato crítico da edição norte-americana de *The Poet with Many Faces* (JENNINGS, 2018).

Ao transcrever o soneto “To England II”, que Pessoa manuscreeva em 19 de Junho de 1905 e atribuíra a Alexander Search, Jennings leu, erroneamente, “becomes” em vez de “beseems” no verso 12: “Ill scorn beseems us, men of war and trick” (*vide* JENNINGS, 2018: 251). Tendo sido um dos primeiros a transcrever poemas ingleses de Pessoa, certamente não se deve condenar o biógrafo por semelhantes lapsos.

Um problema mais interessante advém do fato de Jennings ter, por vezes, feito mais de uma tradução de um mesmo poema, como adverte a introdução à antologia do livro:

26 - Tradução: “Há uma contradição entre o eufemismo ‘guerras cavalheirescas’ e os campos de concentração criados pelos ingleses: ‘Eles eram [...] imundos, mal provisionados e com instalações médicas rudimentares. Doenças alastravam-se por pessoas amontoadas e enfraquecidas, com um número de mortos horrível. Cerca de vinte e oito mil mulheres e crianças Bôeres e pelo menos vinte mil negros morreram nos campos.’”

*Though I generally respect the integrity of the translation he made in the early 1970s for *The Poet with Many Faces*, at times I resort to a later translation also located in the Hubert Jennings Papers; this recourse happens, for example, whenever lines are missing from the first translation but present in a later one.*²⁷

(PITTELLA, IN JENNINGS, 2019: 222)

Isso se aplica a várias traduções de poemas do heterónimo Alberto Caeiro. Acrescente-se o fato de algumas traduções primeiras de Jennings soarem mais fluidas (quicá “intuitivas”) do que as posteriores, as quais por vezes parecem demasiadamente laboradas e divergentes do texto original.²⁸ Daí ser preferível manter, sempre que viável, a tradução coetânea à escrita de *The Poet with Many Faces* (testemunho “A”). No caso do “Poema I” de *O Guardador de Rebanhos* (*The Keeper of Flocks* na tradução), a versão inglesa provém majoritariamente de “A”, apenas com a estrofe final (versos 49-65) advindo de uma tradução ulterior “B” simplesmente por não constar em “A”; entretanto, como deixa transparecer o aparato crítico, também no v. 18 se optou pelo testemunho “B” (por maior elegância do fraseado), com ainda três outras linhas exibindo ajustes editoriais (as supressões sendo indicadas por riscos e os acrescentos por parênteses retos).

8 *that comes to sit*
 18 **A** *pluck flowers and it does not know* **B** *pluck flowers without*
 its knowing
 27 *though it will rain[s] still [even] more.*
 43 *to see my[]self as [if] it were*
 49-65 *Lines only present in B.*

(PITTELLA, IN JENNINGS, 2018: 261)

27 - Tradução: “Embora eu geralmente respeite a integridade da tradução que Jennings fez no início dos anos 1970 para *The Poet with Many Faces*, às vezes recorro a uma tradução posterior, também localizada entre os Hubert Jennings Papers; isso acontece, por exemplo, quando à primeira tradução faltam versos que, contudo, estão presentes na segunda.”

28 - Jerónimo Pizarro foi o primeiro a notar esse fenômeno, em sua comunicação no colóquio em homenagem a Jennings (PIZARRO, 2016).

Não obstante tais intervenções editoriais que visam, nunca a deturpar, mas sim a fazer jus ao trabalho de Jennings, um leitor encontrará – espera-se – o frescor de novas perspectivas e traduções. À guisa de conclusão deste ensaio, destaque-se que, agora, existe uma nova versão completa em inglês de “Tabacaria” do heterónimo Álvaro de Campos – com a tradução de Jennings juntando-se às de Quintanilha, Honig & Brown e Zenith,²⁹ em mais uma tentativa de conter, nalgumas palavras traduzidas, todos os sonhos do mundo:

I am nothing.

I shall never be anything.

I cannot even wish to be anything.

Apart from this, I have within me all the dreams in the world.

(TRAD. DE QUINTANILHA; PESSOA, 1971A: 115)

I'm nothing.

I'll always be nothing.

I can't even wish to be something.

Aside from that, I've got all the worlds' dreams inside me.

(TRAD. DE HONIG & BROWN; PESSOA, 1998A: 98)

I'm nothing.

I'll always be nothing.

I can't want to be something.

But I have in me all the dreams of the world.

(TRAD. DE ZENITH; PESSOA, 1998B: 173)

I am nothing.

I shall never be anything.

I cannot wish to be anything.

Apart from that, I have in me all the dreams of the world.

(TRAD. DE JENNINGS; PESSOA, 2019: 237)

29 - Há, ainda, outras traduções inglesas deste poema, dentre as quais se poderia destacar as propostas por Peter Rickard (PESSOA, 1971b) e Keith Bosley (in PESSOA, 1995).

V. Bibliografia

- ALDABALDE, Taiguara Villela. “Arquivos de Pessoa(s): um estudo sobre entendimentos e representações dos arquivos manuscritos na Casa Fernando Pessoa”. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, vol. 26 (2018), pp. 1-55 <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-02672018v26e11>>.
- ALDABALDE, Taiguara Villela; PITTELLA, Carlos. “A trajetividade do Pessoa digital: contributos para uma história do espólio pessoano.” *Património Cultural e Transformação Digital*. Coord. Fernando Ilharco, Peter Hanenberg e Marília dos Santos Lopes. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2018, pp. 102-130.
- BRÉCHON, Robert. *Fernando Pessoa: Le voyageur immobile – biographie*. Bruxelles: Éditions Aden (col. “Le cercle des poètes disparus”), 2002.
- BRÉCHON, Robert. *Étrange étranger, une biographie de Fernando Pessoa*. Paris: Christian Bourgeois, 1996.
- BROWN, Susan Margaret. “From Michael and Teca: two unpublished letters to Hubert Jennings”. *Pessoa Plural — A Journal of Fernando Pessoa Studies*, nº 8 (2015), Fall, pp. 249-264 <<https://doi.org/10.7301/ZOD21VTZ>>. Republicado em Pittella, Carlos (ed.). *People of the Archive: The Contribution of Hubert Jennings to Pessoa Studies*. Providence: Gávea-Brown, 2016, pp. 149-163.
- BROWN, Susan Margaret; PITTELLA, Carlos. “Letters from Pessoa's Family: thirteen documents from the Hubert Jennings Papers”. *Pessoa Plural — A Journal of Fernando Pessoa Studies*, nº 13 (2018), Spring, pp. 87-142 <<https://doi.org/10.7301/Z01J9886>>.
- BARRETO, José. “A Última Paixão de Fernando Pessoa”. *Pessoa Plural — A Journal of Fernando Pessoa Studies*, nº 12 (2017), Fall, pp. 596-641 <<https://doi.org/10.7301/ZOQJ7FJ9>>.
- CAVALCANTI FILHO, José Paulo. *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- CIPRIANO, Rita. “A biografia de Fernando Pessoa em inglês que esteve perdida durante décadas.” *Observador* (10 Mar. 2019). Acesso: 21 Mar. 2019 <<https://observador.pt/especiais/a-biografia-de-fernando-pessoa-em-ingles-que-esteve-perdida-durante-decadas>>.
- DIX, Steffen; PIZARRO, Jerónimo [orgs]. *A Arca de Pessoa: Novos Ensaios*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2007.
- FERRARI, Patricio. “Bridging Archives: twenty-five unpublished English poems by Fernando Pessoa”. *Pessoa Plural — A Journal of Fernando Pessoa Studies*, nº 8 (2015), Fall, pp. 365-431 <<https://doi.org/10.7301/Z01V5C64>>. Republicado em Pittella, Carlos (ed.). *People of the Archive: The Contribution of Hubert Jennings to Pessoa Studies*. Providence: Gávea-Brown, 2016, pp. 231-261.
- FREITAS, Filipa de. “Afterword: the missing introduction to Fernando Pessoa”. Hubert D. Jennings, *Fernando Pessoa, The Poet with Many Faces: a biography and anthology*. Providence: Gávea-Brown, 2018, pp. 271-282.
- GUIBERT, Armand. *Fernando Pessoa*. Paris: Seghers (col. “Poètes d’Aujourd’hui,” nº 73), 1960.
- HART, Matthew. *From the Kalahari to the Arctic: a family journey and an epic diamond chase*. Vancouver: Figure 1, 2016.

- HART, Matthew. "We'll Put Our Muzzles to the Lake: the passionate inner life of Hubert Jennings". *Pessoa Plural — A Journal of Fernando Pessoa Studies*, nº 8 (2015), Fall, pp. 466-486 <<https://doi.org/10.7301/ZOPKODC1>>. Republicado em Pittella, Carlos (ed.). *People of the Archive: The Contribution of Hubert Jennings to Pessoaan Studies*. Providence: Gávea-Brown, 2016, pp. 293-311.
- HELGESSION, Stefan. "Uys Krige and the South African afterlife of Fernando Pessoa." *Pessoa Plural — a Journal of Fernando Pessoa Studies*, nº 8 (2015), Fall, pp. 265-281 <<https://doi.org/10.7301/ZOHT2MHX>>. Republicado em Pittella, Carlos (ed.). *People of the Archive: The Contribution of Hubert Jennings to Pessoaan Studies*. Providence: Gávea-Brown, 2016, pp. 165-181.
- JENNINGS, Hubert D. *Fernando Pessoa, The Poet with Many Faces: a biography and anthology*. Edited by Carlos Pittella. Lisboa: Tinta-da-china, 2019.
- JENNINGS, Hubert D. *Fernando Pessoa, The Poet with Many Faces: a biography and anthology*. Edited by Carlos Pittella; with a foreword by George Monteiro and an afterword by Filipa de Freitas. Providence: Gávea-Brown, 2018.
- JENNINGS, Hubert D. *Pessoa in Durban*. Durban: Durban Corporation, 1986.
- JENNINGS, Hubert D. *Os Dois Exílios. Fernando Pessoa na África do Sul*. Porto: Centro de Estudos Pessoaanos e Fundação Eng. António de Almeida, 1984.
- JENNINGS, Hubert D. "In Search of Fernando Pessoa". *Contrast — South African Quarterly*, nº 47, vol. 12/3 (1979), Jun., pp. 16-25.
- JENNINGS, Hubert D. *The D.H.S. Story, 1866-1966. A Great Book about a Great School*. Durban: The Durban High School & Old Boys' Memorial Trust, 1966.
- MONTEIRO, George. *As Paixões de Pessoa*. Tradução de Margarida Vale de Gato. Lisboa: Ática/Babel, 2013.
- LUSA – Agência de Notícias de Portugal, S.A. "Espólio de Fernando Pessoa pode ultrapassar os 400 000 euros". *RTP Notícias* (8 Nov. 2008). Acesso 20 Mar. 2018 <http://www.rtp.pt/noticias/cultura/espolio-de-fernando-pessoa-pode-ultrapassar-os-400000-euros_n167823>.
- PESSOA, Fernando. *Cadernos, Tomo I*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (col. "Edição Crítica de Fernando Pessoa", série "Maior", vol. XI), 2009.
- PESSOA, Fernando. *Poemas de Fernando Pessoa (1934-1935), Tomo V*. Edição de Luís Prista. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (col. "Edição Crítica de Fernando Pessoa", série "Maior", vol. I), 2000.
- PESSOA, Fernando. *Fernando Pessoa & Co.: selected poems*. Edited and translated from the Portuguese by Richard Zenith. New York: Grove Atlantic, 1998b.
- PESSOA, Fernando. *Poems of Fernando Pessoa*. Edited and translated by Edwin Honig and Susan M. Brown. San Francisco: City Lights, 1998a [first published by The Ecco Press, 1986].
- PESSOA, Fernando. *Poemas Ingleses, Tomo II. Poemas de Alexander Search*. Edição de João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (col. "Edição Crítica de Fernando Pessoa", série "Maior", vol. V), 1997.

- PESSOA, Fernando. *A Centenary Pessoa*. Edited by Eugénio Lisboa and L.C. Taylor. Manchester: Carcanet Press, 1995.
- PESSOA, Fernando. *Selected Poems*. Edited and translated by Peter Rickard. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1971b [republicado em Austin: University of Texas Press, 1972].
- PESSOA, Fernando. *Sixty Portuguese Poems*. Introduction, selection, English translation of the poems and notes by F.E.G. Quintanilha. Cardiff: University of Wales Press, 1971a.
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética – vol. único*. Organização, introdução e notas por Maria Aliete Galhoz, 2ª ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.
- PITTELLA, Carlos. “Mr. Ormond: the testimonial from a classmate of Fernando Pessoa”. *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, nº 12 (2017b), Fall, pp. 194-235 <<https://doi.org/10.7301/Z02805T8>>.
- PITTELLA, Carlos. “Juliano Apóstata: um poema em três arquivos”. *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, no. 12 (2017a), Fall, pp. 457-487 <<https://doi.org/10.7301/Z0K935RH>>.
- PITTELLA, Carlos. (ed.). *People of the Archive: the contribution of Hubert Jennings to Pessoa studies*. Providence: Gávea-Brown, 2016.
- PITTELLA, Carlos. (ed.). *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, nº 8, *Special Jennings Issue* (2015), Fall <<https://doi.org/10.7301/Z0MK6B38>>.
- PIZARRO, Jerónimo. “Caeiro: Unpublished Translations by Jennings” [colloquium presentation]. *People of the Archive: The contribution of Hubert Jennings to Pessoa Studies*. Providence: Brown University, 7 Out. 2016.
- PIZARRO, Jerónimo. [org.]. *Fernando Pessoa: O Guardador de Papéis*. Alfragide: Texto Editores, 2009.
- SCHWARTZ, John Pedro. “Imperial Nostalgia: Jennings in the footsteps of Pessoa”. *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, nº 8 (2015), Fall, pp. 18-90 <<https://doi.org/10.7301/Z0W37TJX>>.
- SEPÚLVEDA, Pedro. “Pessoas-livros: O Arquivo Bibliográfico de Fernando Pessoa”. *MATLIT: Materialities of Literature*, vol. 2, nº 1 (2014), Nov., pp. 55-77 <<https://doi.org/10.14195/2182-8830>>.
- SEVERINO, Alexandrino E. *Fernando Pessoa na África do Sul, vol. II: A Educação Inglesa e a Obra de Fernando Pessoa*. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1970.
- SEVERINO, Alexandrino E. *Fernando Pessoa na África do Sul, vol. I*. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1969.
- SEVERINO, Alexandrino E.; JENNINGS, Hubert D. “In praise of Ophelia: an interpretation of Pessoa’s only love”. Edited by George Monteiro. *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, nº 4 (2013), Fall, pp. 1-30 <<https://doi.org/10.7301/Z0G73C66>>.
- SIMÕES, João Gaspar. *Vida e Obra de Fernando Pessoa – História Duma Geração*: vol. 1 (Infância e Adolescência); vol. 2 (Maturidade e Morte). Amadora: Bertrand, 1950.
- VIZCAÍNO, Fernanda. “Novos Poemas e Documentos Inéditos: o espólio Serpa”. *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, nº 12 (2017), Fall, pp. 18-81 <<https://doi.org/10.7301/Z0J964M4>>.
- VIZCAÍNO, Fernanda; PIZARRO, Jerónimo. “Novos Poemas e Documentos Inéditos: o espólio Serpa”. *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, nº 13 (2018), Spring, pp. 237-347 <<https://doi.org/10.7301/Z0DR2T1H>>.

FERNANDO BELEZA

Pessoa, cosmopolitismo e império

Resumo

O impulso cosmopolita que moldou a geração do *Orpheu* tem sido abordado recentemente pela crítica. Particular atenção tem sido dada à dimensão semiperiférica que moldou esse mesmo impulso e ao desejo de abertura da cultura nacional que lhe estava subjacente, especialmente nas produções literárias de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. A contribuição importante que esta corrente crítica deu recentemente aos estudos pessoanos aponta para a necessidade de continuar a ler criticamente o cosmopolitismo de Pessoa, procurando agora aprofundar o conhecimento sobre as várias dimensões teóricas desse pensamento, bem como o seu lugar na longa tradição de articulações de identidades cosmopolitas, desde os estoicos, passando por Kant e indo até à relevância da sensibilidade cosmopolita para teorizadores pós-coloniais como Paul Gilroy e Homi Bhabha. Esta comunicação examinará em detalhe a relação entre cosmopolitismo, império e colonialismo em Fernando Pessoa.

PEDRO DE AZEVEDO³⁰

A avaliação da biblioteca particular de Fernando Pessoa

30 - O autor escreve com ortografia anterior ao acordo de 1990.

Critérios e dificuldades

Foi numa terça-feira de Junho de 2016 que chegou o inesperado *e-mail* da Casa Fernando Pessoa (Casa FP), solicitando uma proposta para a avaliação, para efeitos de seguro, dos livros que integram a Biblioteca particular de Fernando Pessoa (BpFP).

A perspectiva de poder vir a trabalhar, manusear e, até certo ponto, estudar, os exemplares que passaram pelas mãos, foram lidos e, muitos deles, anotados pelo Poeta do Orfeu, não podia deixar de ser aliciante para qualquer indivíduo com o mínimo de sensibilidade e curiosidade pelas questões de natureza cultural e literária, como pensamos ser o caso do autor destas linhas. Para um profissional de livros antigos e raros, com mais de 40 anos de actividade, alguns dos quais já para além da idade da reforma, era uma espécie de prémio que, sinceramente, não imaginávamos possível. Por tudo isto, foi com justificada ansiedade e contido entusiasmo que, dois dias depois, comparecemos no número 16 da Rua Coelho da Rocha, para uma entrevista preliminar.

A proposta que alguns dias mais tarde apresentámos à Casa FP foi elaborada com o maior cuidado, na esperança de que nada pudesse entrar a sua aprovação, o que, na realidade, veio a acontecer, até com alguma celeridade, porque uma parte substancial dos livros em causa devia viajar, antes do final do ano, para Paris a fim de integrar uma exposição na Delegação em França da Fundação Gulbenkian³¹. Ficou então estabelecido que a avaliação decorreria em três fases – Julho, Agosto e Outubro – às quais correspondiam, respectivamente, 372, 584 e 207, num total de 1163 títulos.

A presente intervenção visa, precisamente, apresentar a metodologia e os critérios que foram seguidos na avaliação dos livros que integram a BpFP, dando conta de alguns exemplos representativos das diferentes tipologias, bem como de determinados casos que, pelas suas particularidades, se revelaram de especial dificuldade³².

31 - Exposição *Festival de l'incertitude*, de 4 de Outubro a 18 de Dezembro de 2016, comissário Paulo Pires do Vale (<https://gulbenkian.pt/paris/pt-pt/expositions/expositions-passees/festival-de-lincertitude/>) acesso em 14 de Setembro de 2019.

32 - Cumpre-nos agradecer à Dra. Clara Riso, directora da Casa Fernando Pessoa, o convite que nos dirigiu para participar neste colóquio, com uma comunicação. Os nossos agradecimentos vão também para a Dra. Teresa Monteiro pelo apoio que nos prestou na preparação da presente intervenção.

1. Objecto da avaliação

Conforme referimos, a avaliação incidiu sobre os 1163 títulos que se conservam, na sua quase totalidade³³, na Casa FP. Todos os livros foram compulsados individualmente *in loco* e objecto de uma cuidadosa observação quanto às características que pudessem vir a influenciar o respectivo valor. Posteriormente, cada título foi confrontado com a base de dados *on-line* da BpFP e, em alguns casos, com a obra *Fernando Pessoa: a biblioteca particular*, coordenada por Jerónimo Pizarro, Patricio Ferrari e Antonio Cardello, publicada em 2010 (FPBP).

Por razões de ordem prática, tendo em vista uma melhor visão global do acervo, optámos por elaborar um quadro estatístico elementar³⁴ que reflectisse de forma pragmática as temáticas mais representativas dos interesses e preocupações que levaram à incorporação de cada um dos documentos na colecção.

TEMAS	nº	%
Literatura	632	54,4
Ciências sociais	137	11,8
Astrologia, esoterismo, ocultismo, etc.	114	9,9
Filosofia	111	9,5
Religião	69	5,9
Ciência	45	3,9
Outros	55	4,6

No que respeita às línguas representadas, a distribuição é bastante simples: ± 50% para livros em língua inglesa; ± 24% para cada uma das línguas portuguesa e francesa; menos de 2% para as restantes três línguas: o castelhano (18), o italiano (3) e o latim (1).

33 - Apenas 10 títulos, que não se encontravam fisicamente na Casa FP, foram consultados em formato digital.

34 - Quadro elaborado de forma empírica, uma vez que, em nossa opinião, a Classificação Decimal Universal usada nas fichas da BpFP e de FPBP não traduz de forma clara a especificidade da colecção, nomeadamente no que se refere à especial variedade e importância relativa dos subtemas.

2. Critérios de avaliação

Em matéria de critérios de avaliação, temos vindo a usar no nosso trabalho principalmente três conceitos fundamentais:

2.1 Valor de mercado (venda)

O critério de mercado é o que utilizamos na maioria das avaliações de livros e documentos de particulares, como, por exemplo, na partilha de uma biblioteca ou de um conjunto de livros entre herdeiros. Consiste, fundamentalmente, na atribuição de valores na perspectiva da sua venda futura, quer directamente a comerciantes, quer através de leilões especializados.

2.2 Valor de substituição (compra)

O critério de substituição, mais aplicado para instituições e efeitos de seguro, implica igualmente a atribuição de valores de mercado, mas agora na perspectiva do comprador, ou seja, da substituição do documento por outro de características semelhantes, através da sua aquisição no circuito comercial.

2.3 Valor patrimonial (institucional)

Ora, na avaliação dos livros da BpFP não puderam ser aplicados nenhum dos critérios acima mencionados, por diversas razões, sendo duas mais óbvias. Desde já porque, tratando-se de uma instituição do tipo casa-memória, integrada na estrutura municipal, os livros nunca serão alienados. Mas também pela própria natureza da colecção, profundamente marcada pela especificidade da figura do seu proprietário original. De facto, não é possível substituir, em condições semelhantes, um exemplar que se sabe ter pertencido a FP, sobretudo se o mesmo apresentar anotações do seu punho, uma mera assinatura autógrafa ou outra ligação que o identifique com o poeta. Neste sentido, foi necessário definir previamente uma grelha de valores a aplicar a diferentes situações, que, *grosso modo*, correspondesse às tipologias mais frequentes.

T1 – exemplares que não apresentam qualquer anotação, marca de posse, vestígio ou indicação inequívoca, de que tenham pertencido a FP;

T2 – exemplares com uma simples marca de posse pessoa (assinatura, carimbo, etc.);

T3 – exemplares com anotações autógrafas de FP (mais ou menos extensas);

T4 – exemplares com dedicatórias dos respectivos autores a FP.

Estes valores pré-definidos foram objecto de correcção na fase de análise de cada exemplar, pela aplicação dos diferentes factores de valorização, positiva ou negativa, conforme iremos exemplificar no capítulo seguinte.

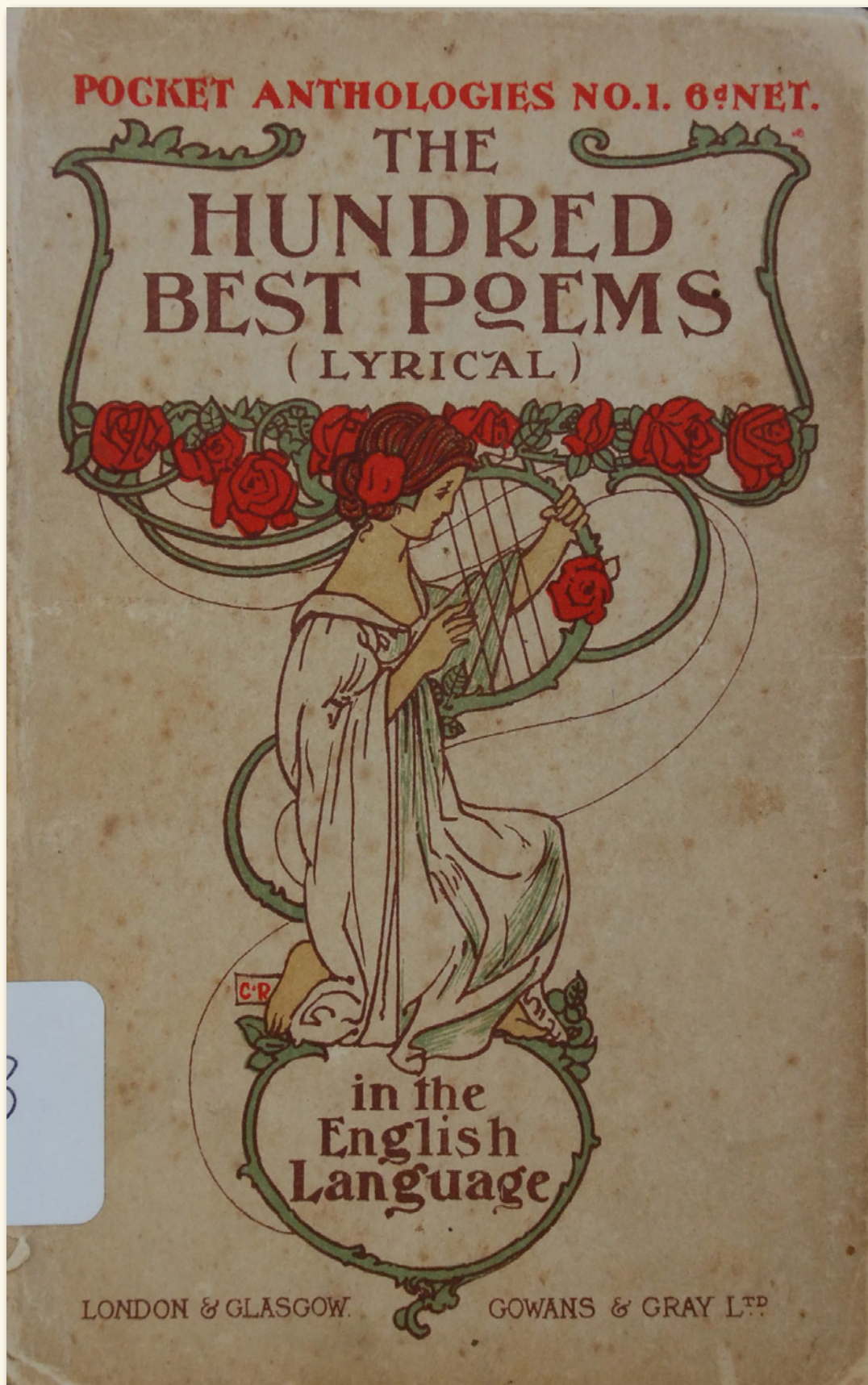


Fig. 01 The hundred best poems (lyrical) in the English language. Glasgow, 1909 – REF^a. BPPF, 0044.

3. Factores de valorização

Para uma melhor ilustração dos principais factores de valorização, recorreremos, salvo raras excepções, aos próprios exemplares da BpFP. Conviria, contudo, esclarecer que na grande maioria das situações, foram aplicados dois ou mais critérios simultaneamente e, ainda assim, sempre com elevado grau de subjectividade.

3.1 Conteúdo

O conteúdo – e a sua relevância relativa – é o primeiro aspecto que, quanto a nós, deve ser tomado em consideração em qualquer avaliação de livros e documentos. Mais do que qualquer outro, o factor conteúdo obriga-nos a um esforço de contextualização sobre o lugar que cada texto veio preencher numa determinada colecção, sempre numa perspectiva temporal, ou seja, à data da sua aquisição ou incorporação.

O primeiro exemplo que escolhemos (fig. 1), uma pequena colectânea de poemas, igual a tantas outras que proliferam em todas as épocas e em todas as línguas, representa bem o escasso ou nulo interesse comercial de algumas espécies existentes em todas as bibliotecas. Na ausência de qualquer marca ou vestígio que o ligue à BpFP, o exemplar corresponde perfeitamente às características apontadas para a tipologia T1.

A segunda obra (fig. 2) é da escritora irlandesa Frances Elizabeth B. Clarke (1854-1943) que, a partir deste mesmo romance, publicado em 1893, passou a usar o pseudónimo Sarah Grand. Fruto de um casamento traumatizante que acabou em divórcio (1890), a autora assume, na sua escrita, uma postura marcadamente feminista, que ela própria intitula “New Woman”, que viria a influenciar o movimento de emancipação da mulher até aos nossos dias. Este exemplo, à semelhança dos dois que se seguem, revelam-nos alguns interesses específicos e certas linhas de orientação que FP seguiu na formação da sua biblioteca.

A questão da autoria shakespeareana tem sido defendida por vários estudiosos que atribuem a Sir Francis Bacon (fig. 3), contemporâneo de Shakespeare, a paternidade de alguns textos do Bardo. Esta foi uma polémica que interessou sobremaneira a FP, a ajuizar pelos mais de 20 títulos com ela relacionados que integram o acervo.

Mary Roberts Rinehart (1876-1958), escritora de romances policiais, ficou conhecida como “a Agatha Christie americana” (fig. 4), embora o seu primeiro livro tenha sido publicado 14 anos antes de Christie publicar o primeiro dela³⁵. Contámos cerca de 40 títulos de literatura policial na BpFP, de autores como G. K. Chesterton, Conan Doyle, R. Austin Freeman ou Edgar Allan Poe, este último ocupando um lugar de destaque na vida e na obra do poeta da *Mensagem*.

35 - *The mysterious affair at Styles*. New York: John Lane, 1920.



Fig. 02 The heavenly twins / Sarah Grand. London, 1901 – REF^a. BFPF, 0229.

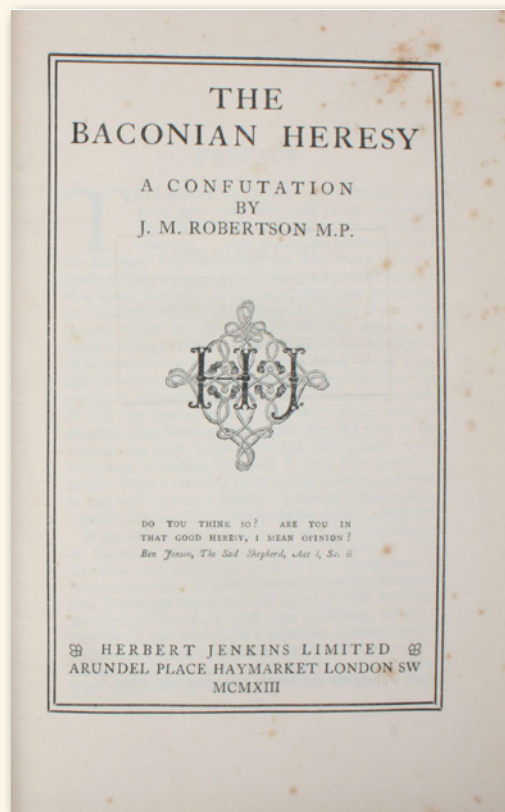


Fig. 03 The Baconian heresy: a confutation / J. M. Robertson. London, 1913 – REF^a. BFPF, 0083.

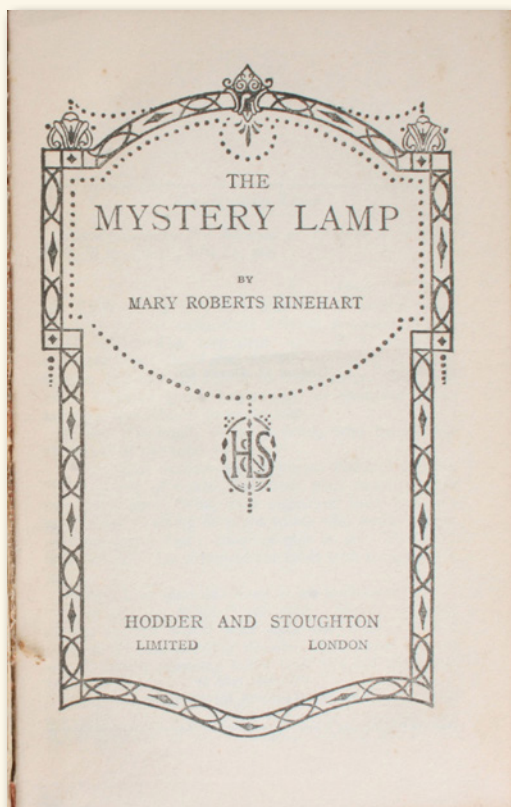


Fig. 04 The mistery lamp / Mary Roberts Rinehart. London, 1925 – REF^a. BFPF, 0690.

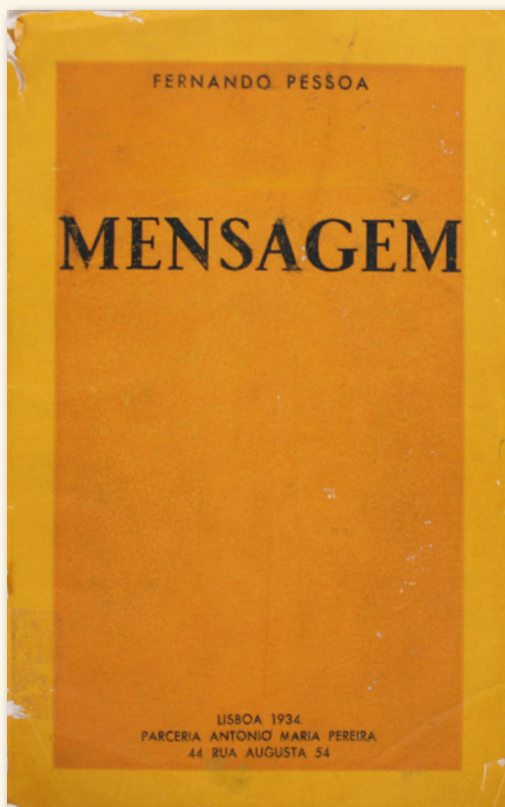


Fig. 05.1 Mensagem / Fernando Pessoa. Lisboa, 1934 (1^a edição) – REF^a. BFPF, 0443.

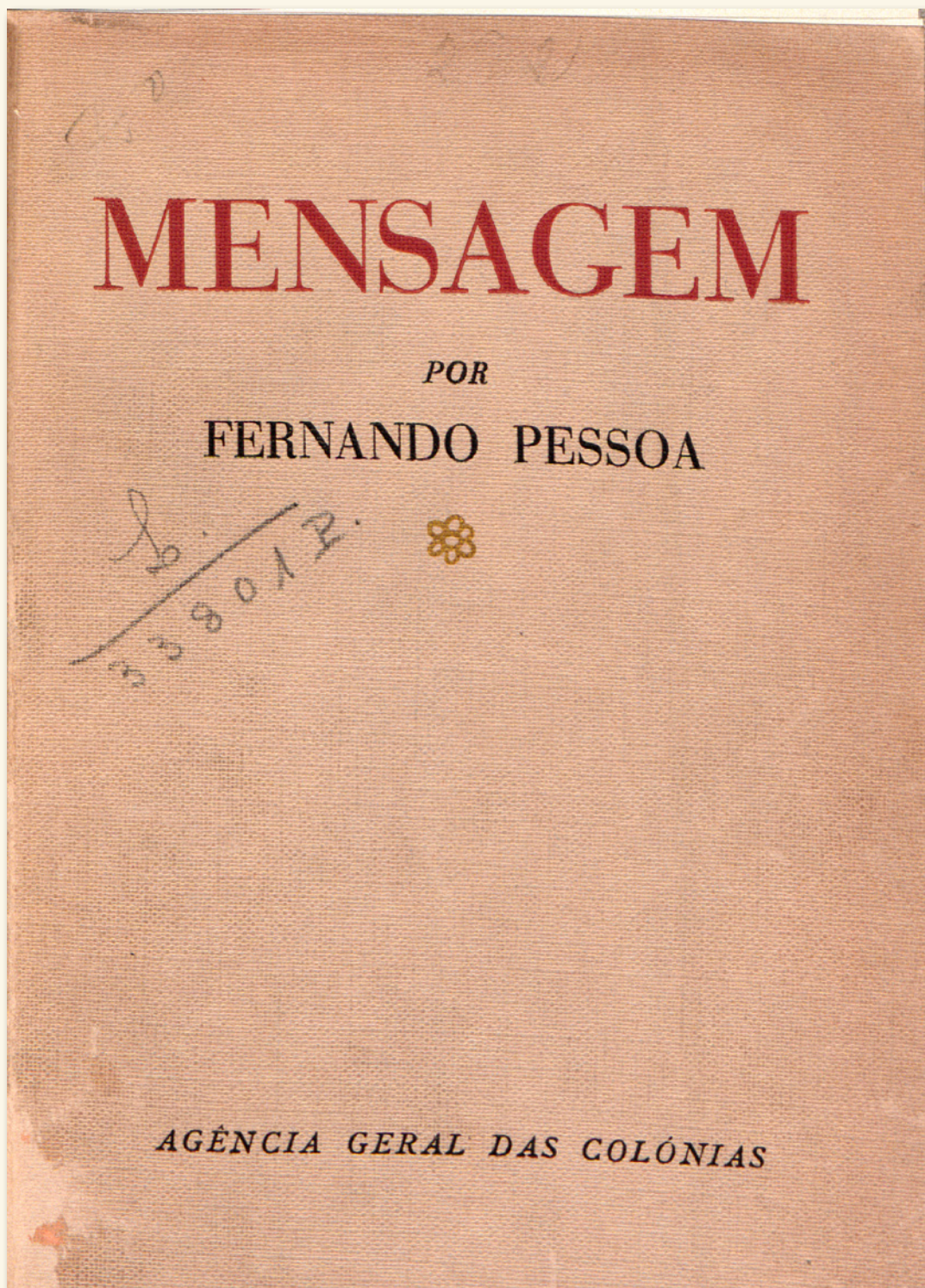


Fig. 05.2 Mensagem / Fernando Pessoa. Lisboa, 1941 (2ª edição) – COLECÇÃO DO AUTOR.

3.2 Edição

A questão da edição, mais propriamente das primeiras edições, assume contornos quase míticos no universo da bibliofilia e do coleccionismo. Porém, FP não era nem um coleccionador, nem um bibliófilo: comprava livros fundamentalmente para os ler, para se documentar, para se inspirar. Assim, neste contexto, a questão perde algum peso. Todavia, não queremos deixar de apresentar um exemplo pessoano bem elucidativo.

A primeira edição da *Mensagem*, publicada pela Parceria A. M. Pereira, em 1934, embora muito procurada, está longe de ser uma obra rara (fig. 5). No entanto, quando a comparamos com a segunda edição, da Agência Geral das Colónias (1941), substancialmente mais invulgar do que a primeira, chega a atingir valores de mercado 10 a 15 vezes superiores³⁶. A ideia de proximidade com o autor é, provavelmente, uma das razões da preferência do mercado pelas edições originais, sendo o caso da *Mensagem*, publicada no ano anterior ao da morte do autor, paradigmático, tanto mais que FP nunca chegaria a ver a segunda edição da sua obra.

3.3 Antiguidade

A antiguidade é, tradicionalmente, um factor de valorização significativo. Mas, também aqui, por razões semelhantes às anteriormente apontadas para o factor “edição”, não apresenta a relevância que seria de esperar.

Este (fig. 6) é o livro mais antigo que se encontra na BpFP, o único do século XVIII³⁷. Mary Worthley Montagu (1689-1762) era mulher de um diplomata britânico que foi embaixador na Turquia. Ficou conhecida pelas cartas que publicou, onde relata as suas viagens pelo Médio Oriente, acompanhando o marido.

Nicolas de Perron (1798-1876), médico francês, director da Escola de Medicina do Cairo, foi um dos pioneiros na denúncia da condição da mulher nos países árabes (fig. 7). O título é simultaneamente uma das espécies mais antigas da BpFP e uma invulgar primeira edição.

3.4 Raridade

Como é do conhecimento geral, o grau de raridade de um livro é sempre um factor de valorização positiva, embora o mesmo nunca possa ser considerado de forma isolada. Neste sentido, podemos afirmar que há livros raríssimos que praticamente não apresentam valor comercial, enquanto outros, bem mais comuns, alcançam valores consideráveis.

36 - Nos últimos 40 anos de actividade profissional, passaram pelas nossas mãos, quer em leilões, quer em avaliações, seguramente, mais de duas dezenas de exemplares da primeira edição da *Mensagem*, enquanto apenas registamos cinco da segunda.

37 - Da primeira metade do século XIX só foram identificados cinco títulos, e de 1851 até 1880 apenas mais 34.

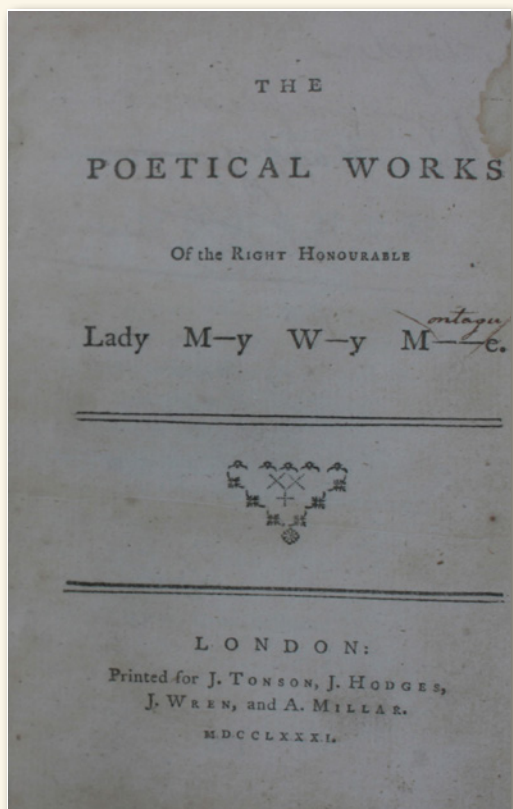


Fig. 06 The poetical works of Lady Montagu. London, 1781 – REF^a. BPPF, 1185.

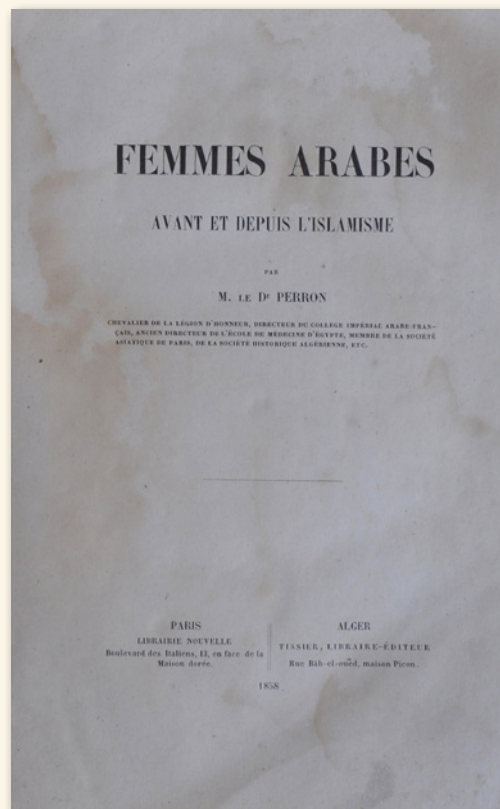


Fig. 07 Femmes arabes, avant et depuis l'islamisme / Nicolas Perron. Paris, 1838 – REF^a. BPPF, 1003.

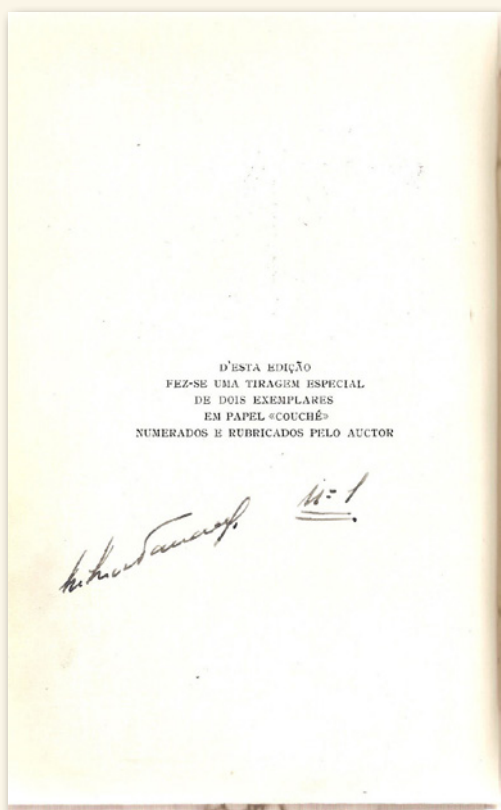


Fig. 08 Luz poeirenta / Silva Tavares. Lisboa, 1916 – REF^a. BPPF, 1195.



Fig. 09 Sensuais / Helena Maria. Lisboa, 1933 – REF^a. BPPF, 0382.

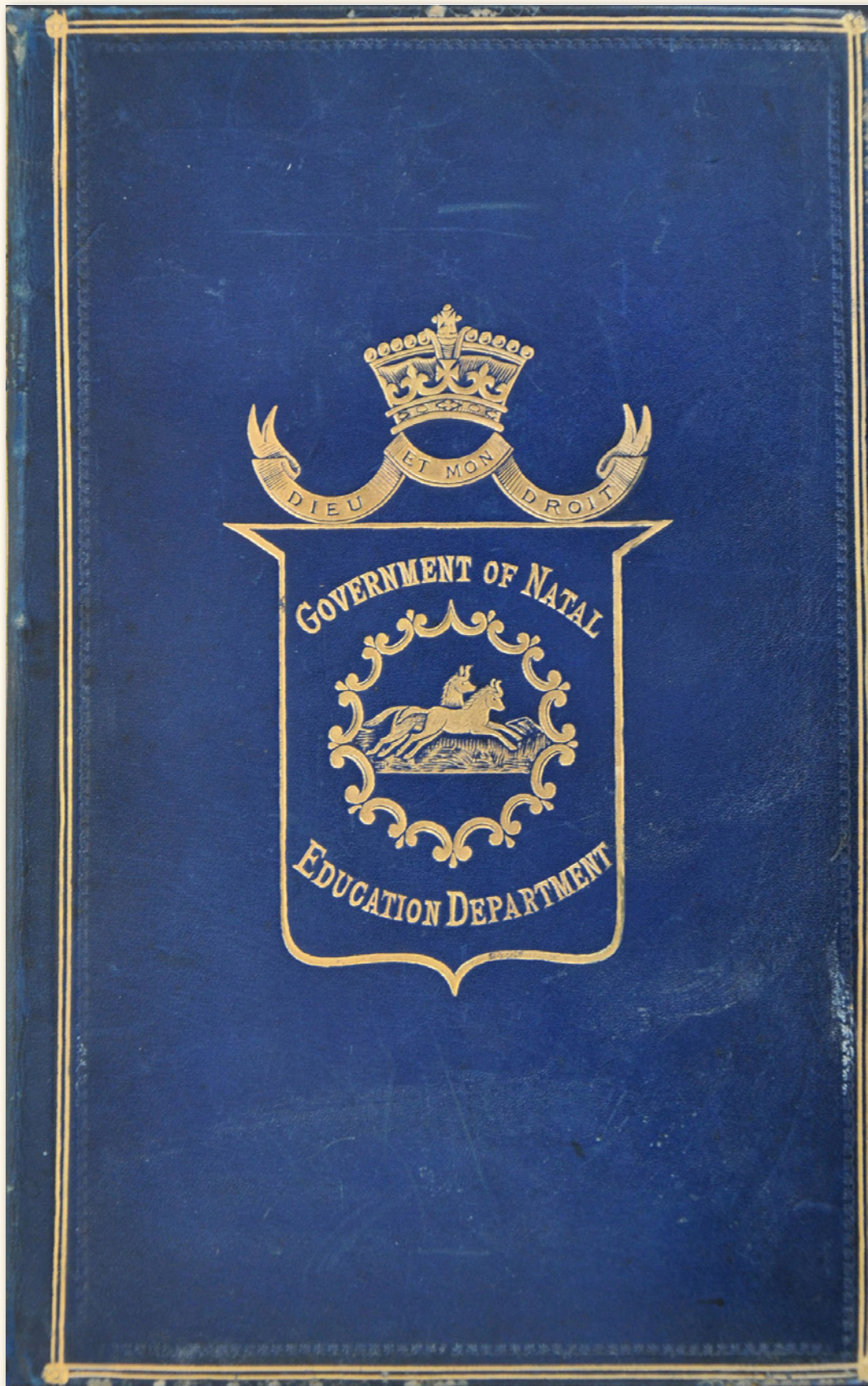


Fig. 10 Rome: from the earliest times to the end of the Republic / Arthur Gilman. London, 1894 – REF^a. BPPF, 0576.

O exemplar de *Luz Poeirenta* (fig. 8), do poeta e dramaturgo João Silva Tavares (1893-1964), é o nº 1 de uma tiragem especial de 2, pelo que a sua raridade é incontestável. Significativo é o facto de o autor, então apenas com 23 anos, ter dedicado a FP o exemplar nº 1 da tiragem especial da sua obra. Todavia, fora do contexto em que o encontramos, e se nos abstrairmos da dedicatória, o seu valor é de irrelevante expressão.

Artur Augusto [da Silva] (1912-1983) nasceu na ilha Brava, em Cabo Verde, tendo passado a sua infância e adolescência entre Portugal e a Guiné. O seu percurso literário iniciou-se em 1931 com o volume de poesias *Mais Além* e ficou marcado pela censura ao seu segundo livro (fig. 9), *Sensuais* (1933), assinado com o pseudónimo Helena Maria, um livro apreendido e destruído pela polícia do regime. A censura e a perseguição política provocaram, indirectamente, uma dupla valorização das obras visadas. Primeiro pela retirada e destruição de exemplares destinados ao circuito literário. Em segundo lugar, pelo anátema que, na época, lançaram sobre essas obras e os seus autores. Hoje, essa conotação inverteu-se e joga a favor dos que foram perseguidos, agora vistos como lutadores por liberdades e direitos fundamentais, outrora reprimidos.

3.5 Encadernação

A qualidade e a quantidade das encadernações não é, decididamente, o ponto forte da BpFP. De facto, grande parte dos exemplares encontram-se em brochura e os poucos que estão encadernados ou conservam ainda as encadernações editoriais ou apresentam modestos revestimentos em tela ou têxtil. Restam escassíssimos volumes com encadernações notáveis, todos, ou quase todos, prémios escolares.

Integra-se nesta última categoria a encadernação do prémio escolar atribuído a FP no Natal de 1899 (fig. 10). Trata-se de uma bela encadernação azul, inteira de vitela fina, ostentando ao centro do plano superior, gravadas a ouro, as armas do Governo da Colónia do Natal (Education Department), como então este território era denominado³⁸. No verso, pode ver-se uma grande etiqueta com as seguintes indicações:

Durban High School – Xmas 1899 – To Pessoa Form II. A. – For General Excellence – W. H. Nicholas Headmaster.

Esta outra (fig. 11) é um dos melhores e mais bem conservados exemplos de uma encadernação editorial tradicional, de percalina ou tela de algodão, com gravação estampada a ouro alusiva ao tema da obra. Mais um título relacionado com a autoria das peças de Shakespeare, *The Tempest e A Midsummer Night's Dream* e com a sua ligação à filosofia rosa-cruz.

38 - A Colónia do Natal, colónia britânica do Sudeste africano, foi proclamada a 4 de Maio de 1843; a 31 de Maio de 1910 passou a integrar a antiga União Sul-Africana, antecessora da actual República da África do Sul.

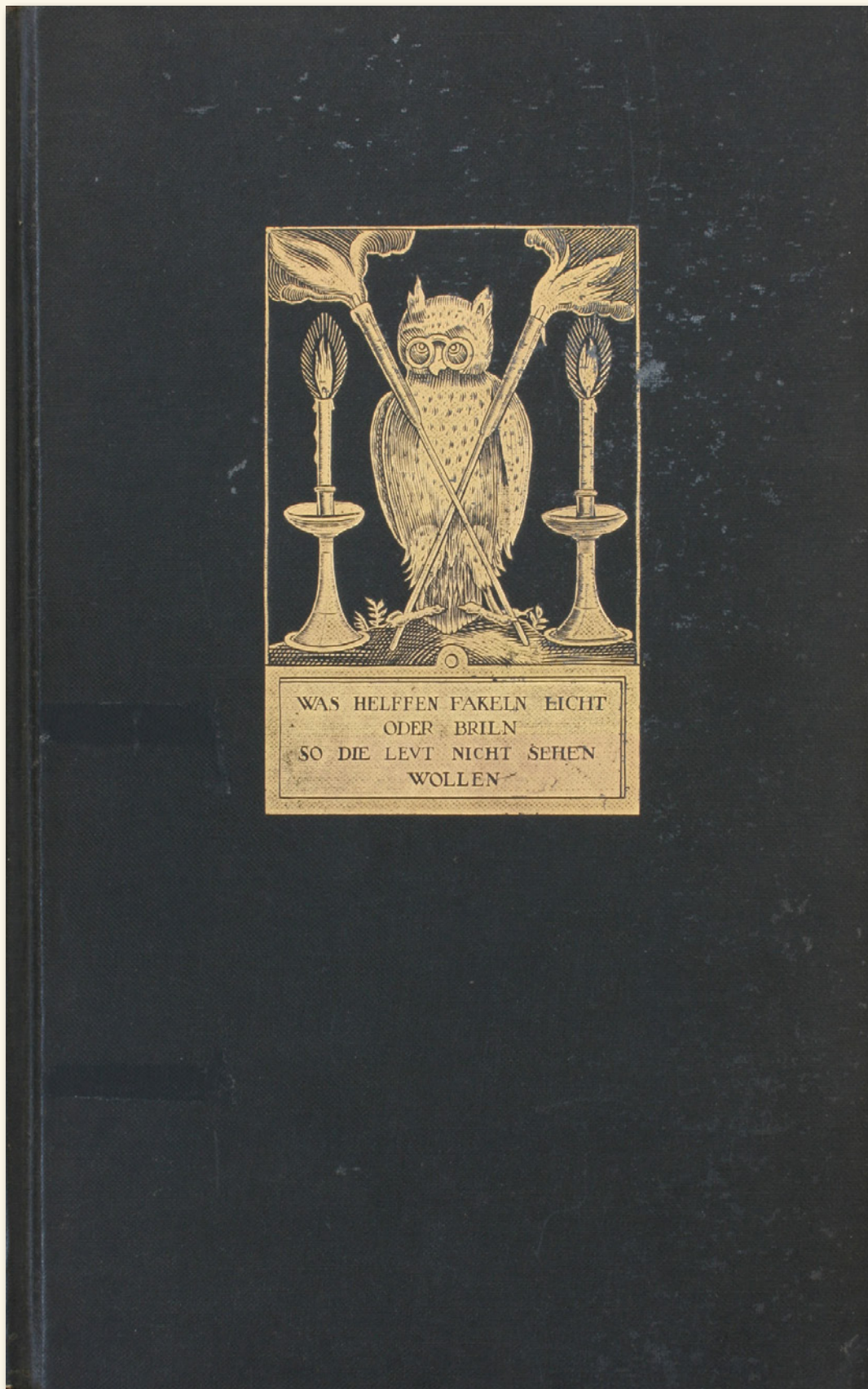


Fig. 11 The Columbus of literature or Bacon's new world of sciences / W. F. C. Wigston. Chicago, 1892 – REF^a. BPPF, 0422.

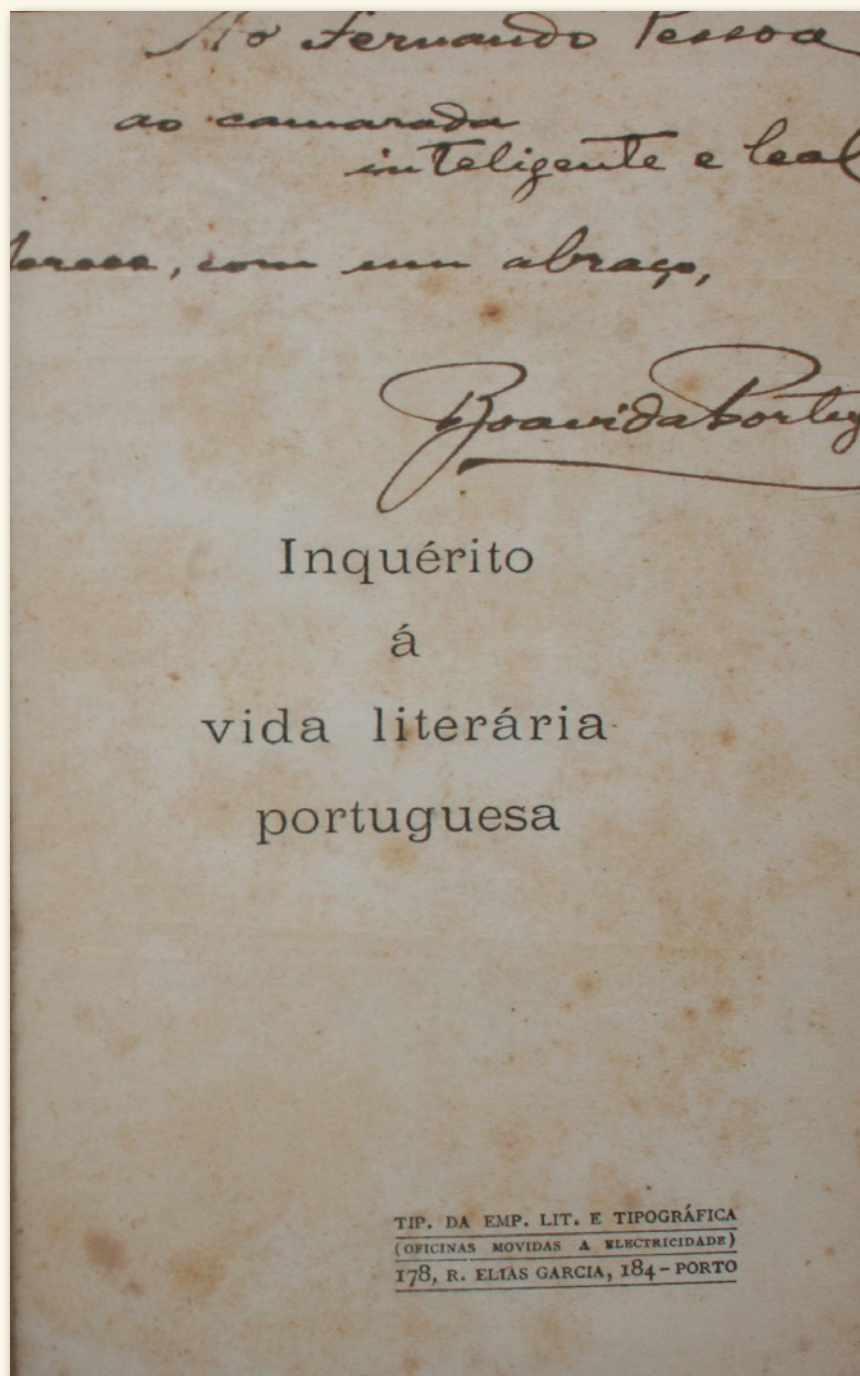


Fig. 12.1 Inquérito literário / Boavida Portugal. Lisboa, 1915 – REF^a. BPPF, 0884.

Fig. 12.2 Inquérito literário / Boavida Portugal (dedicatória aparada).

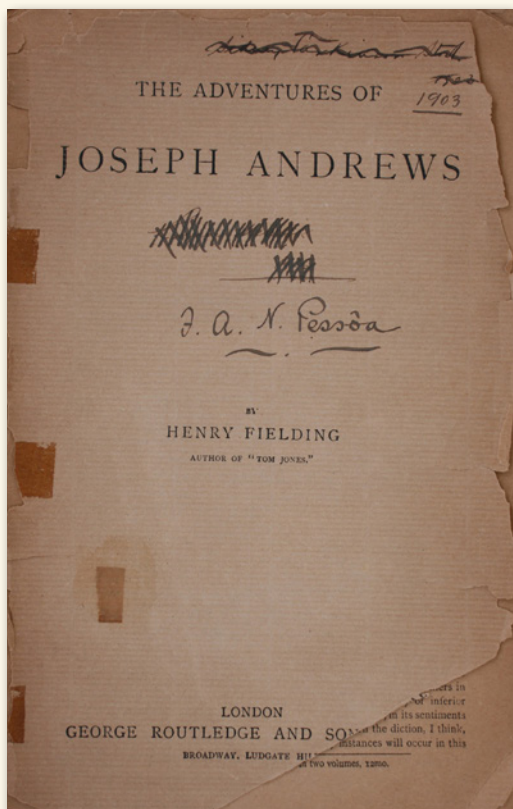


Fig. 13 The adventures of Joseph Andrews / Henry Fielding, London, s.d. [ca. 1890] – REF^a. BPPF, 0749.



Fig. 14 Oeuvres choisies de Gresset. Paris, 1903 – REF^a. BPPF, 1028.

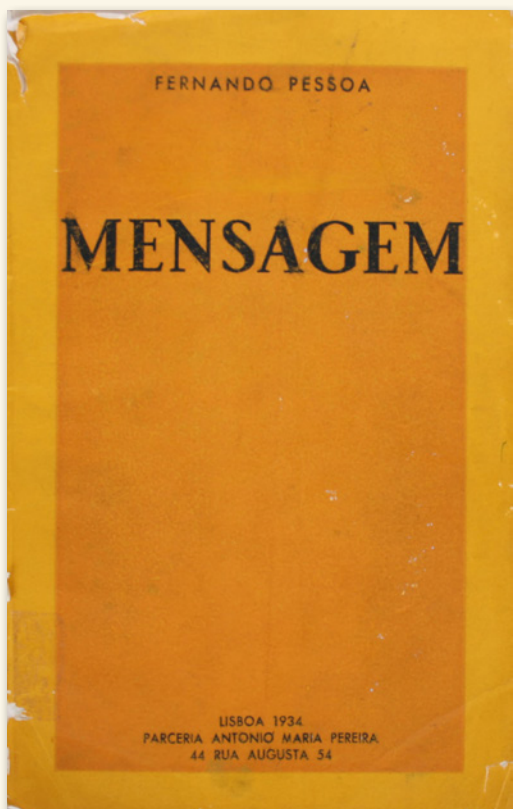


Fig. 15.1 Mensagem / Fernando Pessoa. Lisboa, 1934 – REF^a. BPPF, 0443.



Fig. 15.2 Mensagem / Fernando Pessoa (badana)

A título de curiosidade, registre-se ainda esta modesta encadernação em percalina (fig. 12), a única que, quase garantidamente, identificámos como tendo sido mandada fazer por FP. Na realidade, torna-se aparente que a dedicatória do autor a FP foi aparada e prejudicada em resultado de uma desastrada operação do encadernador, obviamente em data posterior à oferta do volume.

3.6 Conservação

A BpFP é constituída, quase exclusivamente, por espécies bibliográficas impressas na segunda metade do século XIX e nos primeiros 35 anos do século XX. Este intervalo de tempo coincide, em termos de produção editorial, com uma época que conheceu profundas transformações nos processos industriais de fabrico do papel, nomeadamente, através da utilização de polpa de madeira. Ora esta matéria-prima, ao contrário do papel antigo feito de trapo, contém na sua composição elementos prejudiciais à sua conservação e longevidade. Acresce que uma grande parte das edições, sobretudo as grandes colecções de divulgação, foram impressas em papel de fraca qualidade. Assim, na BpFP encontramos muitos exemplares com graves problemas de conservação, nomeadamente acidez, que provoca a fragilização do suporte.

Vejamos alguns exemplos, a começar pelo primeiro livro do escritor inglês Henry Fielding (1707-1754), considerado o primeiro romance da língua inglesa (fig. 13), cuja edição original data de 1742. O exemplar está assinado F.A.N. Pessoa e datado de 1903; a degradação do papel é bem visível, apresentando graves falhas, bem como a falta das capas de brochura; o recurso a fita adesiva, nada aconselhável, provocou manchas praticamente irrecuperáveis.

O segundo é uma edição integrada na *Collection des meilleurs auteurs anciens et modernes*, publicada pela Bibliothèque Nationale de Paris (fig. 14). Ambas as espécies são bem representativas de algumas edições populares de autores consagrados, com enormes tiragens, que, na generalidade dos casos, foram impressas em papel de inferior qualidade a fim de as tornar acessíveis ao grande público.

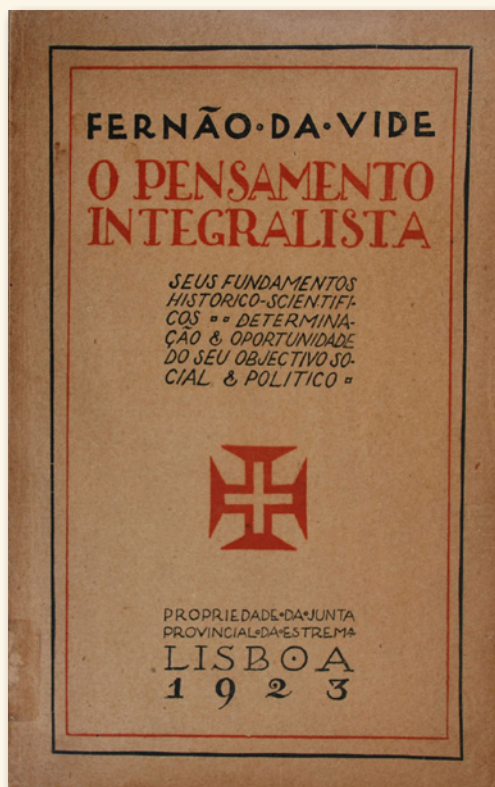


Fig. 16.1 O pensamento integralista / Fernão da Vide (Lisboa, 1923) – REF^a. BPPF, 0882.

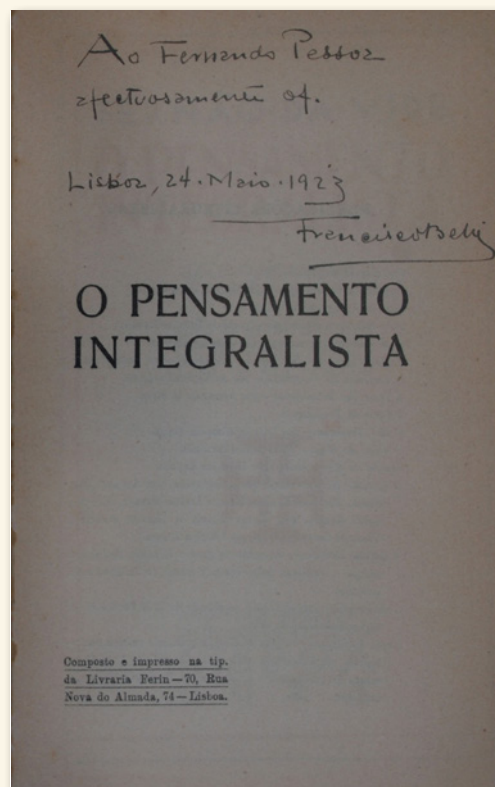


Fig. 16.2 O pensamento integralista / Fernão da Vide (dedicatória).

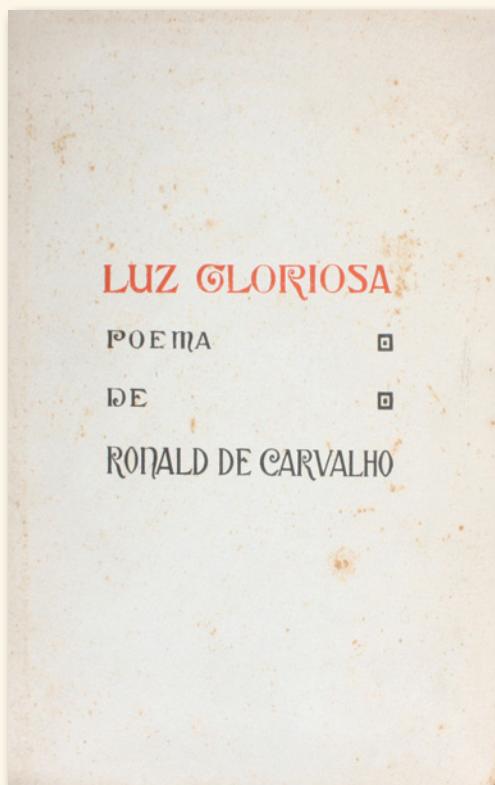


Fig. 17.1 Luz gloriosa: poema / Ronald de Carvalho. Paris, 1913 – REF^a. BPPF, 0788.

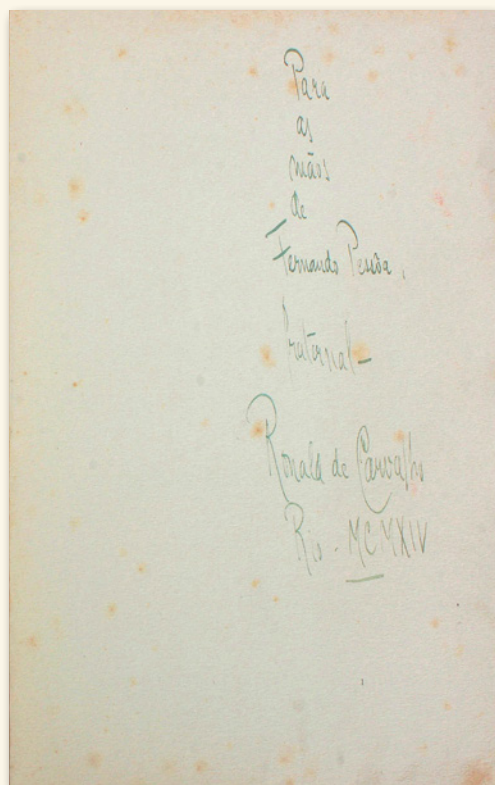


Fig. 17.2 Luz gloriosa: poema / Ronald de Carvalho (dedicatória datada de 1924).

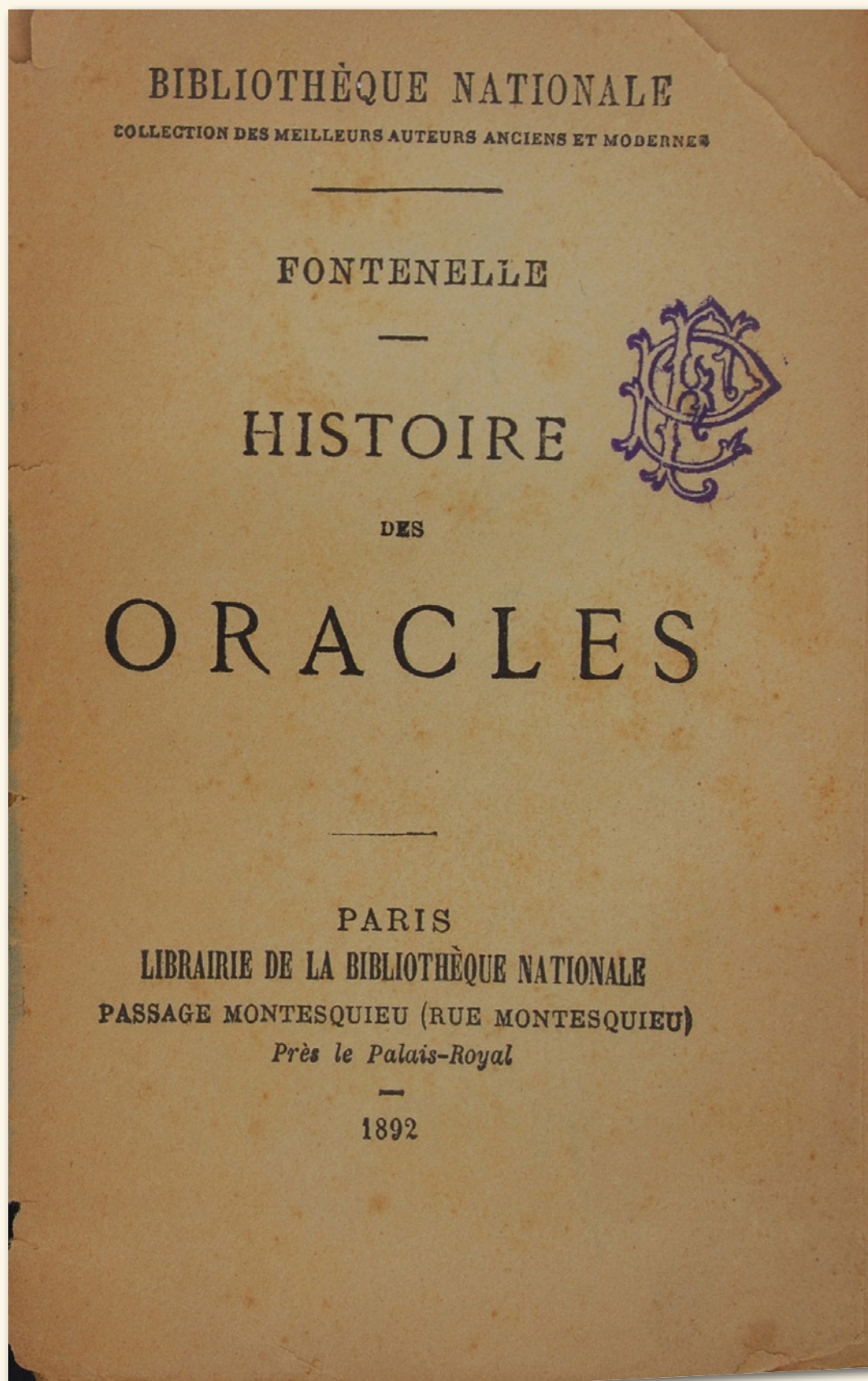


Fig. 18 Histoire des oracles / Fontenelle. Paris, 1892 – REF^a, BPPF, 1025.

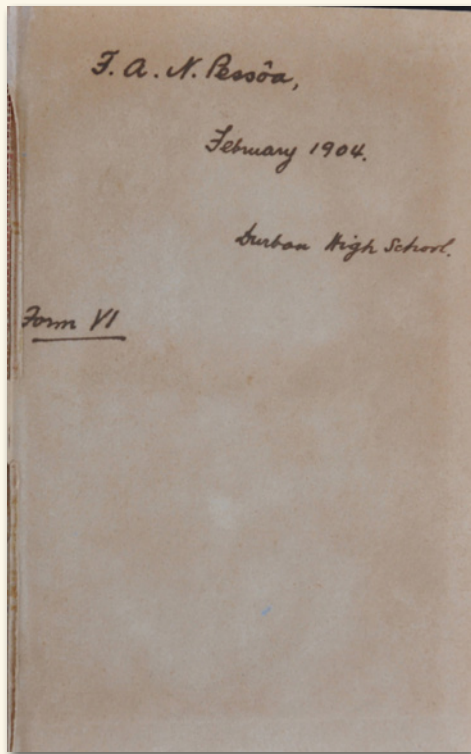


Fig. 19.1 Sartor Resartus / Thomas Carlyle. London, 1903 – REF^a, BPPF, 0154.

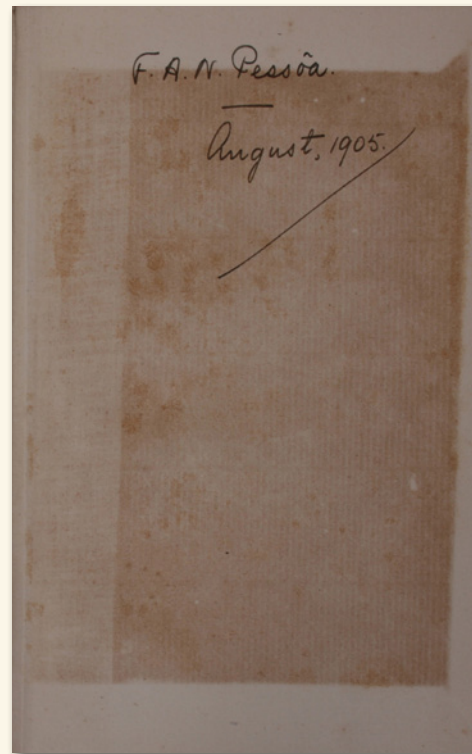


Fig. 19.2 Physiognomy made easy / Annie Isabella Oppenheim. London, 1900 – REF^a, BPPF, 0236.

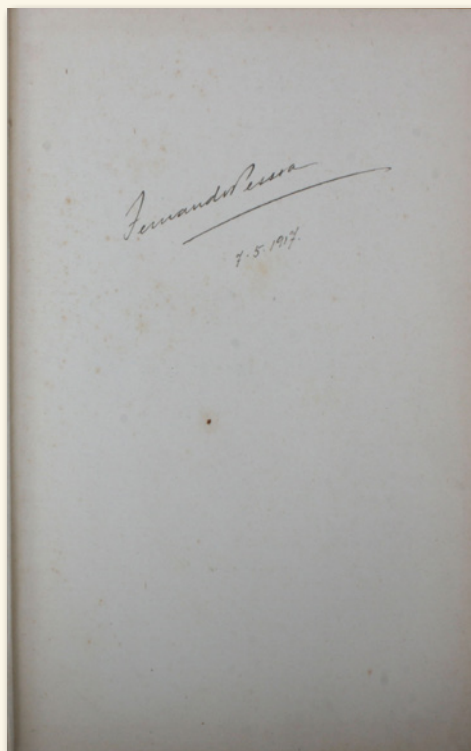


Fig. 20.1 The Columbus of literature or Bacon's new world of sciences / W. F. C. Wigston. Chicago, 1892 – REF^a, BPPF, 0422.

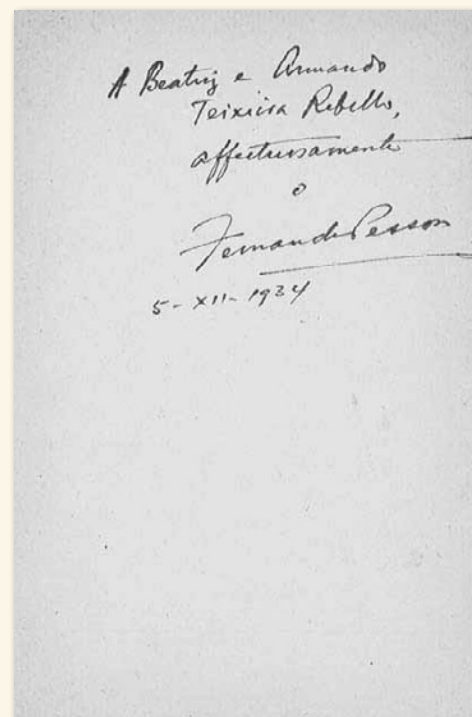


Fig. 20.2 Mensagem / Fernando Pessoa. Lisboa, 1934 – REF^a, BPPF, 0443.

A dupla imagem da 1ª edição da *Mensagem* (fig. 15), corresponde, por outro lado, a uma vertente distinta do factor “conservação” em bibliofilia: a da integridade do exemplar. À esquerda, podemos ver a capa de brochura superior; à direita, o respectivo verso (ou contracapa), com a badana ou aba. Esta extensão, que mede aproximadamente 190 x 60 mm, não apresenta qualquer informação impressa. No entanto, a sua falta, como acontece em alguns exemplares que entretanto foram encadernados, resulta inevitavelmente numa desvalorização que pode atingir mais de 50% do valor de mercado de um exemplar intacto.

3.7 Intervenções dos autores

Na BpFP, este factor manifesta-se sobretudo nas dedicatórias que, conforme o grau de expressividade, assim traduzem diferentes níveis de proximidade do autor para com o dedicatário. Refira-se que cerca de 60% das obras em língua portuguesa que integram a BpFP (277 títulos) apresentam dedicatórias dos autores a FP.

Analisemos a dedicatória de Fernão da Vide (fig. 16), pseudónimo de Francisco Beliz (1890-1959), poeta e jornalista, natural de Castelo de Vide, personalidade muito próxima de António Sardinha, com quem participou na fundação e desenvolvimento do movimento político conhecido como Integralismo Lusitano. A expressão contida de afectuosidade reflecte respeito e admiração, talvez, mas não intimidade, amizade ou outra forma de familiaridade.

Ronald de Carvalho (1893-1935), poeta e político, foi director e colaborador do primeiro número da revista *Orpheu* e uma espécie de porta-voz da geração modernista portuguesa no Brasil. Curiosamente, o exemplar (fig. 17) do poema “Luz Gloriosa” foi trazido do Rio de Janeiro por Luís de Montalvor³⁹, outro nome muito ligado a FP, no seu regresso a Portugal depois de uma estada de dois anos no Brasil. Embora sucinta, a dedicatória não deixa de exprimir uma grande proximidade, traduzida pelo emprego do adjectivo “fraternal”.

3.8 Intervenções pessoanas

As marcas que FP deixou nos seus livros são inúmeras e de variadíssimas naturezas, desde simples sublinhados, quase imperceptíveis, até extensas e complexas anotações que cobrem literalmente todo o espaço disponível das páginas de texto e de guarda, passando pelas assinaturas, não apenas dele próprio, mas também de alguns dos seus heterónimos.

39 - Luís de Montalvor (1891-1947), pseudónimo de Luís Filipe de Saldanha da Gama da Silva Ramos, poeta e director (para Portugal) do primeiro número da revista *Orpheu*, foi o fundador da editora Ática, a primeira a publicar a obra de FP.

3.8.1 Assinaturas e carimbos

O pequeno volume (fig. 18) de Bernard de Fontenelle (1657-1757), escritor e cientista francês, sobrinho de Corneille, onde o autor denuncia as superstições e desacredita os oráculos, foi seleccionado por apresentar, na página de rosto, um carimbo com o monograma FP, que ocorre em cerca de uma dezena de exemplares da colecção (fig. 18). Pensamos que se trata de uma marca de posse que o Poeta usou, por vezes acompanhada da sua assinatura, durante a sua permanência em Durban⁴⁰.

A colectânea de textos (fig. 19.1) do escocês Thomas Carlyle (1795-1881) terá ajudado FP na cadeira de Inglês, no Liceu de Durban, a ajuizar pela inequívoca inscrição, assinada e datada, que consta da primeira guarda volante: *F. A. N. Pessôa, February 1904. Durban High School. Form VI*. Na guarda fixa, igualmente pela mão do Poeta, podemos ver a identificação da disciplina: *English*. Esta assinatura autógrafa, à semelhança do carimbo anterior, ocorre apenas em edições datadas até 1904, como é o caso do pequeno manual de fisionomia que aqui podemos observar (fig. 19.2).

As características morfológicas da assinatura, que o Poeta viria a abandonar após o seu regresso a Lisboa, apontam, decididamente, para a sua adolescência.

Muito diferentes são as duas assinaturas que se seguem (fig. 20), ambas datadas respectivamente de 1917 e de 1934, que correspondem a uma fase de maturidade do Poeta, caracterizada por uma certa permanência e invariabilidade. O estudo comparativo das diferentes assinaturas de FP, que ocorrem em mais de três centenas de volumes da BpFP, permite-nos, embora com alguma margem de erro, avançar com uma datação aproximada da sua feitura.

3.8.2 Marginália

Cerca de 20 a 25% dos livros da BpFP têm anotações ou sublinhados pela mão do Poeta, mas é interessante registar que esta percentagem sobe para 80% nos títulos de temáticas esotéricas e astrológicas. O assunto tem sido estudado por diversos investigadores pessoanos e objecto de comunicações e trabalhos académicos, não nos competindo dissertar sobre o seu conteúdo. Contudo, importa ter em conta que o significado de algumas anotações, aliado à sua densidade e complexidade, pode resultar numa valorização exponencial dos respectivos exemplares.

A tese (fig. 21), de um autor obscuro, apresentada em 1889, à Faculdade de Teologia Protestante de Paris, para obter o grau de bacharel, parece ter interessado sobejamente a FP, que a anotou do princípio ao fim, com especial profusão nas primeiras páginas.

40 - FP regressou definitivamente a Lisboa, vindo de Durban, em Dezembro de 1905.

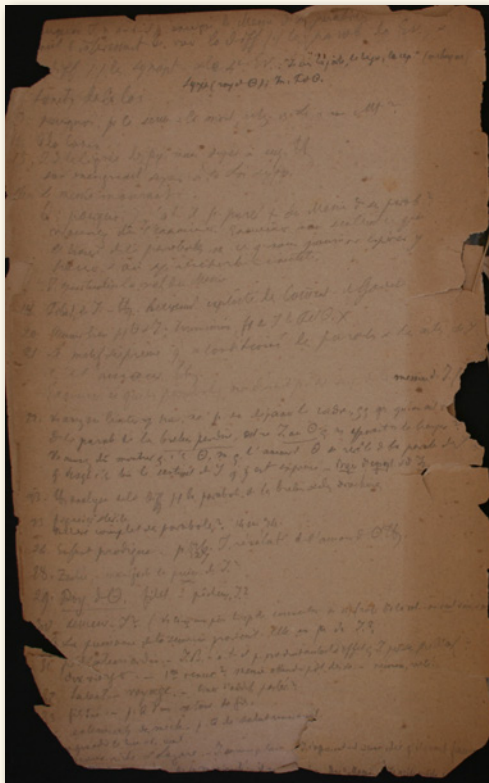


Fig. 21.1 La messianité de Jésus d'après ses paroles / Julien Martin. Paris, 1889 – REF^a. BPPF, 1010.

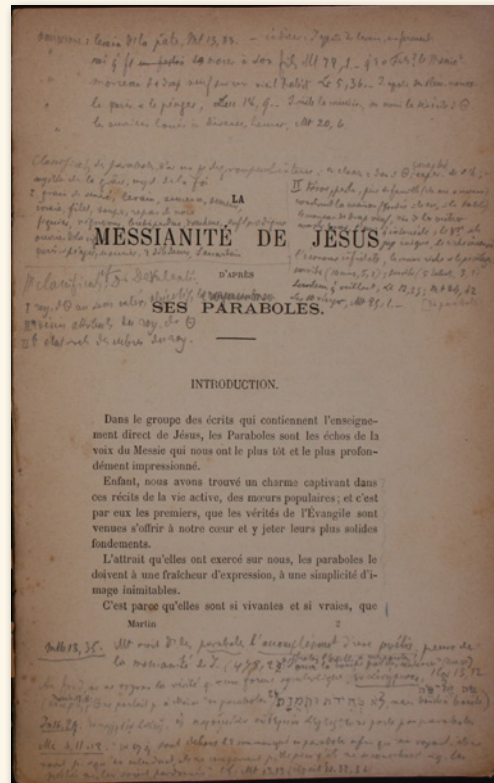


Fig. 21.2 La messianité de Jésus d'après ses paroles / Julien Martin (p. 5).

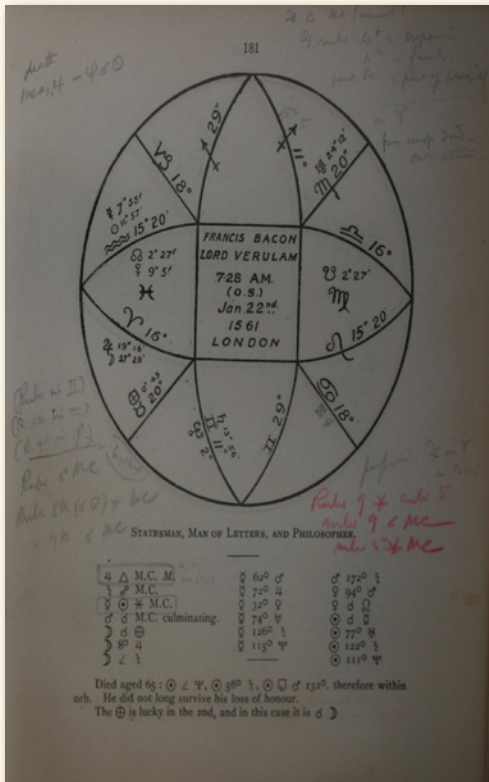


Fig. 22.1 Your destiny and the stars / Agnes Croysdale. London, 1915 (Francis Bacon) – REF^a. BPPF, 0506.

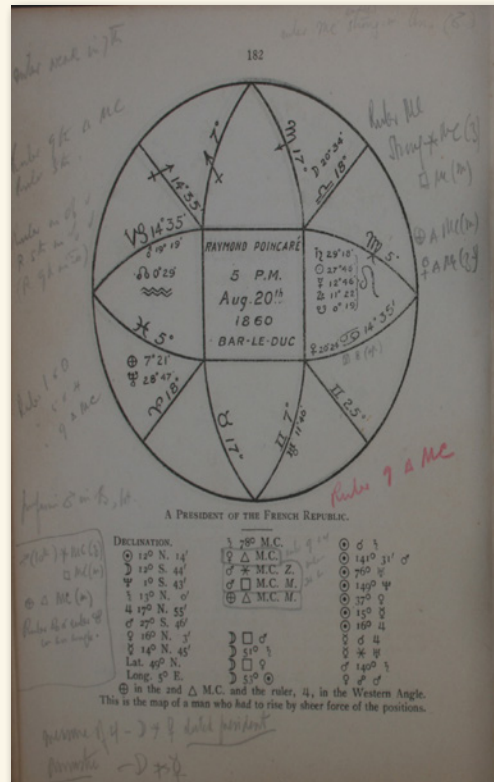


Fig. 22.2 Your destiny and the stars / Agnes Croysdale (Raymond Poincaré).

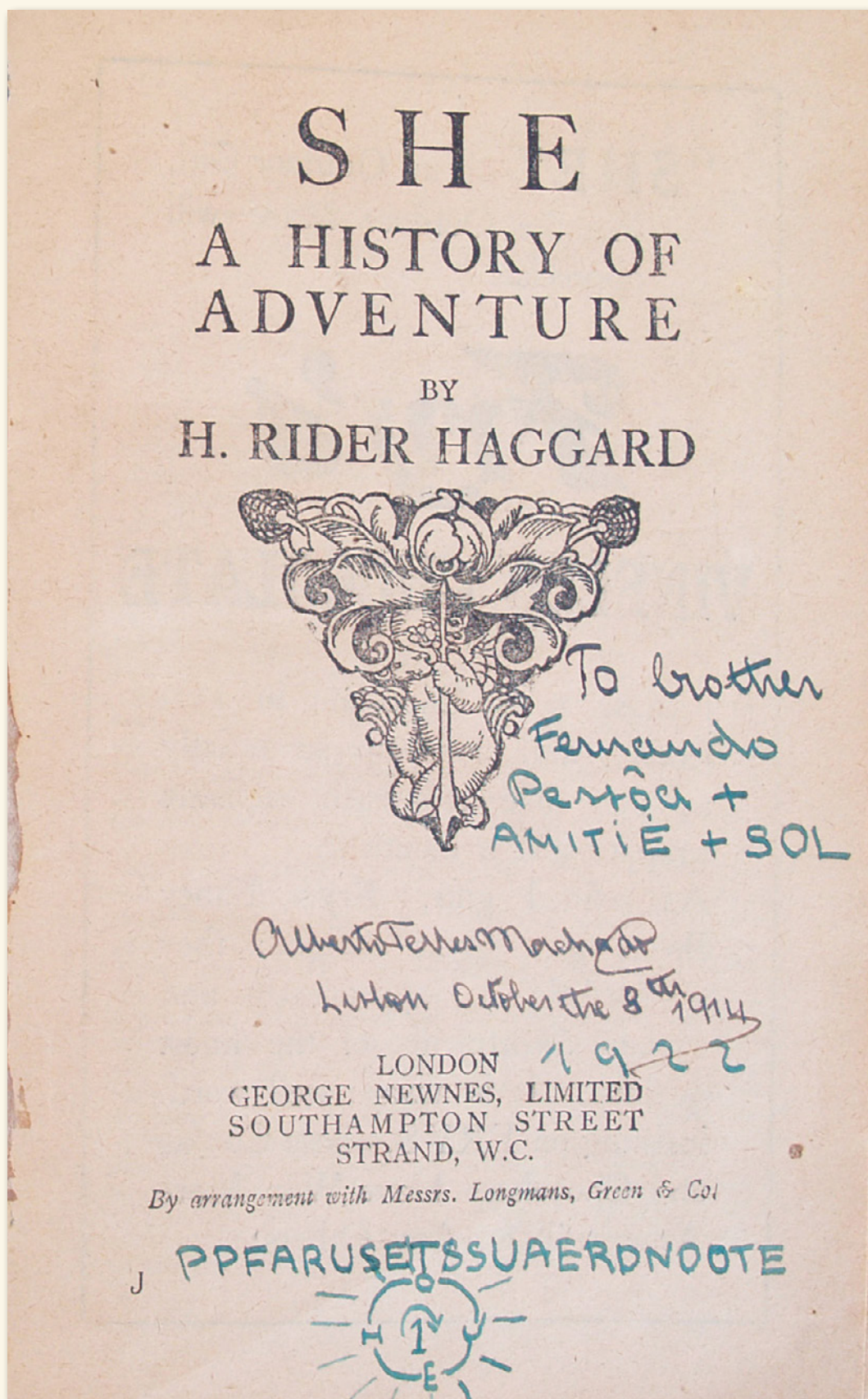


Fig. 23 She: a history of adventure / H. Rider Haggard. London, 1914 - REF^a. BPPF. 0200.

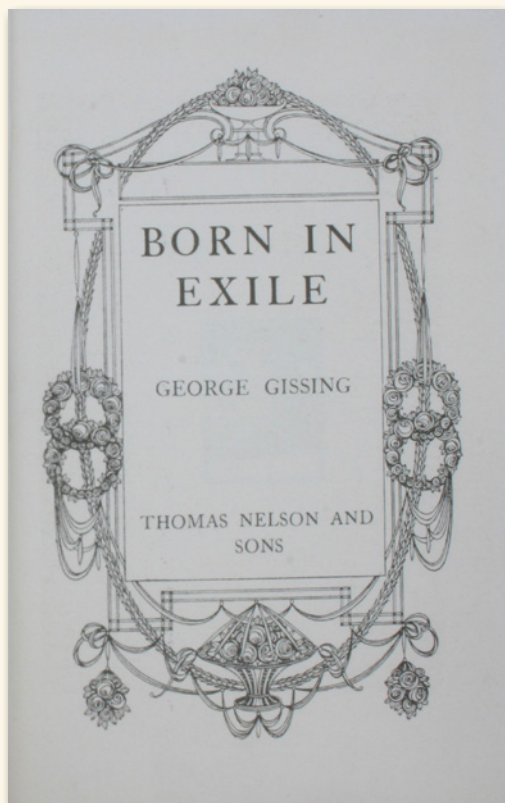


Fig. 24.1 Born in exile / George Gissing.
London, 1910 – REF^a. BPPF, 0595.



Fig. 24.2 Born in exile / George Gissing
(retrato imaginário do protagonista).

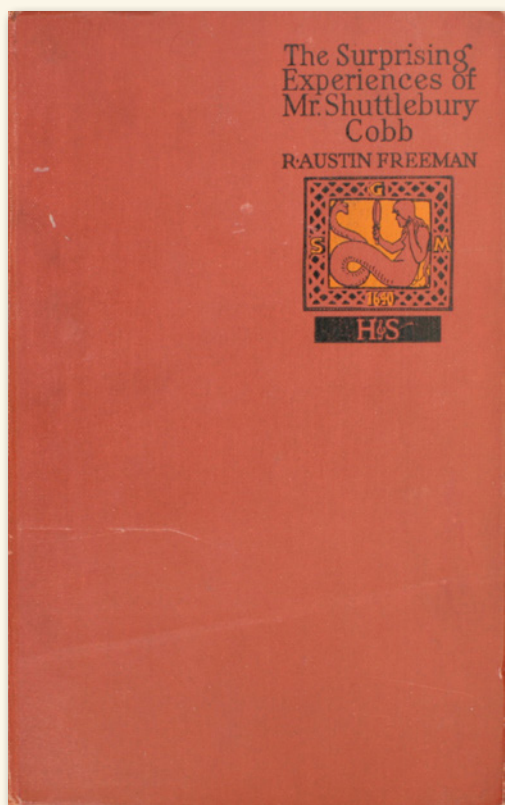


Fig. 25.1 The surprising experiences of Mr. Shuttlebury
Cobb / R. Austin Freeman. London, 1927 – REF^a. BPPF, 0606.

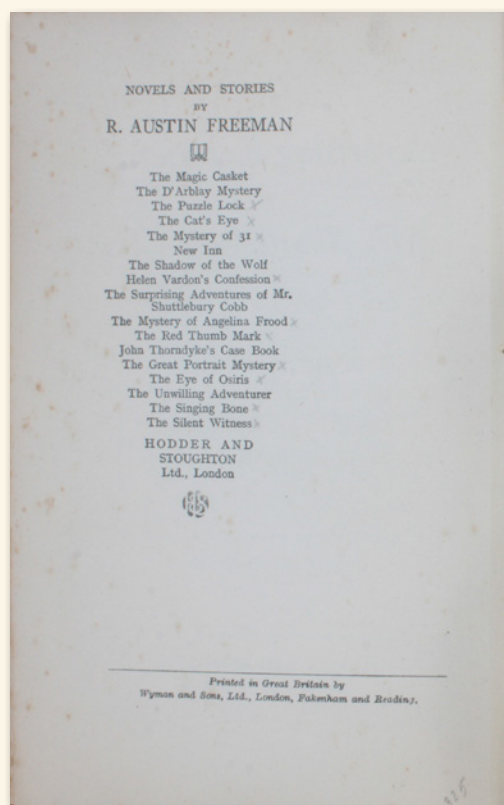


Fig. 25.2 The surprising experiences of Mr. Shuttlebury
Cobb / R. Austin Freeman (lista de títulos).

O manual de astrologia *Your destiny and the stars* (fig. 22), além dos ensinamentos que se esperam numa obra deste género, inclui, no final, 32 horóscopos de pessoas famosas, todos minuciosamente anotados por FP. Escolhemos para ilustração os diagramas de Sir Francis Bacon (1561-1626), cientista, filósofo e alquimista, por muitos considerado um dos fundadores da ciência moderna, bem representado na BpFP; e ainda o de Raymond Poincaré (1860-1934), primeiro-ministro e presidente da República Francesa, entre 1913 e 1920.

4. Temas de especial interesse

Partimos do princípio de que o quadro que apresentámos no início da nossa intervenção representa suficientemente bem as principais linhas de orientação definidas por FP para a sua biblioteca. Contudo, tratando-se de um acervo predominantemente literário, pensamos ser conveniente levar um pouco mais longe a análise do primeiro e mais vasto grupo temático – literatura – com o intuito de procurar compreender os contornos de alguns subtemas que se adivinham ter interessado ao Poeta.

O primeiro aspecto que nos salta à vista é a total ausência dos clássicos portugueses, a começar por Camões, mas passando por Camilo e Eça. O século XVI apenas está representado por Simão Vaz de Camões, numa edição promovida por Mário Saa, em 1921, com um exemplar oferecido pelo próprio. Na transição para o século XVII, apenas registamos uma colectânea de poesia do cronista Francisco de Andrade (1540-1614) e, até à segunda metade do século XIX, nada, absolutamente nada, passando por cima, entre outros, do bucolismo de Rodrigues Lobo, do cabalismo(!) de D. Francisco Manuel de Melo e do arcadismo de Alcipe ou de Bocage. De Camilo e Garrett, apenas vestígios, para encontrarmos, já na passagem para o século XX, Feijó, Nobre, Junqueiro e outros. A partir daqui, em termos de literatura portuguesa, só autores contemporâneos de Pessoa, representando uns expressivos 90% da referida categoria.

Por outro lado, se agora considerarmos o remanescente do tema, ou seja, cerca de dois terços da sua totalidade, vamos encontrar alguns assuntos bem característicos dos peculiares interesses de FP. Aqui ficam quatro exemplos.

O romance *She*⁴¹, do inglês H. Rider Haggard (1856-1925), é bem representativo da literatura de aventuras em ambientes exóticos e mundos perdidos que tanto deve ter fascinado FP (fig. 23). Para além da sua vertente fantástica, o argumento aflora temas mais profundos, tais como o colonialismo, a condição da mulher e a sua sexualidade, no final da época vitoriana e no advento de uma nova era de afirmação dos ideais da

41 - O romance *She: a history of adventure*, foi inicialmente publicado em folhetins no semanário londrino *The Graphic* entre Outubro de 1886 e Janeiro de 1887, tendo obtido um estrondoso sucesso; a primeira edição (ilustrada) em livro foi publicada em Nova Iorque, em Dezembro de 1886, seguindo-se, em Janeiro de 1887, a primeira edição inglesa, não ilustrada; a obra foi adaptada ao cinema, contando com mais de uma dezena de versões, incluindo uma musical, além de um folhetim na BBC, em 2006, e de uma peça de teatro levada à cena em 2012.

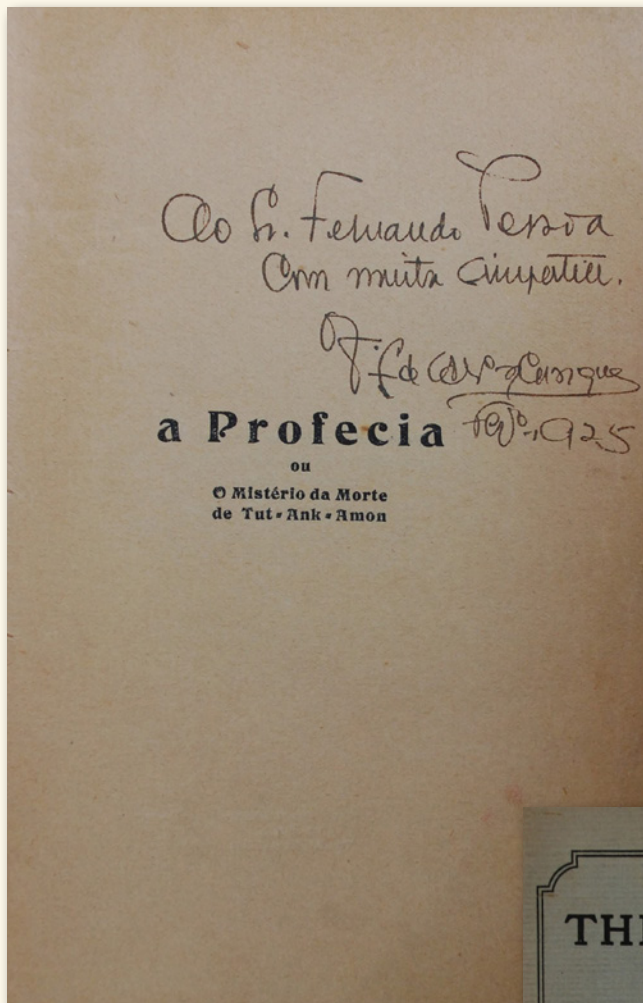


Fig. 26 A profecia ou o mistério da morte de Tut-Ank-Amon / F. de Carvalho Henriques (dedicatória) – REF^a. BPPF, 0820.

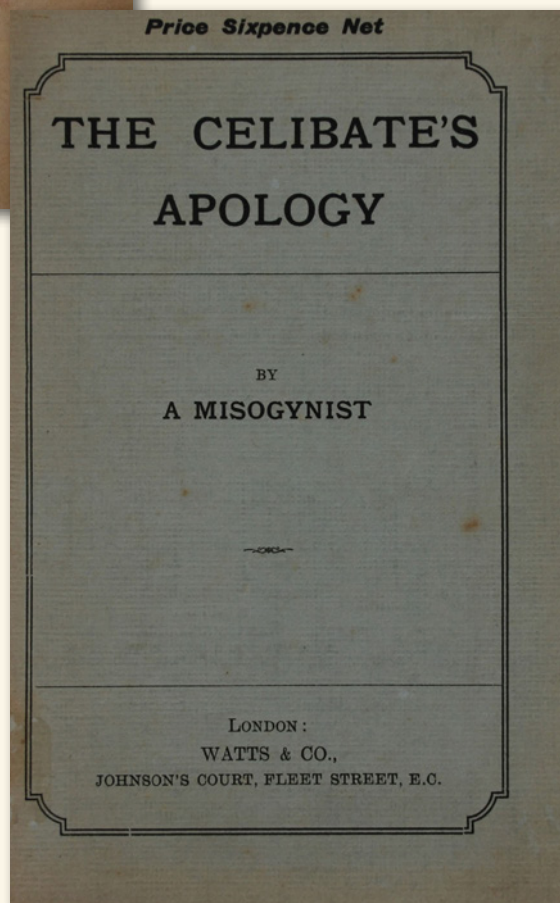


Fig. 27 The celibate's apology by a Misogynist. London, 1914 – REF^a. BPPF, 0752.

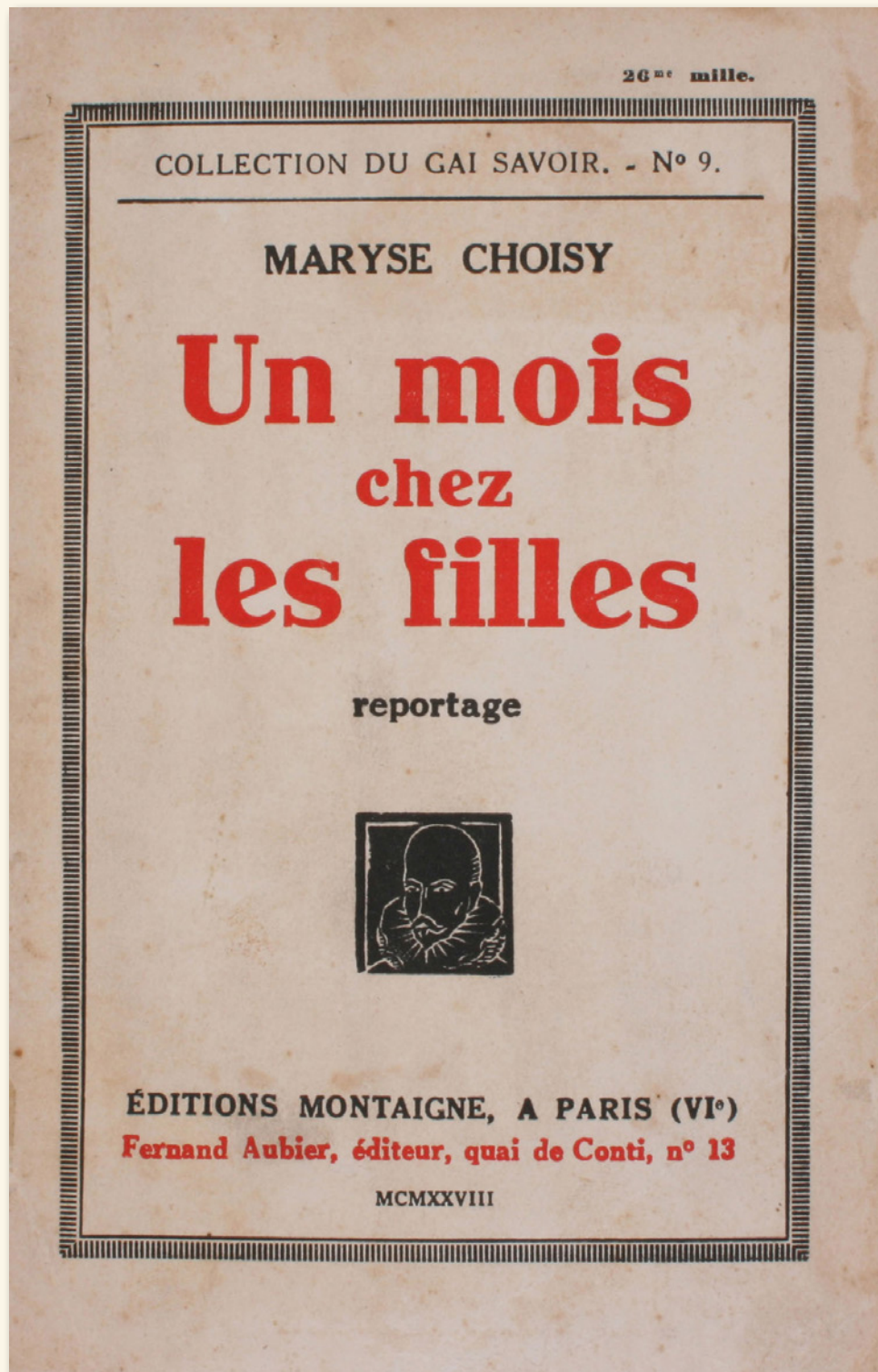


Fig. 28 Un mois chez les filles / Maryse Choisy. Paris, 1928 – REF^a. BFPF, 0244.

New Woman. O exemplar foi oferecido ao Poeta pelo escritor açoriano Alberto Teles Machado (1840-1923) que o valorizou com uma curiosíssima dedicatória cabalística. De salientar que uma outra obra de enorme sucesso, deste mesmo autor – *As Minas de Salomão* – já tinha sido publicada em 1891, no Porto, com tradução de Eça de Queirós e, certamente, não terá passado despercebida ao autor da *Mensagem*.

Born in exile é um romance de George Gissing (1857-1903), publicado pela primeira vez em 1892 (fig. 24), que debate problemas como a luta de classes, a religião e o casamento. De inspiração auto-biográfica, o personagem principal, Godwin Peak, é um homem superiormente inteligente que se sente constrangido pelo meio socialmente humilde em que vive. A título de curiosidade, não podemos deixar de revelar o retrato imaginário do protagonista (da edição de 1910, presente na BpFP), que, *mutatis mutandis*, não andarás muito longe da imagem mais popularizada do próprio Pessoa.

É conhecida a especial predilecção de FP pela literatura policial e de mistério, que deviam ter para ele, simultaneamente, uma função lúdica e de estímulo para o seu intelecto na prática do raciocínio dedutivo. Assim, não é de estranhar que este género esteja representado na BpFP por perto de quatro dezenas de títulos.

Richard Austin Freeman (1862-1963), prolífico escritor de romances policiais, ficou célebre por ter sido pioneiro nas chamadas *inverted detective stories*, nas quais o crime e o assassino são revelados logo desde o início da história, para depois seguirmos o raciocínio e desenvolvimento do trabalho do protagonista, o médico-legista Dr. Thorndyke, na resolução dos diferentes casos. Na BpFP existem sete títulos deste autor (fig. 25), mas talvez já tenham existido, pelo menos, mais seis⁴², o que faria de Freeman o segundo autor literário mais representado no acervo⁴³. De facto, se analisarmos as listas de títulos de Freeman publicados pelo editor Hodder & Stoughton, que se encontram nas páginas preliminares de seis dos títulos do autor⁴⁴, podemos verificar que FP, à medida que ia comprando os volumes, ia “picando” com pequenas cruces a lápis, os que já possuía, à semelhança do que fazem inúmeros leitores. Explorando esta linha até um pouco mais longe, podemos constatar que existem seis outros títulos “picados” cujos exemplares já não se encontram hoje na BpFP, sendo razoável especular que FP, em algum momento, os tenha alienado⁴⁵.

42 - Referimo-nos concretamente aos seguintes títulos: *The puzzle lock*, *The red thumb mark*, *The singing bone*, *The silent witness*, *The great portrait mystery* e *The mystery of Angelina Froid*.

43 - O autor mais representado na BpFP é Teixeira de Pascoaes, com 14 títulos, seguindo-se H. G. Wells, com 12 e António Botto, com 10.

44 - O único título que não apresenta este tipo de lista é *The eye of Osiris*, provavelmente por não pertencer à mesma colecção e apresentar grafismo um pouco diferente.

45 - Ver FPBP, p. 21. Das 20 listas publicadas no final da obra, não consta nenhum título da autoria de R. Austin Freeman.

Outra obra que, decidida mas surpreendentemente, pertence ao mesmo género literário, é o excepcional romance de Fernando de Carvalho Henriques (1897-ca.1970), *A Profecia ou o Mistério da Morte de Tut-Ank-Amon* (Lisboa, 1924), oferecido a FP, em Fevereiro de 1925, com dedicatória do autor (fig. 26). Trata-se, seguramente, do primeiro romance publicado a nível internacional, cuja acção se baseia na então recentíssima descoberta do túmulo e tesouro do célebre faraó egípcio. Efectivamente, foi a 16 de Fevereiro de 1923 que o arqueólogo Howard Carter conseguiu ter acesso ao sarcófago de Tutankhamon, tendo o livro de Carvalho Henriques sido publicado cerca de um ano depois, no primeiro trimestre de 1924. O texto não é apenas notável pela precocidade da sua publicação, mas porque o autor revela profundos conhecimentos de egiptologia aliados ao elevado rigor histórico das suas descrições.

Além do tema genérico “literatura”, que corresponde a cerca de 54% do total da actual colecção, a metade remanescente é igualmente fértil em títulos que se destacam pelo seu interesse, bem como pela sua invulgar especificidade. De entre muitos, escolhemos apenas quatro que nos chamaram particularmente a atenção.

Os dois primeiros enquadram-se num conjunto de textos que deverão ter contribuído para a evolução e formação do pensamento de FP relativamente aos problemas da mulher e da sua condição.

O título do primeiro, *The celibate's apology*, bem como o pseudónimo do seu autor, são suficientemente sugestivos para logo os identificarmos com a personalidade do Poeta (fig. 27). De facto, são conhecidas as posições de FP relativamente à mulher e ao feminismo, onde o pensamento misógino ocupa um lugar relevante, embora decrescente e mais humanizado para o fim da sua vida.

Quanto ao segundo (fig. 28), é a edição original de uma obra marcante da escritora e jornalista francesa Maryse Choisy (1903-1979), fundadora da revista *Psyché: revue internationale de psychanalyse et des sciences de l'homme* (1946-1963). Aquando do seu aparecimento, em 1928, *Un mois chez les filles*, obteve sucesso imediato, que se traduziu em cerca de 450 000 exemplares publicados. A obra, que aborda a problemática da prostituição parisiense nas chamadas *maisons closes*, é ainda hoje considerada pioneira na abordagem ao tema, então completamente banido da discussão pública.

Estranhámos apenas que nenhum dos dois títulos seleccionados apresente qualquer anotação ou sublinhado pela mão de FP.

Antes de passarmos ao derradeiro capítulo, uma breve referência às duas únicas obras do inglês Charles Webster Leadbeater (1847-1934) da BpFP. Personalidade multifacetada e controversa, Leadbeater foi sacerdote da Igreja Anglicana, maçom, astrónomo e, a partir de 1883, figura proeminente da Sociedade Teosófica. A sua bibliografia activa inclui cerca de sete dezenas de livros e folhetos de temática esotérica e ocultista, entre os quais *Clairvoyance*, texto originalmente publicado em Londres, em 1899, talvez tenha sido o de maior popularidade.

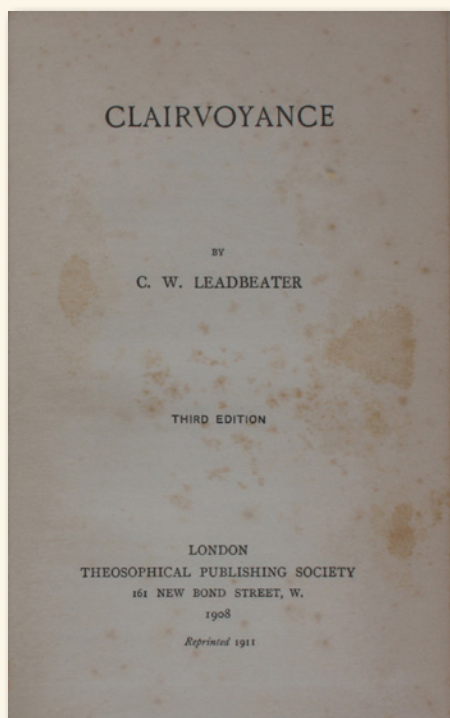


Fig. 29.1 Clairvoyance / C.W. Leadbeater.
London, 1911 – REF^a. BPPF, 0693.

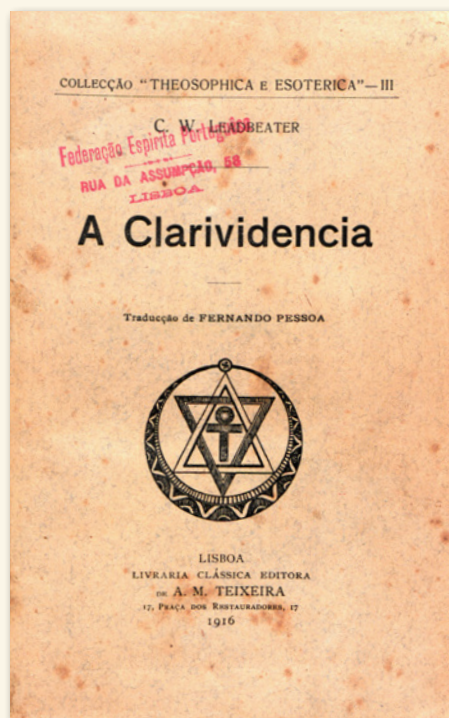


Fig. 29.2 Clarividência / C.W. Leadbeater.
Lisboa, 1916 – COLECÇÃO PARTICULAR.

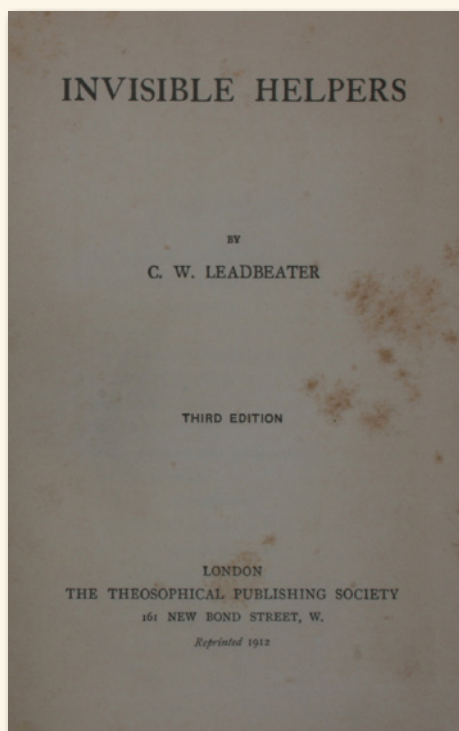


Fig. 30.1 Invisible helpers / C.W. Leadbeater.
Lisboa, 1912 – REF^a. BPPF, 0632.

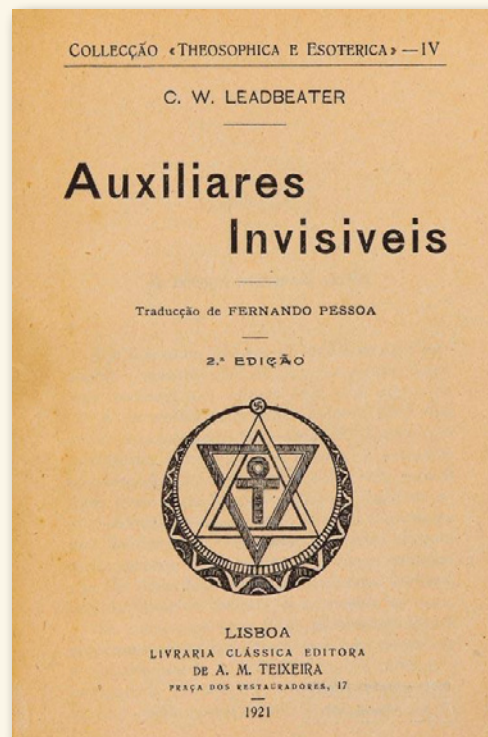


Fig. 30.2 Auxiliares invisíveis / C.W. Leadbeater.
Lisboa, 1916 – COLECÇÃO PARTICULAR.



Fig. 31.1 Sodoma divinisada / Raúl Leal.
Lisboa, 1923 – REF^a. BPPF, 0771.

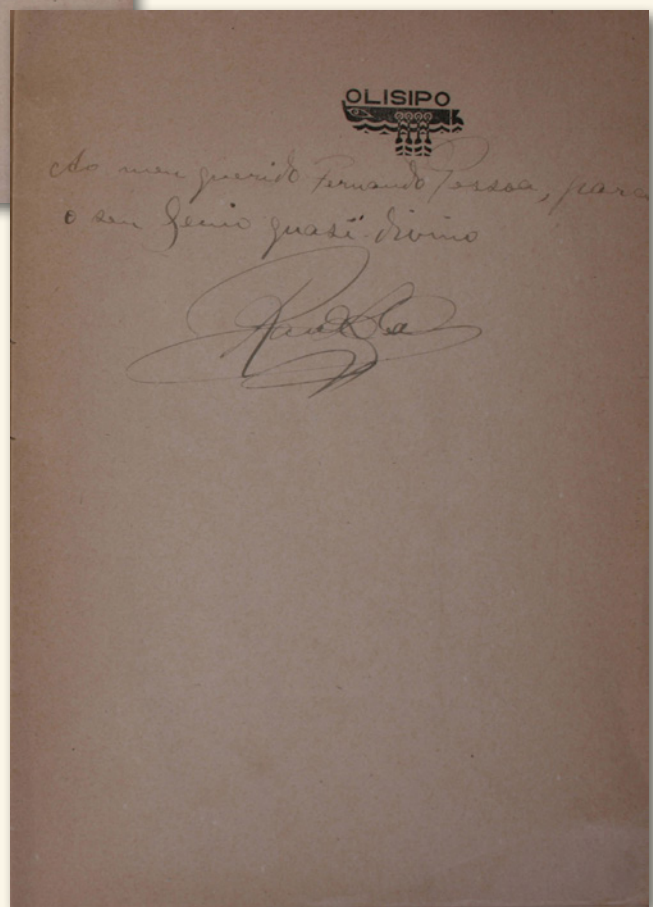


Fig. 31.2 Sodoma divinisada / Raúl Leal (dedicatória).

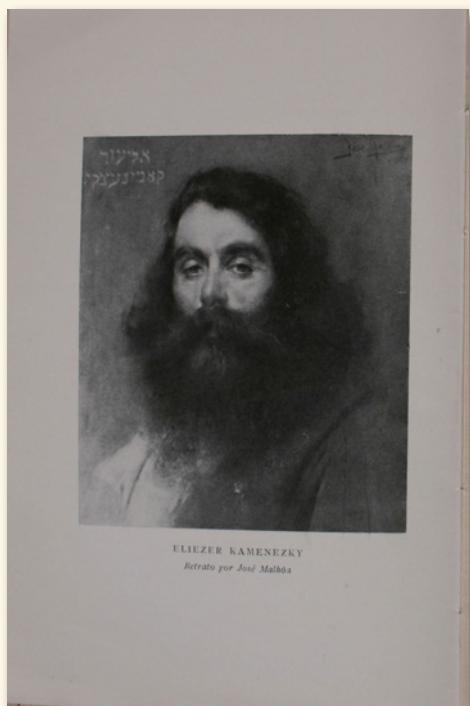


Fig. 32.1 Alma errante / Eliezer Kamenezky.
Lisboa, 1932 – REF^a. BPPF, 1112.

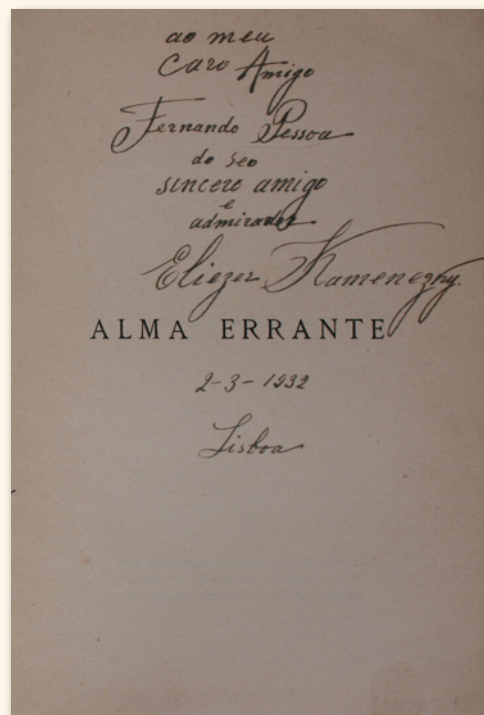


Fig. 32.2 Alma errante / Eliezer Kamenezky
(dedicatória)

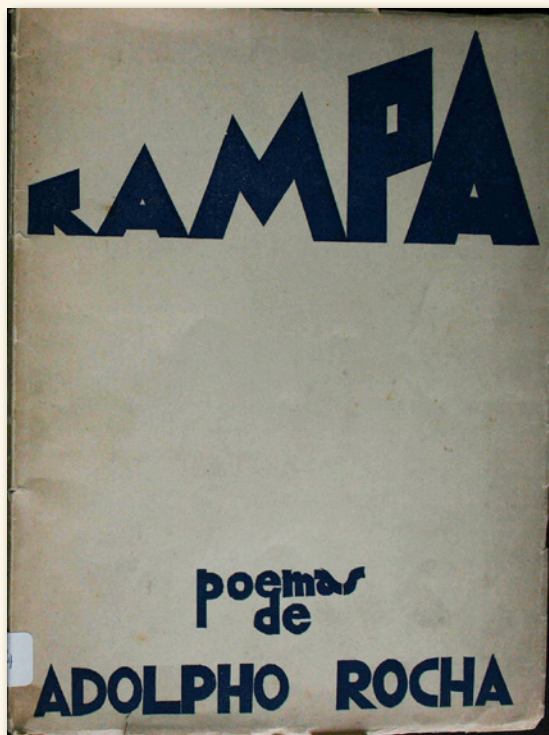


Fig. 33.1 Rampa: poemas / Adolpho Rocha.
Coimbra, 1930 – REF^a. BPPF, 0772.

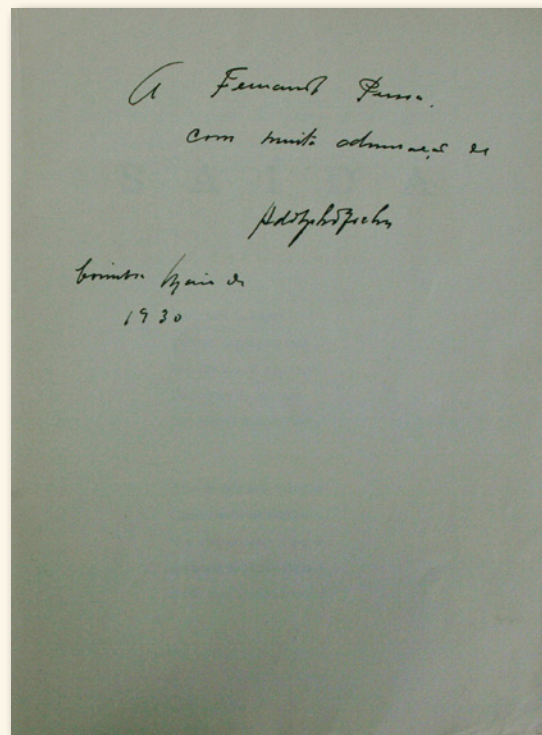


Fig. 33.2 Rampa: poemas / Adolpho Rocha
(dedicatória).

Os dois títulos (figs. 29 e 30) foram traduzidos por FP, tendo sido publicados em 1916 pela Livraria Clássica Editora, na “Collecção Theosophica e Esoterica”, respectivamente com o nº 3 (*Clarividência*) e o nº 4 (*Auxiliares invisíveis*). A colecção, dirigida por João Antunes (1885-1956), consta de 15 títulos, dos quais pelo menos seis foram traduzidos por FP. Infelizmente, a Casa FP não conserva nas suas duas bibliotecas nenhuma das referidas traduções.

5. Exemplares excepcionais

Aproximamo-nos do final da nossa intervenção e, para o último capítulo, decidimos seleccionar alguns exemplares excepcionais, onde concorrem boa parte ou a totalidade dos critérios de valorização acima apontados, nomeadamente o facto de todos eles apresentarem dedicatórias dos respectivos autores a FP.

Ao exemplar da edição original de *Sodoma Divinizada*, de Raul Leal (fig. 30), cabe o honroso papel de representar o conjunto das edições publicadas pela efémera editora pessoana Olisipo⁴⁶. A obra, juntamente com a segunda edição das *Canções*, de António Botto, viria a provocar acesa polémica que, entre Fevereiro e Maio de 1923, envolveu, por um lado, Raul Leal e o próprio Pessoa, e, por outro, a Liga de Acção dos Estudantes de Lisboa, liderada por Pedro Theotónio Pereira, com o apoio do jornal *A Época*, da Igreja Católica⁴⁷.

O livro de poemas (fig. 31) de Eliezer Kamenesky (1888-1957) foi um dos três privilegiados por FP ao ser contemplado com um extenso prefácio do autor da *Mensagem*⁴⁸. Kamenesky, que nasceu na região de Bakhmut, Donetz (hoje na Ucrânia) no mesmo ano que FP, chegou a Portugal em 1917, depois de ter viajado por meio mundo a divulgar os benefícios da alimentação vegetariana e os princípios do naturismo. Em Lisboa foi alfarrabista, antiquário e figura muito popular, tendo chegado a participar em três filmes. FP foi cliente assíduo do seu estabelecimento – a Livraria Biblarte – onde terá comprado e vendido(?) alguns dos seus livros. O retrato a óleo de Kamenesky, pintado por José Malhoa, vem reproduzido junto ao rosto no volume de poemas.

46 - A actividade da editora Olisipo, desenvolvida entre 1921 e 1923, resumiu-se à publicação de quatro títulos: *English poems*, do próprio Fernando Pessoa (2 folhetos, 1921), *A Invenção do Dia Claro*, de José de Almada Negreiros (1921), *Canções*, de António Botto (2ª edição, 1922) e *Sodoma Divinizada*, de Raul Leal (1923).

47 - BARRETO, José. “Fernando Pessoa e Raul Leal contra a campanha moralizadora dos estudantes em 1923”, in *Pessoa Plural*, O./Fall, 2012.

48 - FP escreveu ainda mais dois prefácios para livros de amigos seus: *Acrónios: poemas*, de Luís Pedro (1932) e *Quinto Império*, de Augusto Ferreira Gomes (1934).

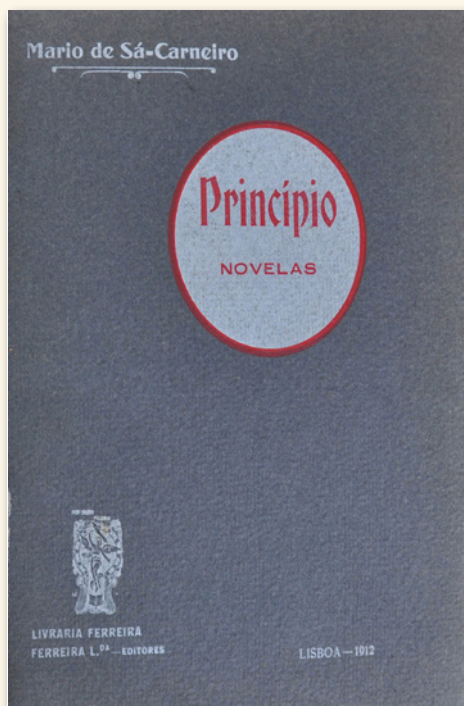


Fig. 34.1 Princípio / Mário de Sá-Carneiro.
Lisboa, 1912 – REF^a. BPPF, 0789.

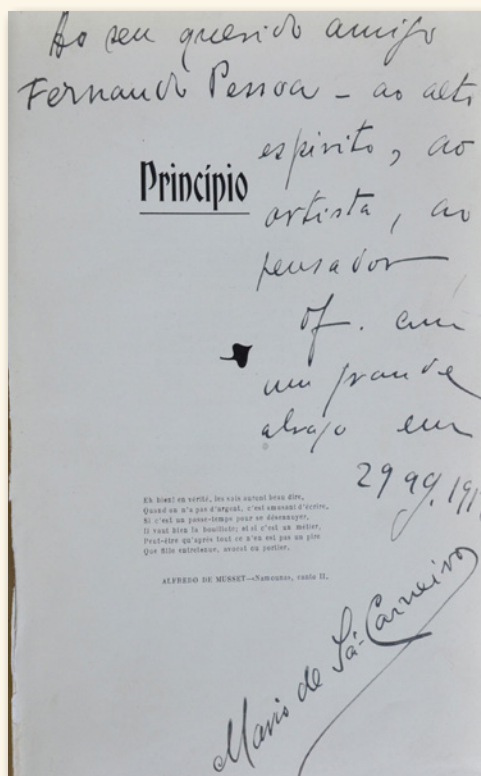


Fig. 34.2 Princípio / Mário de Sá-Carneiro (dedicatória).

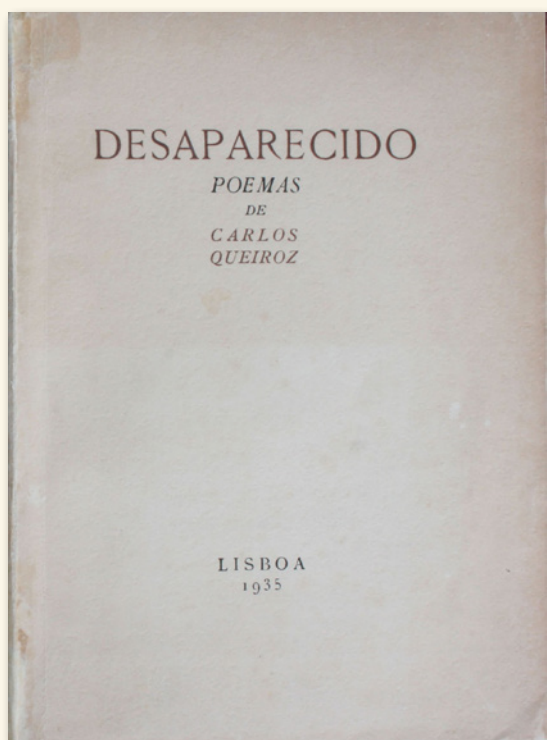


Fig. 35.1 Desaparecido: poemas
/ Carlos Queiroz. Lisboa, 1935 – REF^a. BPPF, 0370.

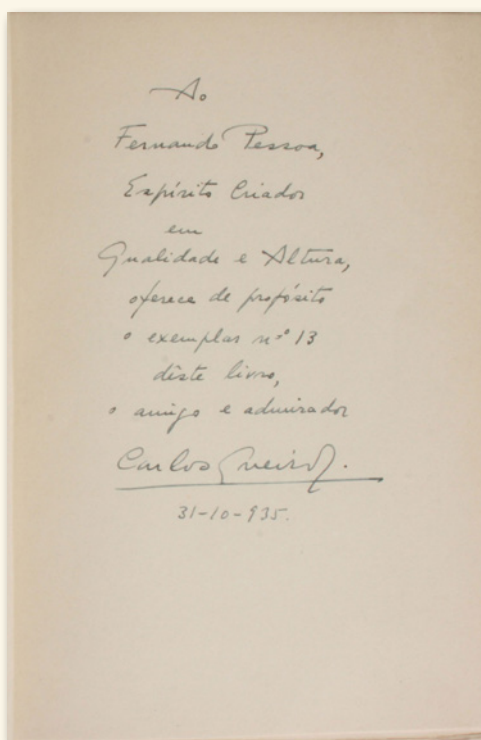


Fig. 35.2 Desaparecido: poemas
/ Carlos Queiroz (dedicatória).

Quanto ao exemplar do segundo livro de Miguel Torga⁴⁹, oferecido a FP com dedicatória datada de Coimbra, Maio de 1930 (fig. 32), reveste-se de uma certa carga metafórica⁵⁰. Torga (1907-1995) tinha então apenas 22 anos e Pessoa 41. Sendo sobejamente conhecido o percurso literário dos dois, o do primeiro então ainda no início, e do segundo perto do final, a oferta remete, inevitavelmente, para uma espécie de passagem de testemunho entre figuras máximas das duas gerações do modernismo literário português – a do *Orfeu* e a da *Presença*.

À semelhança da obra anterior, também *Princípio* (fig. 33) foi o segundo livro de Mário de Sá-Carneiro⁵¹. Mas as circunstâncias que envolveram a sua curta vida e especialmente a sua trágica morte conferem ao poeta uma aura quase mítica que viria a ter repercussões até aos nossos dias. A edição não é especialmente rara, mas a dedicatória, particularmente expressiva, confere ao exemplar um brilho inigualável.

Ao seu querido amigo FP – ao alto espírito, ao artista, ao pensador. Of. com um grande abraço em 29 de Agosto de 1912 (MSC).

Carlos Queiroz (1907-1949), sobrinho de Ofélia, grande amigo e companheiro de FP, foi poeta de rara sensibilidade e talento, apenas ofuscados perante a magnitude da figura pessoana. Foi ele quem, aos microfones da Emissora Nacional, a 9 de Dezembro de 1935, lhe prestou a primeira homenagem, apenas nove dias depois da morte do Poeta do *Orfeu*⁵².

A dedicatória que deixou no exemplar da BpFP (fig. 34), traduz bem a proximidade, admiração e amizade que Carlos Queiroz nutria por FP.

Ao Fernando Pessoa, espírito criador em Qualidade e Altura oferece de propósito o exemplar nº 13 deste livro, o amigo e admirador, Carlos Queiroz. 31-10-1935

Este terá sido, muito provavelmente, o último livro que Fernando Pessoa recebeu com dedicatória do autor.

49 - O primeiro livro de Torga, *Ansiedade*, foi publicado em Coimbra, pela Imprensa Académica, em 1928.

50 - Os cinco primeiros livros de Torga foram todos publicados ainda com o seu verdadeiro nome Adolfo Rocha. São eles *Ansiedade* (1928), *Rampa* (1930), *Tributo* (1931), *Pão Azimo* (1931) e *Abismo* (1932). Só em 1934, com *A terceira Voz*, o autor assume pela primeira vez o pseudónimo que o tornaria famoso: Miguel Torga.

51 - O primeiro foi uma peça de teatro em três actos, *Amizade*, escrita em parceria com Tomás Cabreira e publicada em 1912 pelo editor Arnaldo Bordalo.

52 - QUEIROZ, Carlos. *Homenagem a Fernando Pessoa, com excertos das suas cartas de amor e um retrato por Almada*. Lisboa, Presença, 1936.

Gostaria de terminar com uma citação de Shakespeare, ou antes, que poderia ter sido de Shakespeare, caso ele tivesse chegado a conhecer Fernando Pessoa⁵³.

*A book that belonged to Fernando Pessoa
– even though it has in it no autograph –
is very different from any other book.*

LISBOA, 14 DE FEVEREIRO DE 2019

Epílogo

A presente intervenção foi enquadrada na primeira mesa do colóquio, com o tema “Trabalhos em curso nas colecções da Casa FP”, que teve como moderador Pedro Sepúlveda. No final, como é habitual, houve algum tempo reservado a perguntas colocadas pelo público presente, bem como pelo próprio moderador. Procurando sintetizar a tónica geral das questões que foram levantadas, ficámos com a ideia de que, tendo em conta o título da nossa comunicação, o público estaria à espera de ouvir falar em valores concretos atribuídos aos exemplares da BpFP. A este respeito cumpre-nos adiantar alguns esclarecimentos.

Sempre que aceitamos um trabalho de avaliação, é estabelecida uma relação contratual entre o avaliador e o proprietário dos bens avaliados. Esse vínculo obedece ao cumprimento de algumas regras, umas escritas, outras deontológicas e tácitas, nomeadamente a do sigilo profissional. Ao entregarmos o nosso relatório final da avaliação ao contratante, é como se toda a informação contida no mesmo passasse a pertencer à entidade proprietária dos bens avaliados, não sendo o contratado livre de divulgar os valores em causa, ou até outros aspectos do seu trabalho. Foi com as limitações impostas por estes mesmos princípios que aceitámos o convite para apresentar a nossa intervenção.

No entanto, e no sentido de ir ao encontro da expectativa criada, pensamos não quebrar o compromisso assumido para com a Casa FP se divulgarmos os valores atingidos por algumas peças que foram recentemente arrematadas em leilões da especialidade. Na realidade, os leilões são actos públicos, com enquadramento jurídico próprio, pelo que a divulgação dos preços realizados não constitui qualquer inconfidência.

53 - Arranjo livre de uma citação pessoana referida em FPBP, p. 21.

Assim, escolhemos os seguintes quatro títulos que foram à praça desde Dezembro de 2018, em três leilões de duas leiloeiras de Lisboa:

*1 - Considérations sur les mœurs de ce siècle
/ par Duclos (Paris, 1834)⁵⁴, BpFP, 1139.*

EXEMPLAR COM ASSINATURA DE FP NA GUARDA VOLANTE.
VALOR DE MARTELO⁵⁵: 800€ (10/12/18).

2 - Dispersão / Mário de Sá-Carneiro (Lisboa, 1914)⁵⁶.

EXEMPLAR COM DEDICATÓRIA DO AUTOR A ANTÓNIO FERRO.
VALOR DE MARTELO: 7000€ (03/06/19).

3 - Canções / António Botto

(edição definitiva, Lisboa, 1930)⁵⁷, FPBP, 8-596, p. 358.

EXEMPLAR COM DEDICATÓRIA DO AUTOR A FP, DATADA DE JULHO, 1930.
VALOR DE MARTELO: 700€ (19/06/19).

4 - Scientific phrenology...

/ Bernard Hollander (London, 1902)⁵⁸. BpFP, 1149.

EXEMPLAR ASSINADO: F.A.N. PESSÔA, 13 DE JUNHO DE 1905 [DATA DO 17º ANIVERSÁRIO DE FP].
VALOR DE MARTELO: 480€ (19/06/19).

54 - Lote nº 323, do catálogo nº 197, de Cabral Moncada Leilões (BpFP, 1139).

55 - Valor de martelo: o último lance do arrematante que, cobrindo os anteriores, lhe garante a arrematação do lote; sobre este valor acresce ainda a comissão do leiloeiro (variável entre 12% e 20%), acrescida do IVA (23%), que incide apenas sobre a comissão.

56 - Lote nº 305, do catálogo nº 200, de Cabral Moncada Leilões.

57 - Lote nº 735 do catálogo de José F. Vicente Leilões, Junho de 2019.

58 - Lote nº 741 do catálogo de José F. Vicente Leilões, Junho de 2019.

Bibliografia

- BARRETO, José.** “Os destinatários dos panfletos pessoanos de 1923”, in *Pessoa Plural*, O./Fall. 2016.
- BARRETO, José.** “Fernando Pessoa e Raul Leal contra a campanha moralizadora dos estudantes em 1923”, in *Pessoa Plural*, O./Fall. 2012.
- BARRETO, José.** *Misoginia e anti-feminismo em Fernando Pessoa*. Lisboa: Babel, 2011.
- BLANCO, José.** “*Fernando Pessoa: nem tudo são rosas*”. Colóquio Internacional Literatura culta e popular em Portugal e no Brasil. Homenagem a Arnaldo Saraiva. Porto: Faculdade de Letras, 2011, pp. 328-336.
- ESTIBEIRA, Maria do Céu Lucas.** *A marginália de Fernando Pessoa*. Tese de doutoramento, Estudos de Literatura e de Cultura (Estudos Comparatistas), Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2009.
- KOBAYASHI, Susumu.** *Had Conan Doyle read Henry Cauvain's Maximilien Heller*. CADS Crime and Detective Stories, 75 (May 2017), pp. 41-44. <https://crossexaminingcrime.wordpress.com/2017/05/10/hot-off-the-press-a-look-at-cads-magazine-issue-75/> (acesso em 23/08/2019).
- MARTINS, Fernando Cabral (coord. cient.).** *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português*. Lisboa: Caminho, 2008.
- PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patrício e CARDIELLO, Antonio (coord.).** *A Biblioteca particular de Fernando Pessoa*. Lisboa: Casa Fernando Pessoa e Publicações D. Quixote, 2010.
- QUEIROZ, Carlos.** *Homenagem a Fernando Pessoa, com excertos das suas cartas de amor e um retrato por Almada*. Lisboa: Presença, 1936.
- SALES, José das Candeias.** “A Profecia ou o Mistério da Morte de Tut-Ank-Amon” (1924), ecos literários da descoberta do túmulo de Tutankhamon. *Cadernos de Literatura Comparada, Revista do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa*. Nº 40: Vozes Transatlânticas, Porto: 2019, pp. 287-320.

RITA CATANIA MARRONE

Uma descoberta recente na Biblioteca de Fernando Pessoa: a segunda cópia de *Magick*, de Aleister Crowley

Artigo publicado na revista *Pessoa Plural* em Dezembro de 2018

Resumo

A biblioteca esotérica de Fernando Pessoa é habitada por fantasmas – e não apenas pelo facto de ser obviamente esotérica, mas também porque alguns dos livros que o poeta consultou, que leu e que estão reconhecidamente na base das suas reflexões já não se encontram nas estantes do acervo livreiro à guarda da Casa Fernando Pessoa. É o caso, por exemplo, da valiosa cópia do tratado alquímico *Ennoea, ou aplicação do entendimento sobre a pedra philosophal*, datado de 1732, que desapareceu misteriosamente depois de 1980, sem deixar rastros. Diferente, e de alguma forma ainda mais misterioso, é o caso da reencontrada cópia de *Magick in Theory and Practice*, de Aleister Crowley: apresentar-se-ão a história e as peculiaridades deste precioso exemplar, que emergiu *out of the blue* depois de anos de esquecimento.

STEFFEN DIX

Necessidade de uma reclassificação da biblioteca particular de Fernando Pessoa

Resumo

Um dos instrumentos fundamentais nos estudos pessoanos consiste na possibilidade de consultar a biblioteca particular do poeta, que está, deste 2010, disponível na forma digitalizada. Este trabalho notável adotou a classificação original que foi publicada, em 1996, no número zero da revista “Tabacaria”. Nesta altura, esta classificação foi um trabalho pioneiro, mas necessita, entretanto, de algumas retificações profundas. Nesta minha comunicação pretendo explicar a necessidade destas retificações, sobretudo a partir de um estudo da “biblioteca religiosa” de Fernando Pessoa. Embora a maioria dos livros desta “biblioteca religiosa” tenha sido classificada corretamente na “classe 2” sob a designação “Religião. Teologia” (títulos: 75; volumes: 83), temos de sublinhar o facto de existirem vários livros em outras categorias que pertencem claramente a esta classe 2. Outro ponto fraco nesta classificação antiga consiste sobretudo no facto de a “religião” ser um fenómeno muito vasto que se deixa definir apenas com algumas dificuldades. Ou seja, seria desejável encontrar uma solução que permitisse também uma espécie de “subclassificação” em temáticas diferentes, tais como cristianismo, ocultismo, religião antiga, etc. Assim, o objetivo principal da minha apresentação consiste numa tentativa de apresentar uma classificação mais sistemática da “biblioteca religiosa” de Fernando Pessoa.

TERESA FILIPE

Pessoa,
tradutor sucessivo
de Shakespeare

O exemplar de 1908

A Biblioteca particular de Fernando Pessoa (BpFP), actualmente à guarda da Casa Fernando Pessoa, é constituída por cerca de 1300 volumes⁵⁹ e encontra-se *online* desde 2010. A maioria destes volumes possui algum tipo de marginália. As anotações verbais aí existentes vão desde assinaturas, datas, apreciações estéticas, comentários, traduções e outros textos. As anotações não verbais incluem sublinhados, traços, desenhos, símbolos, etc.

No projecto de “Estudo e edição digital da marginália de Fernando Pessoa”, a transcrição da marginália está a ser efectuada com recurso a anotação de índole genética, de modo a evidenciar as sucessivas fases de escrita de um determinado texto. Assim, interessa, sobretudo, reconstituir a fluidez do processo de escrita, fazendo registo de todas as marcas deixadas na página que possam contribuir para a compreensão do documento: palavras, sublinhados, traços que indicam mudança de lugar, e outros, procurando sistematizar a génese de um determinado texto.

Para além de apresentar as sucessivas fases de construção de um texto, pretende-se disponibilizar outros documentos que possam estar relacionados com a execução de um determinado projecto de escrita, por exemplo, autógrafos existentes no espólio do Autor no espólio 3 da Biblioteca Nacional de Portugal. Os elementos provenientes do espólio de Fernando Pessoa convocados para integrar e esclarecer determinado projecto de escrita designamo-los como *dossier* genético.

Em 2010, no Colóquio Internacional Fernando Pessoa realizado no Teatro Aberto, Ivo Castro referiu que “as edições genéticas vêm equipadas com um *kit* de autodestruição porque dão ao leitor a possibilidade de ver que a decisão do editor estava errada”.⁶⁰

Um dos exemplos paradigmáticos deste tipo de trabalho, que convoca elementos de diferentes disciplinas, tais como a filologia – especificamente, a crítica genética – a linguística, a paleografia, a bibliografia, a tradução e a literatura comparada, entre outras⁶¹, encontra-se na cópia de Fernando Pessoa de *The Tempest*, de William Shakespeare, publicada em 1908 pela editora Cassell & Co Ltd.

59 - O primeiro inventário conhecido da Biblioteca particular de Fernando Pessoa (BpFP) foi efectuado por Maria Aliete Galhoz, em 1953. Desde então, outros foram realizados, alguns parciais, de acordo com os diferentes interesses de cada investigador. Para uma lista dos diversos inventários consultar <http://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/index/bibliografia.htm#bibliogTituloParagrafo>

O catálogo actual pode ser consultado online no site da Biblioteca particular da Casa Fernando Pessoa em <http://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/index/bibParticular.htm>. Foi estabelecido pela equipa que efectuou a digitalização da Biblioteca em 2010, tendo sido também impresso. Cf. PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patricio; CARDIELLO, Antonio (org.). A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa / Fernando Pessoa's Private Library. Alfragide: Dom Quixote, 2010. Neste catálogo registam-se os títulos à guarda da Casa Fernando Pessoa, os títulos que à data constam do catálogo, mas que se encontram na posse dos herdeiros, títulos (jornais, revistas, etc.) à guarda da Biblioteca Nacional e títulos extraviados. Encontra-se em fase de preparação um artigo onde se procura actualizar os números da BpFP.

60 - Biblioteca da Casa Fernando Pessoa. Registo áudio.

61 - Neste artigo, usamos essencialmente os conceitos destas diferentes disciplinas aplicados à edição em papel. Todavia, o objectivo final deste trabalho é o de uma edição crítica digital que obedece também a conceitos vindos de outras disciplinas das humanidades digitais.

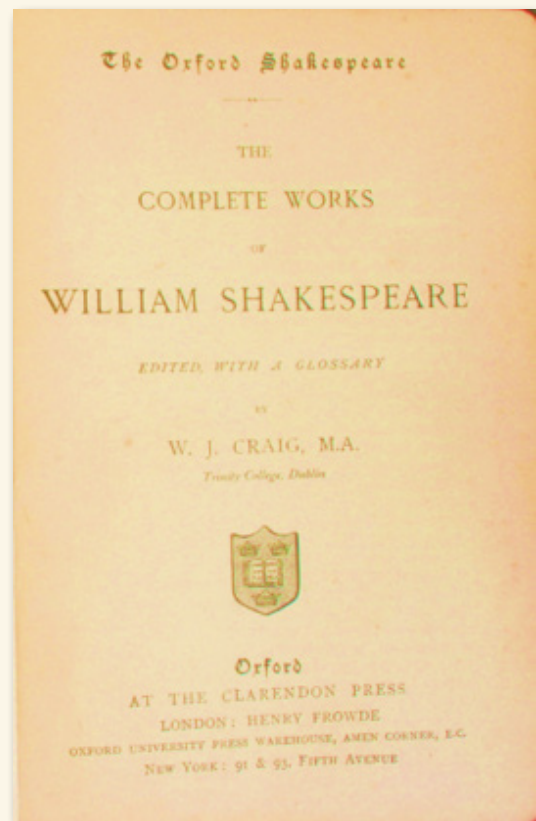
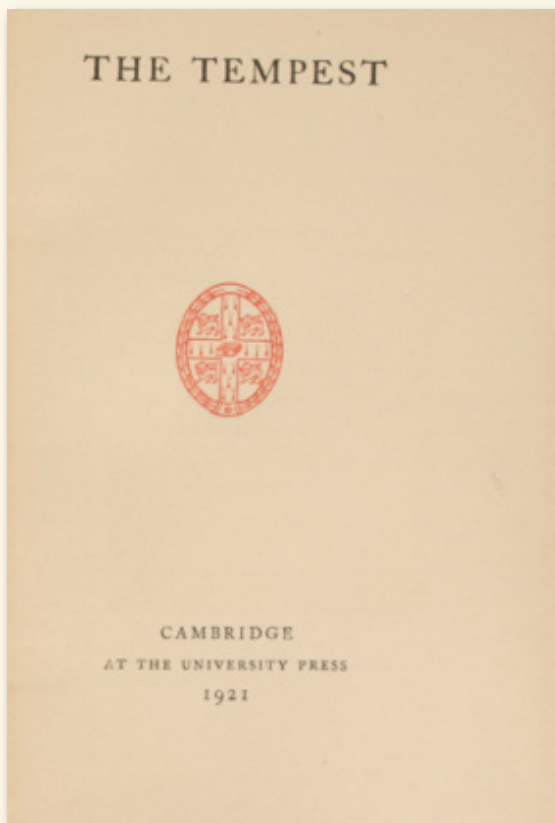
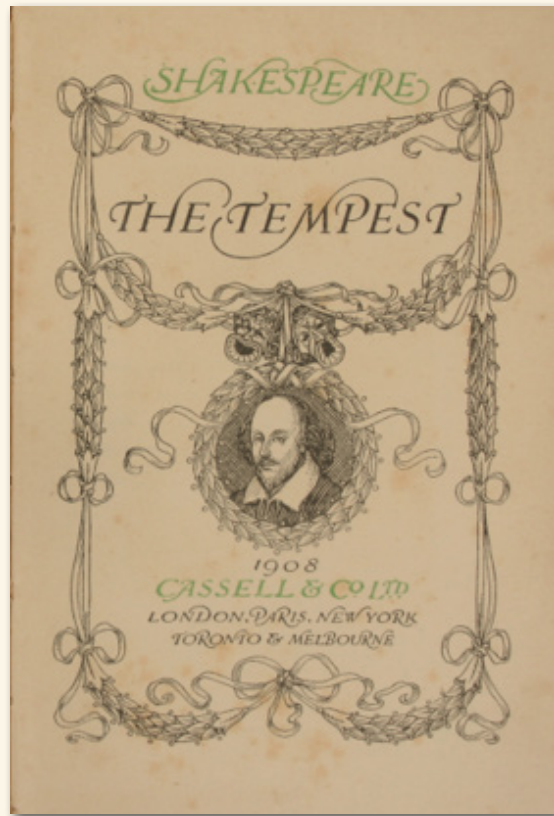


Fig. 1: Biblioteca particular de Fernando Pessoa. Três volumes da autoria de Shakespeare.

Na BpFP preservam-se três volumes de William Shakespeare: uma edição das *Obras Completas*, oferecida a Pessoa em Durban, em 1905; e duas edições de *The Tempest*, publicadas com treze anos de diferença entre si.

The Complete Works of William Shakespeare. Oxford: Clarendon Press, [s.d.].

The Tempest. London, Paris, New York, Toronto & Melbourne: Cassell & Co Ltd., 1908;

The Tempest. Cambridge: Cambridge University Press, 1921.

A este número junta-se uma numerosa bibliografia sobre a vida e obra do dramaturgo inglês, o que representa um testemunho expressivo da longevidade e diversidade do interesse e fascínio que o dramaturgo inglês exerceu sobre Pessoa, quer como autor quer pelos aspectos biográficos. A questão da autoria das obras atribuídas a Shakespeare foi assunto amplamente estudado por Pessoa, tendo sido tratado em diversos títulos que permanecem no catálogo da BpFP.

No exemplar de *The Tempest*, de 1908, podemos testemunhar as sucessivas campanhas⁶² de tradução da peça, várias vezes interrompida e reiniciada por Pessoa, processo esse que poderá também estar relacionado com as diferentes tentativas de publicação, o que é confirmado por diversos documentos do espólio à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal.

A transcrição completa da tradução existente no exemplar de Fernando Pessoa de *The Tempest*, de William Shakespeare, nos moldes já referidos, foi publicada no número 14 da revista de estudos pessoanos, *Pessoa Plural*, em Novembro de 2018. Nesse artigo incluímos, além da transcrição, uma introdução onde se analisam documentos autógrafos relevantes: diários de leitura, listas editoriais, cartas, etc., do espólio da BNP, propondo-se uma datação crítica do projecto pessoano de tradução⁶³.

A existência de anotações neste exemplar já havia sido observada por diversos investigadores, entre os quais Maria da Encarnação Monteiro, que refere a “tentativa de tradução de alguns versos” (Monteiro, 1956: 99). João Almeida Flor, em artigo

62 - Almuth Grésillon (1992) definiu o conceito de campanha de escrita como a possibilidade de identificar “vestígios de escrita dispersos com um determinado intervalo de tempo e de atribuir a esses actos de escrita uma intencionalidade coerente”. (Tradução minha.)

63 - A este artigo sucedeu-se um outro, publicado já em 2019, no número 15 da mesma revista, intitulado “Ainda *A Tormenta*: adenda a Pessoa, tradutor sucessivo de Shakespeare”, onde se apresentam novos elementos que contribuem para uma datação mais apurada e onde se publica pela primeira vez a transcrição de documentos autógrafos com rascunhos da tradução da *Tormenta*, pertencentes ao Espólio 3, da Biblioteca Nacional de Portugal. O trabalho de análise textual, designadamente, o da comparação entre os diversos testemunhos (Biblioteca particular de Fernando Pessoa e espólio da Biblioteca Nacional de Portugal), com o objectivo de identificar a sua cronologia, ainda se encontra em curso, pelo que os resultados não são definitivos.

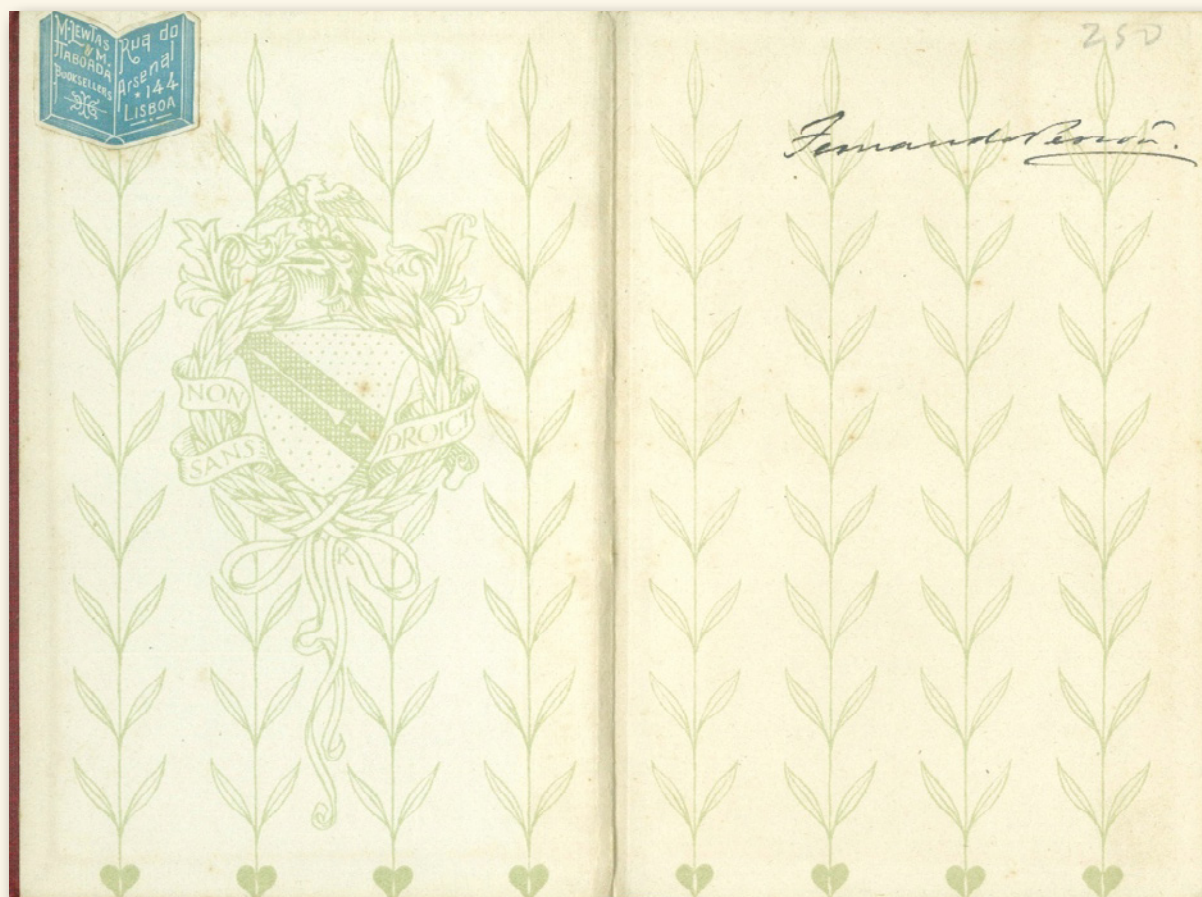


Fig. 2: William Shakespeare, *The Tempest*, verso da capa e folha de guarda inicial. [CFP 8-507].

dedicado ao estudo da presença de Shakespeare na obra pessoana, faz referência à existência de várias versões da tradução pessoana:

Na realidade, e cingindo-nos ao caso de *The Tempest*, podemos afirmar que o esboço de tradução pessoana existe, em várias versões, na biblioteca e no espólio. A primeira, escrita a lápis nas entrelinhas do exemplar de 1908, representa a aproximação preliminar aos problemas linguísticos do texto, com especial relevo para vocábulos, expressões ou versos que ofereciam maior grau de dificuldade. A segunda versão, ainda no mesmo volume mas a tinta, aproveita boa parte da experiência anterior, confirmando soluções e aperfeiçoando aspectos prosódicos (Flor, 1990: 60).

Maria do Céu Estibeira, na sua tese de doutoramento intitulada *A Marginalia de Fernando Pessoa*, refere que o exemplar se encontra “praticamente todo traduzido a lápis nas entrelinhas” (Estibeira, 2008: 250). O *Catálogo da Biblioteca particular de Fernando Pessoa* reproduz duas páginas do exemplar bastante anotadas (Pizarro et al. 2010: pp. 348-349). Mariana Gray Castro refere a existência de marginália neste exemplar nos diversos artigos e ensaios que tem vindo a publicar acerca da presença de Shakespeare na BpFP e a influência do dramaturgo inglês na obra de Pessoa.

A actividade de Pessoa enquanto tradutor também é sobejamente conhecida⁶⁴, sendo que em 2009 a editora Guimarães iniciou uma colecção intitulada “Pessoa Editor”, onde foram publicados alguns dos títulos que Fernando Pessoa tinha planeado publicar na sua empresa Olisipo. Nessa colecção, foram editados diversos volumes, entre os quais, em 2011, *A Tormenta*, nome pelo qual Pessoa se refere, a maioria das vezes, à sua tradução. Nessa edição, prefaciada por Mariana Gray Castro (onde a investigadora faz referência à marginália existente neste exemplar transcrevendo, por exemplo, a canção de Ariel, acto I, cena 2)⁶⁵, deve assinalar-se que a tradução não é a de Fernando Pessoa, mas da autoria de Fátima Vieira (que já havia traduzido *The Tempest* para a editora Campo das Letras, em 2001).

Os projectos pessoanos de traduzir Shakespeare para português, referidos em diversos documentos do espólio⁶⁶ já mencionados, encontraram diversas dificuldades e foram sendo sucessivamente adiados, nunca tendo chegado à publicação.

64 - Para teorias de tradução em Pessoa consultar, por exemplo, Saraiva (1996: 37-58) e Patrício (2012: 285-330).

65 - SHAKESPEARE (2011: 28).

66 - Para uma lista e transcrição destes documentos ver os artigos já citados, publicados nos números 14 e 15 da revista *online* de estudos pessoanos *Pessoa Plural*. Alguns desses documentos também podem ser consultados *online* na página www.pessoadigital.com.

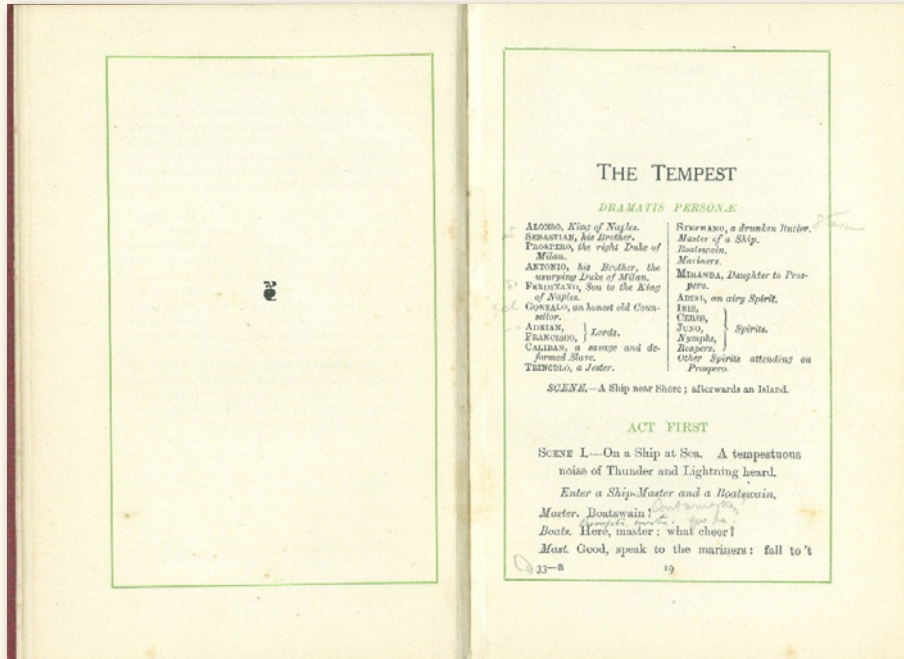


Fig. 3: William Shakespeare, *The Tempest*, pp. [18]-19. [CFP 8-507].

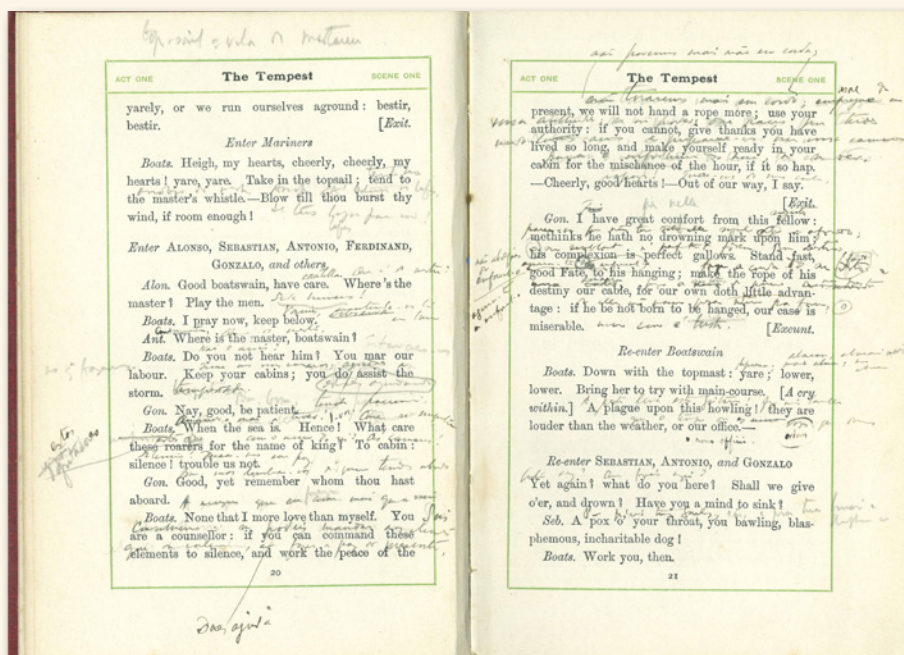


Fig. 4: William Shakespeare, *The Tempest*, pp. 20-21 [CFP 8-507].

And rapt in secret studies. Thy raise uncle—
Dost thou attend me?
Mira. Sir, most heedfully.—
Pro. Being once perfected how to grant suits,
How to deny them, who to advance, and who

Gon. My Lord Sebastian,
The truth you speak doth lack some gentleness,
And time to speak it in; you rub the sore,
When you should bring the plaster.
Seb. Very well.

Figs. 5 e 6: William Shakespeare, *The Tempest*, p. 27 e p. 56; pormenor. [CFP 8-507].

A marginália

O exemplar de 1908 da editora Cassell & Co Ltd. possui uma introdução, seguida do texto da peça e, no final, notas explicativas e um pequeno glossário. Quer a introdução quer as notas ou glossário não possuem anotações. Esta é uma edição de dimensões pequenas, leve e fácil de transportar, e não é difícil imaginar que Pessoa a terá adquirido precisamente com o objectivo de a usar como exemplar de trabalho.

No verso da capa, o exemplar exhibe o selo dos livreiros “M. Lewtas | M. | Taboada | Booksellers | Rua do | Arsenal | 144 | Lisboa”, livraria inglesa onde Pessoa encomendava e adquiria vários dos seus livros⁶⁷. Na folha de guarda à direita, em cima, provavelmente, informação de preço e, abaixo, do centro para a direita, uma marca de posse. A assinatura “Fernando Pessôa”, com acento circunflexo, foi uma forma que, de acordo com carta a Armando Côrtes-Rodrigues de 4 de Setembro de 1916, Pessoa terá usado pelo menos até 1916⁶⁸, onde o remetente informa da decisão de deixar cair o acento circunflexo. Este tipo de assinatura pode igualmente ser encontrado noutros exemplares da BpFP. Além deste, a biblioteca guarda, em muitos dos seus exemplares, diferentes exercícios de assinatura, desde o tempo juvenil, em Durban, sendo também de notar a existência de assinaturas de heterónimos em alguns dos livros.⁶⁹

Na página 19, são elencadas as personagens intervenientes no drama e dá-se o início da acção. Aqui a tradução do nome das personagens é indicada, a lápis de carvão, pela sua terminação em português: na margem à esquerda de “Sebastian”, foi inscrita a terminação “ão”, sugerindo a tradução para ‘Sebastião’; mais abaixo, “do”, para ‘Fernando’; “çalo”, para ‘Gonçalo’; logo abaixo, temos o que nos parece um traço, seguido de “o”, o que sugere a tradução de Adrian para Adriano, ou, se lido como “ão”, a tradução seria Adrião. Na coluna do lado direito, “Stevam”, com «m».

Imediatamente abaixo, no início do primeiro acto, surge um novo instrumento de escrita, a caneta de tinta preta, o que sugere dois momentos de escrita diferentes. Estes dois instrumentos continuam a ser usados alternadamente nas páginas seguintes, 20 e 21.

Na página 20, na margem superior, foi efectuada uma anotação a lápis de carvão, do tipo de entrada de dicionário, onde Pessoa regista a tradução de uma palavra que não seria imediatamente evidente. Continua a lápis de carvão nas entrelinhas, e na linha 7, traduz de “if room enough” para “se tens logar para isso!” com a introdução de

67 - Para mais informações sobre as livrarias onde Pessoa adquiria os seus livros, ver o texto assinado por Antonio Cardiello sob o título “Selos”, <<http://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/index/selos.htm>>.

68 - Nessa missiva, Pessoa refere que vai fazer uma grande alteração na sua vida, tirar o acento circunflexo do seu apelido, porque vai “publicar umas cousas em inglez” e “o inutil ^ [...] prejudica o nome cosmopolitamente” (PESSOA, 2009: 400; [Machado 3953]).

69 - A existência de livros atribuídos a heterónimos, incluindo a passagem de uns para outros, já foi assinalada por diversos investigadores. Está por concluir um estudo sistemático da presença dos heterónimos na BpFP, a partir das marcas de posse aí deixadas.

uma alternativa a “logar”, imediatamente abaixo, “bofes”. Note-se que esta palavra é usada na tradução do primeiro segmento da frase, na linha imediatamente acima, em “Assopra até estourar os bofes.”. Neste caso, seguindo o princípio de *topologia das revisões* definido pela Equipa Pessoa⁷⁰, em que a variante mais afastada do texto é a última lição, lê-se “tento no assobio do mestre. Assopra até estourar os bofes, se tens bofes para isso!”. A posição que a variante ocupa na página deixa poucas dúvidas acerca da cronologia da escrita.

A tradução continua abaixo, a caneta preta: “cautella. Que é do mestre? | Sede homens!”. Em “Sede homens!”, existe um traço de dubitação – um sublinhado com corte a meio – inscrito a lápis de carvão, o que sugere uma terceira campanha. Assim, nas primeiras linhas da p. 19, podem observar-se três momentos de escrita distintos: uma primeira campanha de escrita a lápis, uma segunda campanha, a caneta de tinta preta e uma terceira campanha (de revisão), novamente a lápis, que inscreve o sinal de dubitação.

As páginas 20 e 21 estão fortemente anotadas com estes dois instrumentos de escrita que se sobrepõem e alternam. A utilização alternada dos materiais, assim como a revisão intensa, sugere que a tradução foi sendo interrompida e retomada.

A sobreposição de instrumentos de escrita, normalmente, caneta preta sobre lápis de carvão, indica aprovação do que foi escrito antes (casos em que a sobreposição apenas reproduz o que está escrito antes) mas também, inclusão de variantes, sugerindo, portanto, um escrutínio constante. (*cf.* Shakespeare, 1908: 20). Por outro lado, pode indicar um esforço de preservação, o que implicaria que um período relativamente longo tivesse passado desde a primeira campanha a lápis de carvão, que teria começado a desaparecer.

As páginas seguintes continuam a exibir a utilização destes dois instrumentos, caneta preta e lápis de carvão, em campanhas distintas, e na página 27 surge um terceiro instrumento, o lápis azul.

O uso do lápis azul encontra-se nas páginas 27, 32, 50 e 56. São anotações breves e pontuais, o que sugere a possibilidade de este instrumento de escrita pertencer a uma campanha de revisão independente. Nas páginas 27 e 56 (em pormenor), são introduzidas variantes, o que sugere, no caso de o lápis azul pertencer a uma campanha independente, que esta tenha ocorrido após uma das campanhas a lápis de carvão.

O exemplar regista ainda o uso de um quarto instrumento, uma caneta azul, que também poderá pertencer a uma campanha independente. A utilização desta caneta azul surge na página 44, prolonga-se por mais algumas páginas e desaparece na página 64.

70 - Veja-se o que Ivo Castro escreveu sobre *cronologia relativa e topografia das revisões* (Castro, 2013: 19-20).

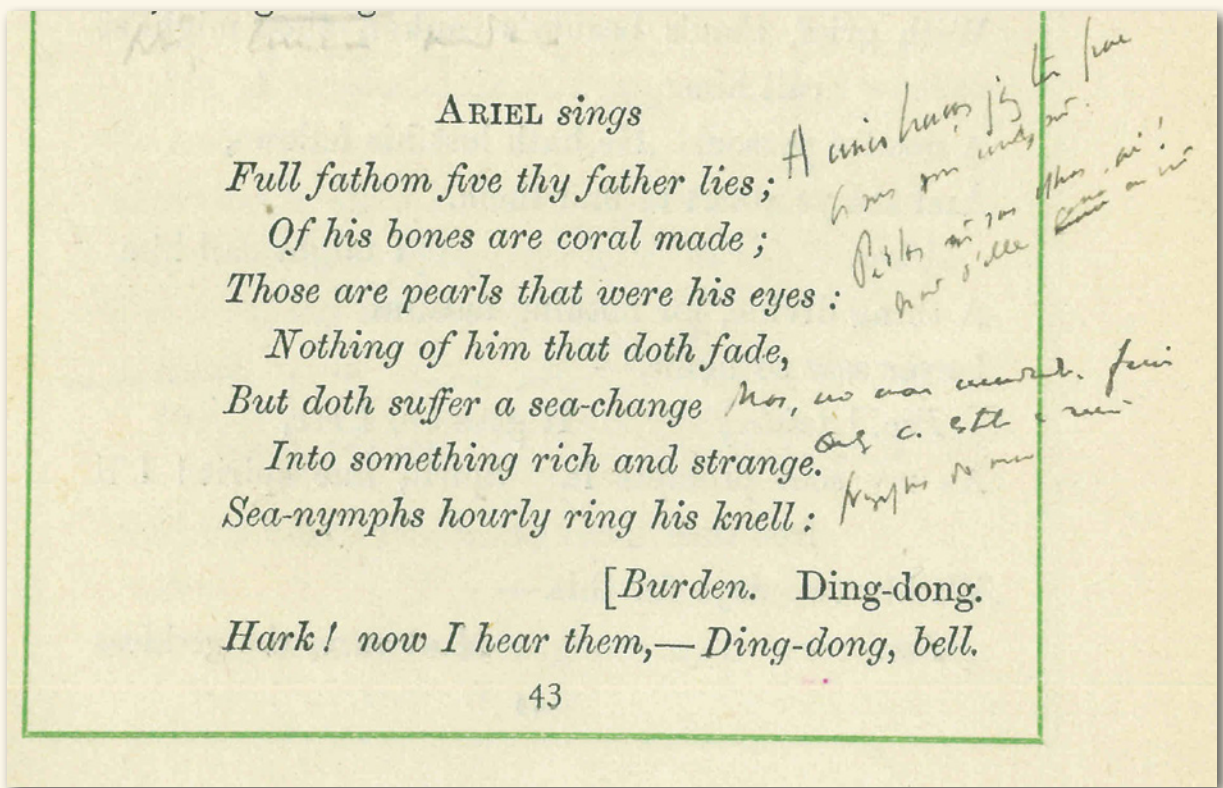


Fig. 6: William Shakespeare, *The Tempest*, p. 43; pormenor. [CFP 8-507].

Na página 50, que corresponde à abertura do segundo acto, foram utilizados todos os instrumentos identificados. Não nos queremos deter por agora numa análise mais detalhada desta página, mas, pelas observações já feitas, é seguro concluir que Pessoa revisitou esta tradução mais do que duas vezes, revelando-se uma preocupação constante de revisão e aperfeiçoamento do texto. Pessoa considerava que

para traduzir Shakespeare de modo a dar uma idéa nitida da maneira e do estylo do original, são precisas qualidades especiaes; não bastam um espirito culto e um conhecimento, embora profundo, da lingua ingleza. A maneira e o estylo de Shakespeare [são] tão individuaes que só pode traduzir Shakespeare bem quem, além de ter aquellas qualidades, esteja, ainda, inteiramente penetrado do espirito da obra shakespeareana. (BNP/E3, 137D-45r)

Também existem anotações que parecem não ter sido objecto de revisão, por exemplo, a canção de Ariel,

*A cinco braças jaz teu pae
Os seus ossos coral, são:
Pé 'las são seus olhos, ai!
Nada d'elle cessa em vão
Mas, no mar mudado ficou
Qualquer cousa estranha e rica
Nymphas do mar □⁷¹*

No 4º verso, a variante “cessa” foi introduzida na entrelinha superior, tendo a anterior, “morre”, sido cancelada, e no sexto verso, “cousa”, aparece abreviado “c.”. Adopta-se a grafia “cousa”, por ser essa a forma da palavra nas restantes ocorrências.

A tradução não chegou a ser publicada pelo que, muito provavelmente, na marginália existente nesta cópia encontra-se a versão mais acabada da tradução pessoana de *The Tempest*. O interesse deste exemplar não se encerra nele próprio, já que estabelece relações com o espólio 3, depositado na Biblioteca Nacional de Portugal, através dos testemunhos anteriormente mencionados: projectos editoriais, cartas e rascunhos com traduções da *Tormenta*. Defendemos que os rascunhos aí existentes pertencerão a uma fase inicial e intermédia em relação às anotações presentes no exemplar de

71 - O □ indica um espaço deixado em branco pelo autor. Já depois de publicado o artigo na revista *Plural*, nº 14, p. 192, onde se transcreve a última palavra como “meu”, Carlos Pittella observou que a palavra correcta deve ser “mar”. Leitura que agradecemos e aceitamos. Outra transcrição desta canção existe em SHAKESPEARE, W., *A Tormenta*, trad. de Fátima Vieira, Babel, 2011, pp. 28-29 e CASTRO, M. *Fernando Pessoa's Shakespeare: The Invention of the Heteronyms*, London: CCC Press, 2016, p. 36.

1908⁷². Sabemos que em 1923 Pessoa considerava que a *Tormenta* estava pronta e apenas a precisar de uma revisão final mas, sete anos depois, a 3 de Dezembro de 1930 e em resposta a um pedido de João Gaspar Simões para publicação na revista *presença*, Pessoa considerava que a revisão não estava concluída mas não pretendia continuar esse trabalho nos meses seguintes. Uma das características de Pessoa era o de trabalhar em diversos projectos em simultâneo. No decorrer do grande intervalo de tempo que a tradução de *The Tempest* ocupou, Pessoa escreveu e projectou muitas outras obras. Talvez no futuro se venha ainda a identificar indícios de alguns desses projectos no texto da *Tormenta*, e *vice versa*.

72 - Para a transcrição e análise destes rascunhos cf. (Filipe: 2018, 127-128; 2019).

Bibliografia

- Castro, Ivo.** *Editar Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013. Uma primeira edição, mais curta, foi publicada em 1990.
- Castro, Mariana Gray.** *Fernando Pessoa's Shakespeare: The Invention of the Heteronyms*. London: CCC Press, 2016.
- Estibeira, M. Céu.** *A Marginalia de Fernando Pessoa*. Dissertação de Doutoramento em Literatura Comparada. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Texto policopiado, 2008.
- Filipe, Teresa.** "Pessoa, tradutor sucessivo de Shakespeare", *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, nº 14, Outono 2018, pp. 120-283. <https://doi.org/10.26300/xvx9-pt32>
- Filipe, Teresa.** "Ainda A Tormenta: adenda a Pessoa, tradutor sucessivo de Shakespeare" *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, nº 15, Primavera 2019. <https://doi.org/10.26300/m854-ps31>
- Flor, João Almeida.** "Shakespeare em Pessoa", in *Shakespeare*, actas de colóquio. Lisboa: Acarte, 1990, pp. 51-63. Grésillon, Almuth. *Éléments de Critique Génétique*. Paris: PUF, 1992.
- Monteiro, Maria da Encarnação.** "Obras em língua inglesa na Biblioteca de Fernando Pessoa", in *Incidências Inglesas na Poesia de Fernando Pessoa*. Coimbra: Coimbra Editora, 1956, pp. 81-102.
- Patrício, Rita.** *Episódios da Teorização Estética em Fernando Pessoa*. Vila Nova de Famalicão: Humus, 2012.
- Pessoa, Fernando.** *Sensacionismo e outros ismos*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.
- Pizarro, Jerónimo; Ferrari, Patricio; Cardiello, Antonio (org.).** *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa / Fernando Pessoa's Private Library*. Alfragide: Dom Quixote, 2010.
- Saraiva, Arnaldo.** *Fernando Pessoa, Poeta-Tradutor de Poetas*. Porto: Lello Editores, 1996.
- Shakespeare, William.** *A Tormenta*. Introdução, Mariana Gray de Castro; tradução e notas, Fátima Vieira. Lisboa: Guimarães Editores. Coleção Pessoa Editor, 2011.
- Shakespeare, William.** *The Tempest*. Cambridge: Cambridge University Press, 1921. [CFP 8-508]
- Shakespeare, William.** *The Tempest*. London, Paris, New York, Toronto & Melbourne: Cassell & Co Ltd. The Century Shakespeare, 1908. [CFP 8-507]
- Shakespeare, William.** *The Complete Works of William Shakespeare*. Edited with a glossary by W. J. Craig. Oxford: Clarendon Press. The Oxford Shakespeare, [s.d.]. [CFP 8-506]

TERESA MONTEIRO

Doação José Blanco
– tratamento
e digitalização

Passados três anos sobre a apresentação pública da Doação José Blanco, faz-se um ponto de situação sobre os trabalhos desenvolvidos em torno desta colecção. Reflectimos sobre o que temos, o que fizemos, que dificuldades encontrámos, como as superámos e aonde queremos chegar. É um projecto de continuidade. Neste âmbito, destacamos a parceria com a Universidade Nova, IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, como marco de boas relações institucionais e a ligação da Casa a uma área que lhe é muito cara: o apoio à investigação pessoana.

Começo por fazer o convite para que regressemos a Setembro de 2015 quando, aqui mesmo, nesta sala, fazíamos o agradecimento e a apresentação da Doação Bibliográfica que o Dr. José Blanco nos dera algum tempo antes, Outubro de 2014. José Blanco, conhecido Pessoa, colecionou ao longo da sua vida um conjunto vasto de documentação em torno de Pessoa. Foi autor de vários livros, conferencista em vários lugares do mundo e administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, onde ao longo dos anos promoveu diversas iniciativas em torno do escritor, nomeadamente no apoio à tradução, que permitiram levar o nome de Pessoa mais longe.

Com esta doação, à Casa Fernando Pessoa coube um conjunto grande e diversificado de documentação.

São cinco núcleos distribuídos por tipologia: monografias, publicações periódicas, ambas avulso ou em miscelânea, caixas *vária*, pastas com impressões e dossiês com recortes de imprensa. 1206 títulos de monografias, 122 títulos de revistas, em volume ou em miscelânea, em língua portuguesa e noutras línguas, de/e sobre Pessoa. Cobrindo um leque temporal que abarca 1913-2014.

Por natureza e tal como nome indica, as miscelâneas agrupam diversos títulos e é importante tratar cada título *per si* para se perceber exactamente o que são e se, de algum modo, esses títulos falam com os restantes. Um dos trabalhos que queremos fazer é precisamente tratá-los e descobrir o que contêm.

Na colecção encontramos exemplares de títulos como *Nova Renascença*, *Brotéria*, *Portuguese Studies – King’s College, London*, ou no que a monografias diz respeito, *The D.H.S. Story, 1866-1966* da autoria de Hubert Jennings, que conta a história dos cem anos da escola secundária frequentada por Pessoa, e onde o Escritor é referido inúmeras vezes e onde o seu retrato surge destacado.

É também interessante saber que foi a partir da escrita deste livro que Hubert Jennings, professor na Durban High School, embora não de Pessoa, nem no tempo em que aquele ali foi aluno, se torna um dos biógrafos, dos tempos de Durban, do escritor português.

Um conjunto de pastas arquivadoras, que o doador designou e bem, *varia*, pois aqui se pode encontrar documentação variada, inclui convites para almoços pessoanos,

palestras nacionais e internacionais, cartazes de espectáculos, exposições baseadas na obra pessoana, fotografias da inauguração do busto de Pessoa em Durban, por exemplo.

No que às Pastas Plásticas diz respeito, trata-se de arquivo de impressões e fotocópias de capítulos de livros menos fáceis de encontrar no mercado corrente.

Por fim, encontram-se 26 dossiês de recortes de imprensa. São, principalmente artigos publicados na imprensa portuguesa, no entanto há alguns dossiês com artigos publicados no estrangeiro. Há um dossiê dedicado a Junho de 1988. O artigo original mais antigo data de 1940, fala sobre a *Mensagem* e é do *Bazar das Letras das Ciências e das Artes*, um suplemento literário do jornal *A Voz*. O artigo mais recente data de 2002.

Existem outros artigos soltos fora destes dossiês.

Em média, cada dossiê tem 120 artigos, pelo que teremos cerca de 3120 artigos no total.

Cada artigo alusivo a Pessoa é recortado e colado numa folha de papel, com indicação do jornal de onde foi retirado e do dia de publicação.

Terminado o trabalho de identificação das espécies, passou-se ao tratamento técnico.

Começámos por trabalhar as monografias.

Nesta data estão inseridos 508 documentos (353 monografias – 149 analíticos).

Isto significa que, dos 353 livros tratados, 149 capítulos foram criados como registos independentes do livro em que estão inseridos porque se entendeu que a sua temática era de tal importância que merecia destaque particular.

A par deste trabalho, rapidamente nos apercebemos de que os recortes de imprensa deveriam avançar o quanto antes. E foi neste momento que procurámos parceria com a Universidade Nova, concretamente do IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, nas pessoas dos professores doutores Fernando Cabral Martins e Pedro Sepúlveda, e ao longo dos últimos 14 meses contámos com o trabalho do investigador João Rafael Gomes, pertencente àquele Instituto.

Existiam muitas formas de abordar e tratar esta documentação, mas existiam dois critérios que queríamos cumprir:

- por um lado, garantir uniformidade face ao que já havia,
- por outro, garantir diálogo com o que já havia.

E o que já havia eram bases de dados bem definidas segundo o fundo documental

a que reportam: concretamente a que constitui a Biblioteca Particular de Fernando Pessoa e a que constitui o que chamamos Geral, pois inclui bibliografia pessoana activa e passiva e a poesia nacional e estrangeira. Julgamos ser a única biblioteca pública portuguesa especializada em poesia.

Por outro lado, era fundamental garantir a liberdade de pesquisa. Ou por base de dados concreta, ou permitir que as várias bases dialogassem entre si e obtivéssemos, por exemplo, toda a documentação sobre determinado autor ou determinado tema, independentemente da base a que esta está afecta.

Foi igualmente critério trabalharmos só originais.

Nesta data, estão tratados artigos até 31 de Dezembro de 1991.

É um trabalho em progresso. O que faremos a seguir é a ligação entre os registos que já concluímos – 1299 – e as suas imagens.

A pesquisa poderá ser feita utilizando vários critérios como: título do artigo, nome do jornal, número, dia de publicação, cotas, entre outros.

No que à pesquisa por assunto diz respeito, pode ser feita por palavra-chave.

Outra decisão, tomada numa das primeiras reuniões, decorreu da percepção de que a colecção que forma esta doação foi a que deu origem à *Pessoana*.

A *Pessoana* é um manual básico de trabalho para qualquer pessoano, uma vez que é o levantamento exaustivo da bibliografia passiva pessoana publicada até 31 de Dezembro de 2004.

Cada entrada na *Pessoana* tem um número, uma ficha bibliográfica e um pequeno texto de resumo e enquadramento da autoria de José Blanco.

O que fizemos foi acrescentar toda esta informação da *Pessoana* a cada registo e torná-la pesquisável.

Assim, o que se obtém num registo final, algo transversal a toda a Doação, é uma ficha de descrição que para além da catalogação inclui os dados da *Pessoana* e uma ligação directa à imagem digitalizada do artigo de imprensa que se procura.

Todas as imagens originais dos recortes de imprensa, já tratados, foram digitalizadas.

Para finalizar, gostaria de dizer que é fácil perceber que há muito para fazer, mas a Casa Fernando Pessoa tem empenhado recursos financeiros, humanos e técnicos para disponibilizar à consulta de todos e o mais rapidamente possível este bem deixado à nossa guarda.

Notas biográficas

Antonio Cardello

MODERADOR

Investigador bolsheiro da FCT com um projecto de pós-doutoramento no Instituto de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa (IFILNOVA), onde é membro integrado do grupo de pesquisa “Questões da Subjectividade: Filosofia e Literatura”. As suas principais áreas de estudo são as perspectivas comparadas entre tradições filosóficas ocidentais e orientais e a filosofia de Fernando Pessoa, com particular interesse no seu Neopaganismo. Co-director do projecto de digitalização da biblioteca particular de Fernando Pessoa (*on-line* desde 2010), editou *Una Stirpe incognita* (EDB Edizioni, 2016) e co-editou *Nietzsche e Pessoa. Ensaio* (Tinta-da-china, 2016), *Philosophy in the Condition of Modernism* (Palgrave Macmillan, 2018) e a primeira edição crítica de *Obra Completa de Álvaro de Campos* (Tinta-da-china, 2014).

Carlos Pittella

Poeta e investigador. Após estudar jornalismo, fez o seu mestrado e doutoramento em Letras na PUC-Rio. Pela Tinta-da-China, co-escreveu *Como Fernando Pessoa Pode Mudar a Sua Vida* (2017), além de editar o *Fausto* de Pessoa (2018) e a biografia pessoana escrita por Hubert Jennings, *Fernando Pessoa, The Poet with Many Faces* (2019). Publicou *Civilizações Volume Dois*, seu primeiro livro de poesia, em Coimbra (2005) e foi professor titular do Global Citizenship Experience em Chicago, onde trabalhou de 2010 a 2014. Pittella adora viajar explorando arquivos e contribui regularmente para a revista *Pessoa Plural*. Atualmente, trabalha como investigador associado na Brown University e é membro integrado do Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa.

Fernando Beleza

Professor auxiliar na Universidade de Newcastle, no Reino Unido. É co-editor do volume de ensaios *Mário de Sá-Carneiro, a Cosmopolitan Modernist* (Peter Lang, 2017) e autor de vários ensaios e capítulos de livros no campo dos estudos culturais lusófonos. Tem publicado artigos e capítulos de livros sobre Fernando Pessoa, cosmopolitismo(s) modernistas, raça, género e sexualidade nas literaturas e culturas (pós-)coloniais lusófonas e ecologias luso-afro-brasileiras.

Nuno Amado

MODERADOR

Professor na Universidade Católica Portuguesa. Completou o seu doutoramento no Programa em Teoria da Literatura, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma tese intitulada *Ricardo Reis (1887-1936)*. Em 2008, obteve no mesmo Programa em Teoria de Literatura o grau de mestre com uma dissertação sobre Franz Kafka. Faz parte da equipa do projecto “Estranhar Pessoa”.

Pedro de Azevedo

Nasceu em Lisboa, onde, desde 1976, é livreiro-antiquário especializado na organização de leilões de livros, manuscritos e gravuras, tendo sido responsável pela realização de mais de 60 leilões nos últimos 40 anos.

Desde 2009, tem colaborado como perito na empresa Cabral Moncada Leilões.

Paralelamente, tem exercido a actividade de avaliador de bibliotecas e arquivos, públicos e privados, destacando-se a colaboração com a Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação da Casa de Bragança, Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, Biblioteca Nacional, Torre do Tombo, Palácios Nacionais de Mafra e Queluz, Faculdades de Medicina, de Letras e de Direito da Universidade de Lisboa, Bibliotecas Municipais e outras instituições.

Os seus serviços de peritagem têm igualmente sido solicitados pela Polícia Judiciária, Tribunais Judiciais de Lisboa, Associação Portuguesa dos Editores e Livreiros e Associação Portuguesa de Antiquários.

Investigador de História do Livro, com larga experiência internacional, é, desde 2008, um dos 50 *Membres d'Honneur* da Association Internationale de Bibliophilie com sede na Biblioteca Nacional de Paris. Em 2016 foi encarregado da avaliação da Biblioteca particular de Fernando Pessoa.

Pedro Sepúlveda

MODERADOR

Professor auxiliar no Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e investigador do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição da mesma faculdade. O seu trabalho centra-se na modernidade literária e filosófica, com acento particular na obra de Fernando Pessoa. Publicou o ensaio decorrente da sua dissertação de doutoramento *Os livros de Fernando Pessoa* (Ática, 2013) e o estudo antológico *O planeamento editorial de Fernando Pessoa* (em co-autoria com Jorge Uribe, INCM, 2016). Coordena o projeto de investigação “Estranhar Pessoa”, financiado pela FCT entre 2013 e 2015 (estranharpessoa.com), e a edição digital dos projetos editoriais e publicações em vida de Pessoa (pessoadigital.pt).

Rita Catania Marrone

Licenciou-se em Filosofia e é mestre em Ciências Filosóficas, pela Università degli Studi di Milano, com a dissertação “Sentieri di Gnosi nell’opera di Fernando Pessoa” [Caminhos de Gnose na obra de Fernando Pessoa]. Foi colaboradora da Cátedra de História da Filosofia I (2012-2014), na mesma universidade. Atualmente é membro do Centro de Literatura Portuguesa (CLP) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e doutoranda do Programa de Doutoramento em Estudos Avançados em Materialidades da Literatura (com financiamento da FCT até outubro de 2018). No âmbito do seu doutoramento, está a desenvolver um projeto sobre a biblioteca esotérica de Fernando Pessoa.

Steffen Dix

Formou-se em Ciência das Religiões (enquanto cadeira principal, com especialização em fenómenos religiosos na literatura europeia), Filosofia e Filologia Portuguesa, e doutorou-se na Universidade de Tübingen em Ciência das Religiões.

Nos últimos anos, trabalhou no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL) paralelamente sobre o modernismo em Fernando Pessoa (nomeadamente em relação aos seus escritos teóricos) e sobre a teoria da secularização. No que diz respeito a estes dois interesses científicos, organizou diversos eventos académicos em Portugal e no estrangeiro, participou em projetos internacionais e divulgou as suas pesquisas em revistas académicas ou editoras internacionais. Está a organizar a edição da Obra Completa de Fernando Pessoa na Alemanha (no Fischer-Verlage; Frankfurt am Main).

Atualmente é coordenador executivo do Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião na Universidade Católica Portuguesa (CITER-UCP), onde desenvolve pesquisas sobre a relação entre o modernismo e as transformações religiosas no século XX. Das suas últimas publicações e edições destacam-se a edição fac-similada da revista *Orpheu* (Tinta-da-china, 2015), *Fernando Pessoa – Orpheu: Schriften zur Literatur, Ästhetik und Kunst* (Fischer-Verlage, 2015) ou “Modernismos portugueses 1915-1917: Contextos, Facetas e Legados da geração Orpheu” (número especial da revista *Pessoa Plural*, 2017, com Patrícia Silva).

Teresa Filipe

Bolseira de doutoramento da FCT (SFRH/BD/118378/2016) em Crítica Textual com um projecto intitulado “Estudo e edição digital da marginália de Fernando Pessoa”, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Licenciada em Filosofia (2010) e mestre em Filosofia Contemporânea (2012) pela Universidade de Évora. Bolseira de investigação no “Projecto de Edição das Obras Completas de Eduardo Lourenço”, Fundação Calouste Gulbenkian/ Universidade de Évora (2010-2015). Autora de *Metafísica da Revolução. Poética e Política no Ensaísmo de Eduardo Lourenço* (2013) e co-tradutora de *O Nomear e a Necessidade*, de Saul Kripke (2012).

Teresa Monteiro

Bibliotecária na ex-Direcção-Geral de Transportes Terrestres, Serviço de Documentação e Informação.

Bibliotecária na Câmara Municipal de Lisboa, coordenação do Centro de Documentação do Edifício Central do Município, coordenação do Serviço de Tratamento Técnico da Rede de Bibliotecas de Lisboa e coordenação da Biblioteca Municipal de São Lázaro. Desde 2010, bibliotecária na Casa Fernando Pessoa.

